



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

WELLINGTON LOPES DOS SANTOS

A LINGUAGEM REGIONAL/POPULAR DO POETA ZÉ VICENTE DA PARAÍBA:
glossário léxico-semântico

JOÃO PESSOA/PB

2018

WELLINGTON LOPES DOS SANTOS

A LINGUAGEM REGIONAL/POPULAR DO POETA ZÉ VICENTE DA PARAÍBA:

glossário léxico-semântico

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal da Paraíba, como requisito para a obtenção do título de Doutor em Letras. Orientadora: Dr^a. Maria do Socorro Silva do Aragão.

JOÃO PESSOA/PB

2018

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S2371 Santos, Wellington Lopes dos.

A linguagem regional/popular do poeta Zé Vicente da Paraíba: glossário léxico-semântico / Wellington Lopes dos Santos. - João Pessoa, 2018.

240 f.: il.

Orientação: Maria do Socorro Silva de Aragão. Tese
(Doutorado) - UFPB/CCHLA.

1. Dialetologia. 2. Lexicologia. 3. Lexicografia. 4. Sociolinguística. 5. Etnolinguística. I. Aragão, Maria do Socorro Silva de. II. Título.

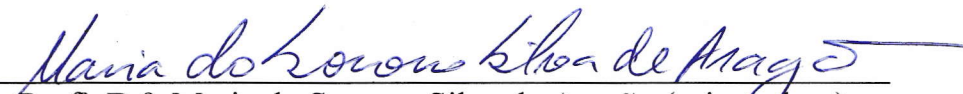
UFPB/BC

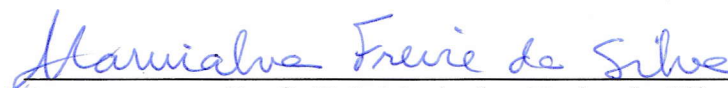
WELLINGTON LOPES DOS SANTOS

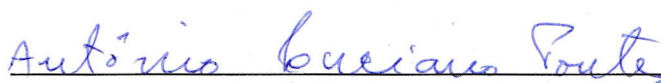
A LINGUAGEM REGIONAL/POPULAR DO POETA ZÉ VICENTE DA PARAÍBA:
glossário léxico-semântico

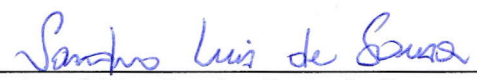
Tese de Doutorado aprovada em sete de maio de 2018.

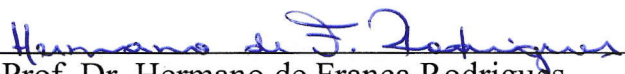
BANCA EXAMINADORA


Prof.^ª. Dr.^ª. Maria do Socorro Silva de Aragão (orientadora)
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)


Prof.^ª. Dr.^ª. Marinalva Freire da Silva
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Dr. Antônio Luciano Pontes
Universidade Estadual do Ceará (UECE)


Prof. Dr. Sandro Luís de Sousa
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
(IF/RN)


Prof. Dr. Hermano de França Rodrigues
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

A minha família, amigos, alunos e
a todos os nordestinos.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ser meu Guia e Protetor em todas as situações da minha vida.

A meus pais, Bezerra e Dira, que sempre me educaram e, sobretudo, conduziram-me para ser o cidadão que sou hoje.

A meu irmão Helber Lopes e a minha sobrinha Bárbara Santos, que participaram ativamente da minha jornada acadêmica.

A meu irmão Kleber Lopes e meu sobrinho Gustavo Lopes que, mesmo distantes fisicamente, fazem-se presentes em meus pensamentos.

À minha tia Ivanize Lopes, que sempre me teve como filho e que há anos vem sonhando com esta vitória.

Às minhas primas, Ivani Florencio, Maristela Florencio e Camila Natasha que são minhas irmãs de coração.

À minha orientadora, prof^a. Dr^a. Maria do Socorro Silva de Aragão que, com a sua competência profissional, sabedoria, amabilidade e dedicação plena, tornou possível a realização desta pesquisa de natureza científica.

Às professoras doutoras, Ivone Lucena e Marinalva Freire, que fizeram a diferença e compartilharam conhecimentos incríveis durante minha jornada acadêmica.

Ao professor doutor, Antônio Luciano Pontes, pelas ricas observações dadas ao trabalho durante a banca de qualificação.

Aos amigos Wilza Fernandes, Analydia Barbosa, Carlos André Lucena, Fernando Júnior, Rodrigo Christo, Camila Loureiro e Márcia Vasconcelos que compartilham diariamente comigo da jornada profissional na Faculdade Estácio Ponta Negra.

Aos Amigos Wellington Medeiros e Rosália Monteiro, pelo companheirismo diário.

Aos amigos José Mauro de Alencar (Júnior do Bode), Herbert Lucena, Wellington Vicente, Wélcio César e Tonha Mota, que foram peças fundamentais para o êxito desta tese.

Aos amigos do PPGL/UFPB, Robson Santiago, Clécia Maria e Sandro Sousa, que compartilharam comigo além de conhecimentos, laços de amizade e companheirismo.

À professora doutora, Lúcia Firmo, pela amizade e companheirismo sinceros.

À secretária do PPGL/UFPB, Rosilene Marafon, pela atenção, amizade e confiança.

Ao PPGL/UFPB, por acolher meu projeto e acreditar no êxito da pesquisa.

Por fim, a todos os meus alunos da graduação e pós-graduação da Estácio e do Centro Universitário UNIFACEX.

*"Sou um filho do Nordeste, pedaço do meu Brasil,
sonhos tenho mais de mil (...)."*
(Zé Vicente da Paraíba)

RESUMO

A cultura popular, em especial, as poesias, os repentes e a literatura de cordel, apresentam-se como importantes ferramentas para análises de natureza linguística. Tais obras poéticas mostram nas suas estrofes um acervo vocabular característico do universo sociocultural no qual o autor está inserido. São, portanto, produções artísticas que revelam uma riqueza linguística inesgotável. Nesta perspectiva, o presente trabalho intitulado: *a linguagem regional/popular do poeta Zé Vicente da Paraíba: glossário léxico-semântico* tem como objetivo principal elaborar um glossário de natureza léxico-semântica da linguagem regional/popular identificada nas obras (poesias e canções) de autoria de Zé Vicente da Paraíba. Estas obras representam, com precisão, a riqueza da linguagem regional/popular da região Nordeste do Brasil. Neste contexto, centenas destas estão registradas e vivas até os dias atuais, enriquecendo a cultura nordestina e contribuindo para os estudos de natureza acadêmica. Já inúmeras outras, em especial, as poesias improvisadas, perderam-se no tempo por falta de registros escritos e audiovisuais. O *corpus* abarcou 39 obras (poesias e canções) que retratam: 1) os contextos social e cultural do homem nordestino que ocupa diversas funções, dentre elas: artista popular, agricultor, vaqueiro e 2) o sertão com suas riquezas e paisagens naturais. A fundamentação teórica primou pelos pressupostos da Dialetoлогия: estudo dos sistemas linguísticos em suas variações geográficas ou sociais (BORBA, 1976), Sociolinguística: linguagem e sociedade (COSERIU, 1987), Etnolinguística: linguagem e cultura (COSERIU, 1987), Lexicologia: estudo científico do léxico (OLIVEIRA; ISQUERDO, 2001); (ARAGÃO, 2005), Lexicografia: elaboração de dicionários, vocabulários e glossários (BIDERMAN, 2001) e Semântica: ciência da significação (MARQUES, 1996); (TAMBA-MECZ, 2006).

Palavras-chave: Dialetoлогия. Lexicologia. Lexicografia. Sociolinguística. Etnolinguística.

ABSTRACT

The popular culture, in particular, poetry, repentes and cordel literature, are presented as important tools for linguistic analysis. These poetic works show in their stanzas a vocabulary characteristic of the sociocultural universe in which the author is inserted. They are, therefore, artistic productions that reveal an inexhaustible linguistic richness. In this perspective, the present work entitled: the regional / popular language of the poet Zé Vicente da Paraíba: lexico-semantic glossary has as main objective to elaborate a glossary of lexico-semantic nature of the regional / popular language identified in the works (poetry and songs) of author of Zé Vicente da Paraíba. These works accurately represent the richness of the regional / popular language of the Northeast region of Brazil. In this context, hundreds of these are registered and alive until the present day, enriching the northeastern culture and contributing to studies of an academic nature. Already countless others, especially improvised poetry, were lost in time for lack of written and audiovisual records. The corpus included 39 works (poetry and songs) that portray: 1) the social and cultural contexts of the Northeastern man who occupies diverse functions, among them: popular artist, farmer, cowboy and 2) the backlands with its riches and natural landscapes. The theoretical basis was based on the presuppositions of Dialectology: study of linguistic systems in their geographical or social variations (BORBA, 1976), Sociolinguistics: language and society (COSERIU, 1987), Ethnolinguistics: language and culture (COSERIU, 1987), Lexicology: study the lexical scientist (OLIVEIRA; ISQUERDO, 2001); (ARAGÃO, 2005), Lexicography: elaboration of dictionaries, vocabularies and glossaries (BIDERMAN, 2001) and Semantics: science of meaning (MARQUES, 1996); (TAMBA-MECZ, 2006).

Keywords: Dialectology. Lexicology. Lexicography. Sociolinguistics. Ethnolinguistics.

RÉSUMÉ

La culture populaire, en particulier la poésie, la littérature repentes et la littérature cordel, sont présentées comme des outils importants pour l'analyse linguistique. Ces œuvres poétiques montrent dans leurs strophes un vocabulaire caractéristique de l'univers socioculturel dans lequel s'inscrit l'auteur. Ce sont donc des productions artistiques qui révèlent une richesse linguistique inépuisable. Dans cette perspective, cette étude intitulée: poète régional / vernaculaire Zé Vicente da Paraíba: glossaire lexico-sémantique vise élaborer un glossaire de la nature lexico-sémantique de la région / vernaculaire située dans les ouvrages (poèmes et chansons) de auteur de Zé Vicente da Paraíba. Ces œuvres représentent avec précision la richesse de la langue régionale / populaire de la région du nord-est du Brésil. Dans ce contexte, des centaines d'entre elles sont enregistrées et vivantes jusqu'à nos jours, enrichissant la culture du nord-est et contribuant à des études de nature académique. Déjà d'innombrables autres, en particulier la poésie improvisée, ont été perdues à cause du manque de documents écrits et audiovisuels. Le corpus comprenait 39 œuvres (poèmes et chansons) qui dépeignent: 1) les contextes sociaux et culturels de l'homme nord-est qui occupe diverses fonctions, y compris: l'artiste folk, fermier, cow-boy et 2) l'intérieur de leur richesse et de paysages naturels. Le fondement théorique excellé par les hypothèses de Dialectologia: étude des systèmes linguistiques dans leurs variations géographiques ou sociales (Borba, 1976), Sociolinguistique: la langue et de la société (Coseriu, 1987), ethnolinguistique: langue et la culture (Coseriu, 1987) Lexicologie: étude le scientifique lexical (OLIVEIRA, ISQUERDO, 2001); (ARAGÃO, 2005), Lexicographie: élaboration de dictionnaires, vocabulaires et glossaires (BIDERMAN, 2001) et Sémantique: science du sens (MARQUES, 1996); (TAMBA-MECZ, 2006).

Mots-clés: Dialectal. Lexicologie Lexicographie. Sociolinguistique. Ethnolinguistique.

LISTA DE FOTOS

Foto 01 - Zé Vicente da Paraíba, em Caruaru, em 2005	20
Foto 02 - Vila de Pocinhos/PB	20
Foto 03 - Brejinho/PE.....	21
Foto 04 - Capa do LP Violeiros (1955)	22
Foto 05 - Capa do LP Repentes e repentistas (1969)	22
Foto 06 - Capa do LP Viola Verso Viola (1976).....	23
Foto 07 - Capa do LP Viola Verso Viola II (1978)	23
Foto 08 - Capa do CD Viola e Amigos (2005).....	24
Foto 09 - Zé Vicente da Paraíba durante o concurso <i>Talentos da maturidade</i>	24
Foto 10 - Viola e chapéu de Zé Vicente da Paraíba	25
Foto 11 - José Mauro de Alencar (Júnior do Bode)	53
Foto 12 - Memorial Luiz Gonzaga em Recife/PE	53
Foto 13 - Herbert Lucena (músico, produtor cultural e amigo de Zé Vicente)	54
Foto 14 - Acervo de Zé Vicente da Paraíba.....	54
Foto 15 - Canção escrita à mão por Zé Vicente	55
Foto 16 - Canções escritas à mão por Zé Vicente	55
Foto 17 - Canções escritas à mão por Zé Vicente	56
Foto 18 - Canções escritas à mão por Zé Vicente	56
Foto 19 - Fotografias impressas de Zé Vicente	57
Foto 20 - Ônibus que faz a linha Caruaru/Altinho	57
Foto 21 - Casa de Zé Vicente da Paraíba em Altinho/PE	57
Foto 22 - Wélcio César e dona Enedina (filho e viúva de Zé Vicente).....	58
Foto 23 - Moldura: matéria de jornal	58

Foto 24 - Moldura: matéria de jornal	59
Foto 25 - Moldura: matéria de jornal	59
Foto 26 - Poetisa Tonha Mota (irmã de Zé Vicente).....	60
Foto 27 – Wellington Vicente (filho de Zé Vicente).....	60

LISTA DE ABREVIATURAS

adj. = adjetivo

adv. = advérbio

exp. = expressão

i. = interjeição

s. f. = substantivo feminino

s. m.= substantivo masculino

sint. nom. = sintagma nominal

sint. verb. = sintagma verbal

v. = verbo

VAR. = variação

LISTA DE SIGLAS

A.H. = Houaiss Dicionário da Língua Portuguesa

A.O. = Dicionário Caldas Aulete Online

F.N. = Dicionário do Nordeste, de Fred Navarro

T.C. = Novo Dicionário de Termos e Expressões Populares, de Tomé Cabral

PND = palavra não dicionarizada

PDSE = palavra dicionarizada com significado equivalente

PDSD = palavra dicionarizada com significado diferente

LISTA DE OBRAS

- Obra 01:** Fiz do choro das cordas da viola o maior ganha-pão da minha vida.
- Obra 02:** Faça um canteiro no peito, plante a semente do amor.
- Obra 03:** Enriquece o juízo do poeta o cair de uma noite no sertão.
- Obra 04:** Casa de xexéu é ninho, não tem barro e nem cimento.
- Obra 05:** São sessenta e seis anos de viola, completando os oitenta de idade.
- Obra 06:** Não há remédio pra dor de coração com saudade.
- Obra 07:** A mata já foi abaixo, a terra com pena chora, o que Deus fez no passado, o homem destrói agora.
- Obra 08:** Casa velha de Sr. Rubens em Altinho.
- Obra 09:** O aborto.
- Obra 10:** Proclamada a República brasileira, o regime da nossa liberdade.
- Obra 11:** Sonhei com o Guaporé, quero ver Rondônia agora!.
- Obra 12:** Xapuri foi enterrado debaixo do cajueiro.
- Obra 13:** Ser digno.
- Obra 14:** Pernambuco é minha vida e Altinho minha razão.
- Obra 15:** Se eu pudesse eu daria cem milhões para não ver meu planeta em outro espaço.
- Obra 16:** Meu peito não cabe mais saudades d'um filho ausente.
- Obra 17:** Pra levar meu fardo na velhice vou pedindo uma ajuda à mocidade.
- Obra 18:** Dê um presente a seu pai, seu amigo a qualquer hora.
- Obra 19:** Sou feliz e vivo bem porque sou iluminada.
- Obra 20:** Eu não sei o que é cidadania, mas vou ver se consigo lhe ajudar.
- Obra 21:** Era o Câmara Cascudo do Agreste, fotocópia fiel de Zé da Luz.
- Obra 22:** Parabéns nesta sua trajetória e bem-estar nas seguidas que virão.
- Obra 23:** Uma estrela luminosa está guiando a sua vida.
- Obra 24:** Um por cento em toda humanidade comemora esta data em qualquer dia.
- Obra 25:** Eu perdi no transporte da velhice a bagagem da minha mocidade.
- Obra 26:** Mas meu dom de poeta viverá até o final de minha vida.
- Obra 27:** Fazenda Riacho Escuro.
- Obra 28:** Vaqueiro por vocação.
- Obra 29:** Destino de vaqueiro.
- Obra 30:** Tributo ao vaqueiro Heleno Gino.
- Obra 31:** A princesinha novilha misteriosa da fazenda Roncador.
- Obra 32:** Vaqueiro do meu sertão.
- Obra 33:** Não posso mais ser vaqueiro.
- Obra 34:** Minha mãe.
- Obra 35:** Quem inventou a saudade?.
- Obra 36:** Mãe com M grande.
- Obra 37:** A minha mãe adotiva.
- Obra 38:** A morte da minha flor.
- Obra 39:** Falso juramento.

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	17
1 ZÉ VICENTE DA PARAÍBA: BREVES CONSIDERAÇÕES	20
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	26
2.1 DIALETOLOGIA	26
2.1.1 Breve percurso histórico dos estudos dialetais no Brasil	27
2.2 SOCIOLINGUÍSTICA.....	30
2.3 ETNOLINGUÍSTICA	32
2.3.1 O repente como manifestação da cultura popular	34
2.4 LÉXICO E LEXICOLOGIA	38
2.5 LEXICOGRAFIA.....	41
2.6 SEMÂNTICA	43
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA.....	49
3.1 A MOTIVAÇÃO.....	49
3.2 PESQUISA DESCRITIVA	49
3.2.1 Levantamento bibliográfico.....	50
3.2.2 Pesquisa Exploratória	50
3.2.2.1 Seleção do corpus	51
3.2.2.2 Delimitação do corpus	51
3.2.2.3 Levantamento dos dados	51
3.2.2.4 Registro dos dados coletados.....	52
3.2.3 Pesquisa de campo.....	52
3.2.3.1 Universo sociogeográfico da pesquisa	52
3.2.3.2 Instrumentos de pesquisa de campo	61
3.3 ORGANIZAÇÃO DO GLOSSÁRIO.....	61
3.3.1 A macroestrutura	61
3.3.2 A microestrutura	62
4 GLOSSÁRIO	63
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	165
REFERÊNCIAS	168
APÊNDICE A - FICHA TERMINOLÓGICA	173
APÊNDICE B - TABELA GERAL DAS PALAVRAS DICIONARIZADAS	174

APÊNDICE C - LISTA DE DICIONARIZAÇÃO HOUAISS.....	175
APÊNDICE D – LISTA DE DICIONARIZAÇÃO AULETE DIGITAL	182
APÊNDICE E – LISTA DE DICIONARIZAÇÃO FRED NAVARRO	189
APÊNDICE F - LISTA DE DICIONARIZAÇÃO TOMÉ CABRAL	195
ANEXOS	200

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Embora no Brasil a língua seja apenas uma: a portuguesa, sabemos que ela é composta de infinitas variedades que resultam em diferenças linguísticas nas esferas regionais e socioculturais. Essa diversidade linguística, muitas vezes, é a realidade de um estado específico, ou até mesmo de toda uma região.

Nesse contexto, é no léxico que se reflete a diversidade de visões de mundo dos indivíduos e os seus variados padrões culturais. No caso da linguagem, em especial, a de uma região específica, há um nivelamento vocabular inter-regional, inerente ao âmbito social restrito em que é utilizada.

Nessa perspectiva, as canções de viola apresentam-se como importantes ferramentas para análises de natureza linguística. Tais obras poéticas mostram nas suas estrofes um acervo vocabular característico do universo sociocultural no qual o autor pertence. São, portanto, poesias que revelam uma riqueza linguística inesgotável.

Para tanto, o objetivo geral deste trabalho é apresentar um glossário léxico-semântico da linguagem regional/popular do poeta, repentista e cordelista, Zé Vicente da Paraíba, considerado um ícone da cultura popular nordestina.

Já os objetivos específicos estão assim organizados:

- 1) Identificar os itens lexicais de natureza regional/popular presentes nas obras de Zé Vicente da Paraíba;
- 2) Registrar os itens lexicais, as acepções e as possíveis variações em ficha lexicográfica;
- 3) Elaborar um glossário léxico-semântico da linguagem regional/popular de Zé Vicente da Paraíba.

O *corpus* deste trabalho será constituído de trinta e nove obras poéticas de autoria de Zé Vicente da Paraíba que retratam a riqueza linguística empregada na região nordeste do Brasil, em especial, nos estados da Paraíba e Pernambuco:

- 1) Fiz do choro das cordas da viola o maior ganha-pão da minha vida;
- 2) Faça um canteiro no peito, plante a semente do amor;
- 3) Enriquece o juízo do poeta o cair de uma noite no sertão;
- 4) Casa de xexéu é ninho, não tem barro e nem cimento;
- 5) São sessenta e seis anos de viola, completando os oitenta de idade;

- 6) Não há remédio pra dor de coração com saudade;
- 7) A mata já foi abaixo, a terra com pena chora, o que Deus fez no passado, o homem destrói agora;
- 8) Casa velha de Sr. Rubens em Altinho;
- 9) O aborto;
- 10) Proclamada a República brasileira, o regime da nossa liberdade;
- 11) Sonhei com o Guaporé, quero ver Rondônia agora!;
- 12) Xapuri foi enterrado debaixo do cajueiro;
- 13) Ser digno;
- 14) Pernambuco é minha vida e Altinho minha razão;
- 15) Se eu pudesse eu daria cem milhões para não ver meu planeta em outro espaço;
- 16) Meu peito não cabe mais saudades d'um filho ausente;
- 17) Para levar meu fardo na velhice vou pedindo uma ajuda à mocidade/ Eu perdi no transporte da velhice a bagagem da minha mocidade;
- 18) Dê um presente a seu pai, seu amigo a qualquer hora;
- 19) Sou feliz e vivo bem porque sou iluminada;
- 20) Eu não sei o que é cidadania, mas vou ver se consigo lhe ajudar;
- 21) Era o Câmara Cascudo do Agreste, fotocópia fiel de Zé da Luz;
- 22) Parabéns nesta sua trajetória e bem-estar nas segundas que virão;
- 23) Uma estrela luminosa está guiando a sua vida;
- 24) Um por cento em toda humanidade comemora esta data em qualquer dia;
- 25) Eu perdi no transporte da velhice a bagagem da minha mocidade;
- 26) Mas meu dom de poeta viverá até o final de minha vida;
- 27) Fazenda Riacho Escuro;
- 28) Vaqueiro por vocação;
- 29) Destino de vaqueiro;
- 30) Tributo ao vaqueiro Heleno Gino;
- 31) A princesinha novilha misteriosa da fazenda Roncador;
- 32) Vaqueiro do meu sertão;
- 33) Não posso mais ser vaqueiro;
- 34) Minha mãe;
- 35) Quem inventou a saudade?;
- 36) Mãe com M grande;
- 37) A minha mãe adotiva;

38) A morte da minha flor;

39) Falso juramento.

A presente tese justifica-se na medida em que toda pesquisa de natureza léxico-semântica é de suma importância para os estudos linguísticos e, sobretudo, por esta, em especial, ser inédita por se tratar da primeira pesquisa de natureza acadêmica e linguística (léxico/semântica) que estuda as obras do poeta Zé Vicente da Paraíba.

Além da Dialetoлогия que é o estudo dos dialetos e das variações contidas em um determinado espaço geográfico, esta pesquisa será embasada também pela Sociolinguística que é o estudo das relações entre língua e sociedade; Etnolinguística que é o estudo das relações entre língua e cultura; Lexicologia que é o estudo científico do léxico; Lexicografia que é a técnica para elaborar dicionários e, por último, a Semântica que é o estudo científico do significado das palavras, da frase e dos enunciados.

Para tanto, este estudo está organizado em cinco capítulos distintos, porém interligados no que se refere aos estudos de natureza linguística:

O primeiro capítulo faz um percurso histórico na vida e obra do poeta, repentista e cordelista, Zé Vicente da Paraíba;

O segundo capítulo trata do embasamento teórico que fundamentou este estudo a partir das teorias linguísticas: Dialetoлогия, Sociolinguística, Etnolinguística, Lexicologia, Lexicografia e Semântica;

O terceiro capítulo disserta sobre os procedimentos metodológicos utilizados neste trabalho. Primeiro, detalha a motivação para estudar as obras de Zé Vicente da Paraíba; segundo, mostra as demais etapas do trabalho a partir das pesquisas bibliográfica (teorias linguísticas: Dialetoлогия, Sociolinguística, Etnolinguística, Lexicologia, Lexicografia e Semântica) e exploratória (seleção do corpus, delimitação do corpus, levantamento dos dados, registro dos dados coletados, pesquisa de campo: universo sociogeográfico da pesquisa e instrumentos da pesquisa de campo).

O quarto capítulo aborda a organização do glossário a partir da macroestrutura e da microestrutura adotadas;

O quinto e último capítulo é o mais relevante de todos e atende o objetivo geral deste estudo: o glossário léxico-semântico da linguagem regional/popular de Zé Vicente da Paraíba;

Por fim, seguem as considerações finais, as referências, os apêndices e os anexos.

1 ZÉ VICENTE DA PARAÍBA: BREVES CONSIDERAÇÕES

José Vicente do Nascimento, o Zé Vicente da Paraíba - poeta, repentista e cordelista – foi um artista nordestino que deixou um vasto acervo poético que retrata com exatidão os hábitos, costumes e as crenças do homem sertanejo. Ganhou projeção artística não apenas no cenário regional, mas também nacional.

Foto 1: Zé Vicente da Paraíba em Caruaru (2005)



Foto: Euclides Ferreira

Autor de centenas de poesias que revelam com precisão a riqueza da linguagem regional/popular da região Nordeste e que estão registradas e vivas até os dias atuais enriquecendo a cultura nordestina, bem como contribuindo para os estudos de natureza acadêmica. Já inúmeras outras poesias que foram improvisadas, perderam-se no tempo por falta de registros escritos, em áudio e audiovisuais.

Zé Vicente da Paraíba nasceu em 7 de agosto de 1922, na vila de Pocinhos, naquela época, pertencente ao município de Campina Grande, no estado da Paraíba.

Foto 2: Vila de Pocinhos/PB



Imagem disponível em: <http://www.estacoesferroviarias.com.br/paraiba/pocinhos.htm>

Filho de agricultor e camponesa mudou-se, em 1934, para o estado de Pernambuco onde aprendeu as primeiras letras, na escola do Sítio Laje do Agostinho, município de Brejinho (região pernambucana de rica tradição poética, tanto no improviso de cantoria, como na roda de glosa, uma arte dominada por muita gente da localidade).

Foto 3: Brejinho/PE



Imagem disponível em: <http://mapio.net/a/14574915/?lang=pt>

Foi nesse ambiente poético que Zé Vicente da Paraíba cresceu. Ele sempre acompanhou o seu pai para assistir as cantorias da região, o que lhe deu a oportunidade de conhecer pessoalmente os repentistas da época. A partir daí, nasceu o desejo de tornar-se um cantador de viola profissional.

Em 1939, aos 17 anos, Zé Vicente da Paraíba recebeu de seu pai o melhor presente de aniversário: uma viola. O instrumento musical deu-lhe a oportunidade de cantar nas noites com os cantadores da mesma idade. No dia 20 de janeiro de 1940, realizou a sua primeira cantoria profissional na Vila de Brejinho, durante a festa religiosa de São Sebastião.

A partir daí, Zé Vicente da Paraíba fez do choro das cordas da viola o maior ganha-pão da sua vida, marcando uma trajetória artística não apenas na região nordeste, mas também na região sudeste do Brasil.

Em 1955, em Recife, gravou juntamente com Jacinto Silva, Aristo José dos Santos e a fábrica de discos Rozenblit Ltda o primeiro LP de violeiros repentistas do Brasil, cuja obra artística inédita no Brasil ganhou o título de *Violeiros*.

Foto 4: Capa do LP Violeiros (1955)



Fonte: arquivo do pesquisador

Em 1969, Zé Vicente da Paraíba, juntamente com o cantor Passarinho do Norte, gravou o segundo LP, intitulado: *Repentes e repentistas* que só foi oficialmente lançado em 1972.

Foto 5: Capa LP Repentes e repentistas (1969)



Fonte: arquivo do pesquisador

Em 1976, Zé Vicente da Paraíba lançou o terceiro LP, intitulado: *Viola, verso e viola*, pela fábrica de discos pernambucana, Rozenblit Ltda.

Foto 6: Capa do LP Viola Verso Viola (1976)



Fonte: arquivo do pesquisador

Em 1978, lançou o quarto LP, denominado: *Viola, verso e viola II*, pela fábrica de discos pernambucana, Rozenblit Ltda.

Foto 7: Capa do LP Viola Verso Viola vol. II (1978)



Fonte: arquivo do pesquisador

Em 2005, Zé Vicente da Paraíba, lançou o CD *Viola e amigos* – uma coletânea dos seus maiores sucessos e poemas inéditos com a participação de vários amigos – sob a produção dos músicos Herbert Lucena e Tarcísio Almeida.

Foto 8: Capa do CD Viola e Amigos (2005)



Fonte: arquivo do pesquisador

Em 2006, venceu a 8ª edição do concurso *Talentos da maturidade* – evento promovido pelo Banco Real, em Curitiba/PR - na categoria Contador de Histórias, com o conto: *Minha viola, minha vida*, que relata a sua grande alegria ao ganhar de presente a primeira viola.

Foto 9: Zé Vicente da Paraíba, em 2006, em Curitiba – PR



Fonte: Fanpage (Facebook) de Zé Vicente da Paraíba

Em 9 de maio de 2008, Zé Vicente da Paraíba, faleceu aos 85 anos, vítima de um acidente vascular cerebral deixando um legado poético de naturezas regional e popular que ficou eternizado em registros escritos (próprio punho), áudio, audiovisual, jornalísticos e literários.

Foto 10: Viola e chapéu pertencentes a Zé Vicente da Paraíba



Foto disponível em: <https://www.luizberto.com/cordeis-volantes/8-anos-de-saudade>

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 DIALETOLOGIA

A Dialetoologia é uma disciplina de natureza linguística que tem como principal objeto de estudo os dialetos e as variações contidas em um determinado espaço geográfico. Nesse contexto, ocupa-se, sobretudo, em analisar e descrever os falares regionais com suas respectivas delimitações geográficas.

De acordo com Câmara Jr. (1978, p. 94-95), a Dialetoologia é o “estudo do arrolamento, sistematização e interpretação dos traços linguísticos dos dialetos”. Para esse autor a Dialetoologia é desenvolvida através de duas técnicas distintas: 1) *a geografia linguística*: que objetiva a distribuição geográfica de cada traço linguístico dialetal apresentado nos Atlas Linguísticos e 2) *a descrição dos falares por meio de monografias dedicadas a uma dada região*: gramáticas e glossários regionais.

Desse modo, Borba (1976, p. 31) acrescenta que a Dialetoologia é o “estudo dos sistemas linguísticos em suas variações geográficas ou sociais”. Nessa linha de raciocínio, Dubois (1978, p. 185) corrobora afirmando que a Dialetoologia “assumiu a tarefa de descrever comparativamente os diferentes sistemas ou dialetos em que uma língua se diversifica no espaço e de estabelecer-lhe os limites” e, portanto, “emprega-se também para a descrição de falas tomadas isoladamente, sem referência às falas vizinhas ou da mesma família”.

Ainda de acordo com esse autor, a Dialetoologia se encaixa em dois princípios iniciais: 1) a descrição dos diferentes sistemas ou dialetos em que se diversifica uma língua e 2) o estabelecimento dos limites de um espaço geográfico de uma fala que pode ser tomada isoladamente sem se preocupar com os falares vizinhos ou com os que pertençam a mesma família linguística (DUBOIS, 1978).

Vale ressaltar que a Dialetoologia e a Geografia Linguística estão intimamente ligadas e chega a ser quase impossível separar uma da outra. Desse modo, a Geografia Linguística é “a parte da Dialetoologia que se ocupa em localizar as variações das línguas em relação às outras”. (DUBOIS, 1978, p. 304).

Nessa perspectiva, Câmara Jr (1978, p. 94) reforça que “a Geografia Linguística consiste em levantar mapas da distribuição geográfica de cada traço linguístico dialetal” e, portanto, a Dialetoologia e a Geografia Linguística são disciplinas que se complementam em suas técnicas e em seus objetivos. A única diferença entre as duas disciplinas está na forma de apresentar o estudo dos dialetos.

Nesse contexto, a Geografia Linguística apresenta os dados (levantamento cartográfico das características dialetais) em Atlas Linguísticos e a Dialetoologia apresenta os dados

(variações da língua: fonética, sintática, fonológica e lexical) através da elaboração de obras lexicográficas.

2.1.1 Breve percurso histórico dos estudos dialetais no Brasil

De acordo com Cardoso (1999, p. 234), o primeiro registro de natureza dialetal sobre o português no Brasil foi elaborado por Domingos Borges de Barros e Visconde de Pedra Branca “[...] que escreveram, em 1926, quando ministro plenipotenciário do Brasil na França e a pedido do geógrafo vêneto Adrien Balbi, um informe sobre *lês differences que le dialecte brésilien pourrait présenter, compare à La langue Du Portugal*”.

Para essa autora, esse registro está publicado entre “as páginas 172 – 175 da *Introduction à l’Atlas ethnographique Du globe*” e trata-se de uma lista de palavras que apresenta um rol de oito nomes que mudam de significação e outro de cinquenta nomes usados exclusivamente no Brasil (CARDOSO, 1999).

Nesse contexto histórico, Cardoso (1999, p. 234), defende que “a partir de então, costuma-se considerar iniciada a história dos estudos dialetais no Brasil para a qual atribui três diferentes etapas [...]”: A primeira fase aconteceu entre 1826 e 1920 e os trabalhos produzidos direcionam-se para o estudo do léxico e de suas especificidades no português no Brasil. São dicionários, vocabulários e léxicos regionais:

- ✓ Dicionário da Língua Brasileira, de Luiz Maria Silva Pinto (1832);
- ✓ Vocabulário brasileiro para servir de complemento aos dicionários da língua portuguesa, de Brás da Costa Rubim (1853);
- ✓ Glossário de vocábulos brasileiros, tanto dos derivados como daqueles cuja origem é ignorada, de Visconde de Beaurepaire – Rohan (1883);
- ✓ Dicionário de vocábulos brasileiros, de Visconde de Beaurepaire – Rohan (1889);
- ✓ A linguagem popular amazônica, de Macedo Soares (1884);
- ✓ O tupi na geografia nacional, de Theodoro Sampaio (1901);
- ✓ Glossário paraense, de Vicente Chermont de Miranda (1905);
- ✓ Apostilas ao dicionário de vocábulos brasileiros, de P. Carlos Teschauer (1912);
- ✓ Dicionário de brasileirismos, de Rodolfo Garcia (1912).

Ainda conforme Cardoso (1999, p. 234-235), integrando essa primeira fase dos estudos dialetais no Brasil encontra-se “um primeiro estudo de natureza mais ampla e de cunho gramatical, *o idioma hodierno de Portugal comparado com o do Brasil*, escrito pelo brasileiro José Jorge Paranhos da Silva (1879)”. A referida obra “trata dos diferentes aspectos da variação do português do Brasil *versus* o português de Portugal [...]”.

A segunda fase dos estudos dialetais no Brasil se deu entre os anos de 1922 e 1952. O trabalho que marcou o início dessa fase foi o *Dialeto Caipira*, de Amador Amaral. Conforme Cardoso (1999, p. 235), *O dialeto Caipira* “nasceu da preocupação de Amaral com o processo de dialeção do português brasileiro, sobre o qual e até aquela época pouco se sabia ou se tinha escrito”.

Ainda de acordo com esta autora, a segunda fase também foi marcada pelos primeiros passos para o desenvolvimento da Geolinguística no Brasil, bem como pela produção de trabalhos voltados para a observação de uma área determinada, buscando descrever os fenômenos que a caracterizam não só do ponto de vista semântico-lexical, mas também fonético-fonológico e morfossintático.

Nessa fase dos estudos dialetais existe uma preocupação com uma metodologia de abordagem dos fenômenos orientada para o exame da realidade, observada *in loco* e considerada nos seus diferentes aspectos e, portanto, são estudos de caráter monográfico (CARDOSO, 1999).

Em 1922, é publicado por Antenor Nascentes *O linguajar carioca* (primeira edição) e logo em seguida *O linguajar carioca* (segunda edição). De acordo com Cardoso (1999, p. 235-236), Antenor Nascentes, “preocupa-se, inicialmente, em definir o que entende por *falar brasileiro* e procura situar o linguajar carioca no conjunto desses falares”. Ainda para essa autora, além da contribuição específica que traz para o conhecimento do dialeto carioca ao estudar aspectos da fonética, morfologia, sintaxe e léxico, *o linguajar carioca* destaca-se pela proposta, primeira, de divisão dialetal do Brasil.

Em 1934, Mário Marroquim, publica *A língua do Nordeste*, tendo como área de estudo os Estados de Alagoas e Pernambuco. Desse modo, as três obras em destaque, reúnem-se a outras que caracterizam essa segunda fase, as quais distribuem, segundo o enfoque que as domina, em quatro grupos distintos: os léxicos e os glossários regionais, as obras de caráter geral, as obras de caráter regional e os estudos específicos sobre a contribuição africana (CARDOSO, 1999).

No primeiro grupo: os léxicos e os glossários regionais estão inseridas as obras: *Vocabulário gaúcho*, de Roque Callage (1926); *Dicionário dos animais do Brasil*, de Rodolfo Von Ilhering (1931); *Vocabulário do Nordeste do Rio Grande do Sul – Linguagem dos praieiros*, de Dante de Laytano (1933); *O vocabulário pernambucano*, de Pereira da Costa (1937) e *Vocabulário amazonense*, de Alfredo Maia (1939).

No segundo grupo, estão as obras de caráter geral que de acordo com Cardoso (1999, p. 237), “analisam as questões numa perspectiva mais ampla e globalizante”: *O ritmo da*

língua nacional, de Álvaro Maia (1926); *O português do Brasil*, de Renato Mendonça (1937); *O problema da língua portuguesa*, de Silvio Elia (1940) e *A Língua no Brasil*, de Gladstone Chaves de Melo (1946).

O terceiro grupo integra as obras de caráter regional que, conforme Cardoso (1999, p.237), aborda “particularmente aspectos de uma área geográfica e fenômenos específicos de uma dada região”. São elas: *A linguagem dos cantadores*, de Clóvis Monteiro (1933); *A linguagem de Goiás*, de José Aparecido Teixeira (1944) e *A linguagem popular na Bahia*, de Edison Carneiro (1951).

O quarto grupo se insere nas obras que estudam a contribuição africana para o português brasileiro: *O elemento afro-negro na língua portuguesa*, de Jacques Raimundo (1933); *A influência africana no português do Brasil*, de Renato Mendonça (1933) e *Os africanismos no dialeto gaúcho*, de Dante de Laytano (1936).

A terceira fase dos estudos dialetais no Brasil também foi marcada pelo trabalho de Serafim da Silva Neto com uma produção da qual se destacam a *Diferenciação e unificação do português do Brasil* e *Capítulos da história da língua portuguesa falada no Brasil*, publicados em 1946 e, em 1950, reunidos na *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*. (CARDOSO, 1999).

Ainda conforme a autora supracitada, a terceira e última fase dos estudos dialetais em território brasileiro tem como marco: O Decreto 30.643, de 20 de março de 1952, que, ao definir as finalidades da Comissão de Filologia da Casa de Rui Barbosa, que vinha de ser criada, assentava como a principal delas a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil. Essa prioridade é retomada pela Portaria 536, de 26 de maio do mesmo ano, que, ao baixar instruções referentes à regulamentação do Decreto, põe ênfase na elaboração do Atlas Linguístico do Brasil.

Na terceira fase os estudos dialetais do Brasil ganharam uma nova abordagem em relação aos fenômenos da variação linguística no País e, conforme Cardoso (1999, p. 237–238), isso se deu graças ao trabalho de figuras pioneiras, das quais destacam-se os estudiosos “Antenor Nascentes, Serafim da Silva Neto, Celso Cunha e Nelson Rossi que se empenharam na implantação de um novo momento para a Dialectologia brasileira: o início dos estudos de geografia linguística”.

Nesse contexto, Antenor Nascentes publica as *Bases para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil*, obra em dois volumes saídos o primeiro em 1952 e o segundo em 1961, na qual estabelece passos fundamentais para o início do trabalho nesse campo. Discute, na pequena introdução, as vantagens de um atlas feito ao mesmo tempo para todo o País, mas

reconhece a impossibilidade de sua concretização nesses termos entre nós, argumentando com a vastidão do nosso território e a dificuldade de acesso aos diferentes pontos (CARDOSO, 1999). Nessa perspectiva, ainda conforme Cardoso (1999, p. 237), Serafim da Silva Neto “pugnou, a cada momento, pela necessidade e pela urgência de se estudarem os falares brasileiros” e, portanto, “sugeriu que as Faculdades de Filosofia realizassem a cada ano um curso de Dialectologia Brasileira e procurou definir com muita clareza as tarefas que considerava urgentes para a concretização dos estudos dialetais no Brasil”.

Nesse contexto histórico, o primeiro passo concreto, no campo da Geolinguística, vem a ser dado por Nelson Rossi que publica, em 1963, o *Atlas Prévio dos Falares Baianos* e, portanto, tornou-se o pioneiro na aplicação da geografia linguística no Brasil colocando-se entre os que, com maior rigor científico e precisão metodológica, se empenharam na implantação dos estudos dialetais (CARDOSO, 1999).

Por fim, vale ressaltar que os estudos dialetais percorrem o nosso País desde o ano de 1826 até os dias atuais e vêm ganhando forças gradativamente a partir do crescimento considerável de teses de doutorado e de dissertações de mestrado no campo da Dialectologia. No próximo item trataremos sobre a Sociolinguística na investigação sobre as relações entre língua e sociedade.

2.2 SOCIOLINGUÍSTICA

É o ramo da Linguística que tem como objeto de estudo a relação entre língua e sociedade. Nesse contexto, a Sociolinguística estuda as variações linguísticas de uma determinada comunidade de falantes, tanto no que se refere ao aspecto social como cultural.

Do ponto de vista linguístico, faz-se necessário limitar a Sociolinguística como disciplina linguística não sociológica ao estudo da variedade e variação da linguagem em relação com a estrutura social das comunidades falantes. (COSERIU, 1987).

Para esse autor, no plano do falar em geral se estabelecem os fundamentos racionais da Sociolinguística, pois:

O objeto da Sociolinguística como disciplina descritiva no plano universal é o grau de conhecimento e utilização das normas gerais do falar em relação com a estrutura sócio-cultural das comunidades. Mas, como o que se fala é sempre uma língua, a correlação só pode estabelecer-se para o mesmo conhecimento da língua considerada. (COSERIU, 1987, p. 29).

Nesse sentido, a respeito da língua como instrumento de comunicação e interação social, concordamos com Silva (2017, p.16), quando afirma que “[...] a língua não é

exclusivamente um magnífico instrumento para a comunicação, mas também um dos mais patentes sinais de identidade individual e coletiva dos seres humanos”.

Historicamente, a Sociolinguística só ganhou destaque na década de 60, a partir dos estudos do americano Willian Labov, inspirada, sobretudo, no modo investigativo e sociológico de registrar, descrever e analisar sistematicamente a variedade linguística nas suas diversas acepções.

Assim sendo, a Sociolinguística entende a língua como um objeto de interação social que surge e se transforma de acordo com o contexto socio-histórico dos falantes. Nesse sentido:

[...] a Sociolinguística surge, numa primeira abordagem, como uma via “outra”, “contra”, “a mais”, “para melhor” que a via já bem trilhada da Linguística Descritiva, retomando necessariamente uma série de oposições, tais como as de língua/fala, uniformidade/diversidade, simplicidade/complexidade, função/uso, fala/ato de fala, código/fala, função/estrutura, contexto/mensagem, linguagem/situação, linguagem/homem ou Antropologia. (SUMPFF, 1968 apud PRETI 1977, p. 6).

Nessa perspectiva, a Sociolinguística estuda a variedade linguística baseada em três grandes pontos de vista, assim distribuídos: diatópicos, diastráticos e diafásicos.

[...] diferenças no espaço geográfico ou *diatópicas*, diferenças entre as camadas sócio-culturais ou *diastráticas* e diferenças de modalidade expressiva segundo as circunstâncias permanentes ou ocasionadas do falar, ou diferenças *diafásicas*; e unidades sintópicas (ou “dialetos”), unidades sinstráticas (ou “níveis de língua”) e unidades sinfásicas (ou “estilos de língua”) (COSERIU, 1987, p. 29).

De acordo com Coseriu (1987), é importante ressaltar que a Sociolinguística é uma disciplina de natureza linguística descritiva e que atua nos planos: 1) Universal (falar em geral), 2) histórico e 3) individual dos discursos.

No plano universal, estabelecem-se os fundamentos racionais da Sociolinguística: o caráter social da linguagem e o seu sentido. Assim sendo, o objeto de estudo da Sociolinguística nesse plano é o grau de conhecimento e utilização das normas gerais do falar em relação com a estrutura sociocultural de uma determinada comunidade.

No plano histórico, é objeto de estudo da Sociolinguística o grau de conhecimento e utilização da língua comum nas diferentes camadas socioculturais. Já no plano individual dos discursos, é objeto de estudo da Sociolinguística os tipos de discursos e das diferenças estruturais entre os mesmos nas camadas sócio-culturais, bem como o estudo das diferenças diastráticas em qualquer tipo de discurso.

A respeito da distinção entre Linguística Sociológica (Sociolinguística) e Sociologia da Linguagem o autor supracitado, alerta:

Se o objeto de estudo é a linguagem, se o que se estuda é a linguagem mesma, as diferenças linguísticas em relação à estratificação social, o que se faz é sociolinguística propriamente dita [...] ou [...] linguística sociológica, para a qual a sociologia é somente disciplina auxiliar [...]. Mas se ao contrário [...] o objeto de estudo é o contexto social, as relações sociais como tais, se comprova quem fala um tipo de linguagem x (que não se estuda como tal), [...] se faz sociologia da linguagem, disciplina para a qual a linguística é somente auxiliar, enquanto identifica os tipos de linguagem a considerar. (COSERIU, 1987, p. 35).

A prática da pesquisa sociolinguística vem ganhando crescente interesse científico e o crescimento da Sociolinguística na contemporaneidade tem algumas causas evidentes: a “[...] preocupação com as minorias étnicas, particularmente em países de ampla imigração estrangeira, como os Estados Unidos, Brasil, Argentina, Chile, etc [...]” e “[...] a preocupação de integrar as minorias linguísticas, rompendo barreiras de ambos os lados [...]”. (FONSÊCA; NEVES, 1974, p.10-11).

Ainda de acordo com essas autoras, temas relacionados a pesquisas sociolinguísticas aparecem nas melhores revistas científicas e são parte de mesas redondas e comunicações em seminários e congressos científicos pelo mundo afora. (FONSÊCA; NEVES, 1974).

Por fim, a Sociolinguística se insere no contexto acadêmico e científico como uma disciplina que se inspira nos métodos sociológicos de pesquisa através de registros, observações, descrições e análises para estudar a variação linguística de uma determinada comunidade de falantes. No item seguinte, abordaremos a importância da Etnolinguística na investigação das relações entre língua e cultura.

2.3 ETNOLINGUÍSTICA

O presente trabalho também será fundamentado através dos pressupostos teóricos da Etnolinguística, pois investiga, sobretudo, a linguagem regional/popular empregada na região Nordeste do Brasil identificada nas obras do poeta Zé Vicente da Paraíba.

A Etnolinguística trata das relações entre a língua e cultura na sociedade a que pertencem os seus falantes (ARAGÃO, 2005) e, nesse contexto, a linguagem ora analisada dá conta dos hábitos, valores, crenças e costumes comuns ao universo sociocultural, sobretudo, dos estados da Paraíba e Pernambuco onde o poeta Zé Vicente da Paraíba viveu os seus 86 anos de idade.

Ao estudarmos a relação entre língua e cultura, não podemos perder de vista os conceitos desta última, pois a cultura pode ser vista como o “complexo dos padrões de comportamento, de crenças, das instituições, das manifestações artísticas, intelectuais, etc; transmitidos coletivamente e típicos de uma sociedade [...]” (FERREIRA, 2004, p. 197); bem como, o “[...] complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade” (LARAIA, 2009, p. 25).

Nessa perspectiva, a Etnolinguística é o ramo da Linguística que se ocupa de estudar a relação linguagem e cultura. De acordo com Coseriu (1987, p. 28), a Etnolinguística “é o estudo da linguagem em relação com a civilização e cultura das comunidades falantes”.

Para esse autor, do ponto de vista linguístico, é importante limitarmos o campo de atuação da Etnolinguística como disciplina linguística e não etnológica ao estudo da variedade e variação da linguagem em relação com a civilização e cultura.

Desse modo, a Etnolinguística é uma disciplina de natureza linguística descritiva que atua nos planos: 1) Universal (falar em geral), 2) histórico e 3) individual dos discursos. No plano universal, a Etnolinguística estuda a relação entre a linguagem e os diferentes tipos de cultura. No plano histórico, a Etnolinguística é o estudo da civilização e da cultura refletidas nas línguas, ou seja, fundamentalmente da organização da cultura material e intelectual manifestada no léxico. Inclui-se, nesse plano, o saber relativo às relações sociais e à linguagem como parte da realidade cultural organizada nas línguas mesmas. Já no plano dos discursos, a Etnolinguística ocupa-se do estudo dos discursos tradicionais específicos de uma determinada cultura (COSERIU, 1987).

Tendo em vista que são estudos distintos, faz-se necessário distinguirmos com precisão os campos de atuação da Etnolinguística, Etnografia linguística e Etnografia da linguagem. Tal distinção se dá partindo da correlação: linguagem e cultura. Caso o objeto de estudo seja a linguagem e trata dos fatos linguísticos enquanto determinados pelos saberes acerca das coisas, faz-se Etnolinguística propriamente dita ou Linguística etnográfica. Caso o objeto de estudo seja a cultura e trata dos saberes acerca das coisas enquanto manifestados pela linguagem (e da linguagem mesma como uma forma de cultura entre outras e conjuntamente com outras), faz-se Etnografia linguística. E em sentido mais limitado, tratando-se só da linguagem como manifestação cultural, faz-se Etnografia da linguagem. (COSERIU, 1987).

Ainda de acordo com esse autor, não se fala apenas com a linguagem como tal (com a competência linguística), mas também:

[...] com a ‘competência extralinguística’, com o ‘conhecimento do mundo’, ou seja, com os saberes, ideias e crenças acerca das ‘coisas’, e o ‘conhecimento do mundo’ influi sobre a expressão linguística e a determina em alguma medida. São esses dois últimos sentidos que proporcionam a justificação racional da etnolinguística, pois o primeiro (se apenas se considera a linguagem em si, e não a linguagem como uma forma da cultura entre outras e em relação com outras) justifica simplesmente a linguística como tal. (COSERIU, 1987, p. 41).

Por fim, a Etnolinguística ocupa-se de estudar as relações entre língua e cultura, sendo essa última, “a forma interior das civilizações e, por via de consequência, das sociedades que nela se integram” (ELIA, 1987, p. 41). Para esse autor, a Etnolinguística investiga também “[...] a maneira específica pela qual vieram os idiomas a compreender a realidade, recortando-a segundo linhas decorrentes da fusão, (visão original + experiência de mundo)”. No item seguinte, versaremos sobre o repente como manifestação cultural, artística e popular.

2.3.1 O repente como manifestação da cultura popular

A palavra popular é um adjetivo que significa “do povo, pertencente ao povo, pessoa do povo” (HOUAISS, 2009, p. 591); “do ou próprio do povo ou feito por ele, simpático ao povo, homem do povo” (FERREIRA, 2007, p. 545); “uma cultura não oficial, do povo comum [...]. [...] é a cultura do povo e os seus produtores são as classes subalternas” (TOMAZI, 2000, p. 190).

Nessa perspectiva, a cultura popular é produzida pelo povo para o povo. A cultura popular não está associada ao conhecimento científico (cultura erudita), ao contrário, estão em posições opostas. Diz respeito ao conhecimento espontâneo e ao senso-comum popular daquilo que “possuímos de mais precioso: a poesia pura que flui espontânea da boca do povo. A poesia que não é de ninguém e que, por isso mesmo, pertence-nos a todos” (BATISTA, 2004).

A cultura popular pode ser definida como qualquer manifestação cultural (dança, música, festas, literatura, folclore, arte, etc) em que o povo produz e participa de forma ativa. Ela surge das tradições e costumes e é transmitida de geração para geração. Nesse sentido:

A distinção do que é popular, nem sempre, é apresentada com clareza ao público que passa a restringir seu significado apenas à cantoria ou ao cordel. Entretanto, trata-se de uma literatura, de formas e gêneros diversos, feita pelo povo e para o povo, na linguagem que ele conhece, do jeito que ele sabe dizer, espontânea e simples, mas muito importante porque traduz seus valores e a sua ideologia. Se quisermos conhecer uma comunidade, comecemos por estudar suas manifestações populares e aí estaremos penetrando em sua alma. (BATISTA, 2004).

Em linhas gerais, podemos considerar que a cultura popular é produto de um saber não institucionalizado, ou seja, que não se aprende em colégios, academias ou instituições oficializadas.

São nesse contexto cultural que se desenvolvem as cantorias de repentes produzidas por poetas populares. O Nordeste do Brasil é a região que mais se destaca na produção e disseminação dessa cultura de origem popular. De acordo com estudiosos é uma prática antiga e surgiu em 1850. Nesse sentido:

O primeiro cantador que se tem notícia no Brasil foi Ugolino do Sabugi que nasceu na Serra do Teixeira por volta do ano de 1840. Foram seus contemporâneos os poetas Germano da Lagoa, Romano de Mãe D'água e Silvino Pirauá. Estes, juntos a Inácio da Catingueira, Bernardo Nogueira, Ferino de Góes, Fabião das Queimadas e Manoel Carneiro formaram a elite dos cantadores entre os anos de 1850 e 1890. (FRANÇA, 2015, p. 18).

Os cantadores antigos, em sua grande maioria, eram pessoas simples, de origem humilde, com baixa escolaridade, porém com alto grau de inteligência, poder de improviso e de muita criatividade. Assim sendo:

Os antigos repentistas e emboladores eram geralmente pessoas simples e pacatas que amavam as pessoas e a natureza. Raros eram aqueles que sabiam ler e escrever corretamente ou tinham boa situação econômico-financeira, mas eram pessoas de muita inteligência e um extraordinário poder de observação, razão pela qual tinham tanta inspiração. Eram pequenos plantadores, vaqueiros, mascates, ferreiros, sapateiros, pequenos comerciantes, pequenos proprietários de terras etc. Alguns viviam exclusivamente do canto e/ou da venda de folhetos nas feiras, os quais narravam os desafios mais célebres. A grande maioria deles vivia na zona rural, ou em pequenos vilarejos [...] (FRANÇA, 2015, p. 18).

Já os cantadores contemporâneos reconfiguraram o setor, tendo em vista que quando não têm curso superior, têm conhecimento de mundo “suficiente para abordar todo tipo de assunto [...] e não dispensam as leituras de jornais e revistas, além de consultas às enciclopédias e ao velho e bom dicionário [...]” (FRANÇA, 2015, p. 18).

Para França (2015), a cantoria é uma peleja, com versos improvisados, cantados por repentistas, geralmente, em duplas. As cantorias têm regras e gêneros que são obedecidos fielmente pelos cantadores. Durante a apresentação os cantadores obedecem a uma estrutura rítmica de acordo com o gênero da poesia. Os temas cantados são os mais variados possíveis: história de trancoso, de cangaceiros, de pessoas ricas e pobres, de famílias, de heroísmo, de superstições e adivinhações, da seca e do inverno, das plantações, dos animais, dos rios, do amor e do ódio, histórias da bíblia, mitologia, geografia, história, política, explicações sobre

ventos, nuvens, fenômenos meteorológicos, a mulher (valentia, vaidade, indiscrição), os casamentos mal resolvidos.

Nessa perspectiva, conforme França (2015), os cantadores também improvisam versos sobre fatos que acontecem inesperadamente no lugar onde está acontecendo a cantoria. Assim sendo, as cantorias têm regras e tipos. As principais regras, são:

- ✓ Os cantadores podem cantar pelo tempo que quiserem sobre a natureza, romances, política, geografia, história etc.;
- ✓ Mas é claro que uma boa briga desperta maior atenção e público;
- ✓ Num duelo perde aquele que não responder ao adversário tão logo aquele termine seus versos;
- ✓ Não se pode mudar o gênero iniciado sem avisar o adversário;
- ✓ Feito isso, o que pretende partir para outro tipo de poesia deve iniciar o novo modelo;
- ✓ Um cantador não pode recusar nenhum gênero proposto, sob pena de sair perdedor da contenda, mesmo que venha se saindo melhor até aquele momento;
- ✓ A duração de uma cantoria depende da disposição dos cantadores;
- ✓ Eles podem cantar algumas horas ou dias, com breves intervalos para a alimentação. Um dos mais longos desafios que se tem notícia aconteceu em Patos (PB) entre Inácio da Catingueira e Francisco Romano. Eles duelaram durante oito dias [...];
- ✓ Se todas as regras forem cumpridas é declarado vencedor aquele que menos titubeou ou se engasgou num trava-língua ou rima difícil;
- ✓ O desafio também pode terminar quando um dos cantadores pedir para parar ou se confessar vencido, o que faz ainda em versos;
- ✓ Emborcar a viola numa cantoria é confessar-se vencido ou significar homenagem ou respeito a chegada inesperada ao local de um outro famoso cantador;
- ✓ O dinheiro apurado é sempre dividido igualmente entre os cantadores, seja dois, três ou mais, não importando quem foi o vencedor ou o mais célebre da peleja;
- ✓ Se a cantoria acabar em briga, ganhará aquele que cantou o último verso, pois significa que o outro não teve capacidade de responder em versos e recorreu à violência [...].

Ainda de acordo França (2015), existem onze tipos de cantorias: convencional, ocasional, especial, de compadre, de pé-de-parede, de feira, de praia, didática, de festivais ou congressos, de shows e de estúdio.

A cantoria convencional é a mais tradicional na qual um organizador convida os repentistas por um preço combinado e estes se apresentam geralmente em residências rurais ou urbanas, sítios ou pontos comerciais. A bandeja é passada para garantir a remuneração dos repentistas.

A cantoria ocasional é quando um cantador aparece em um determinado local (casa, comércio) e pede autorização para realizar uma cantoria. A remuneração fica por conta do que for arrecadado na bandeja.

A cantoria especial acontece em ocasiões consideradas especiais (festas de casamento, aniversários, batizados, vaquejadas, festas de padroeiro etc.). Os repentistas são contratados e o valor da remuneração é acertado antecipadamente.

A cantoria de compadre é quando um cantador, independente de convite, propaga a sua presença na região e pede autorização a compadres, amigos e parentes que promovam a apresentação dele no lugar que pode ser residência, praça pública e eventos em geral. Nesse caso não há acordo prévio sobre a remuneração.

A cantoria de pé-de-parede é uma apresentação rápida para um número pequeno de pessoas e ou apologistas. A motivação pelo nome se deu porque os cantadores ficam encostados em uma parede, sentados e sem recurso de palco e som adequados. Nesse tipo de cantoria a bandeja é utilizada para arrecadação da remuneração.

A cantoria de feira é aquela que acontece em feiras livres ou em pontos comerciais situados ao redor. Geralmente são praticadas por cantadores sem muito talento que ganham muito pouco pela apresentação. Esse tipo de cantoria é muito criticada pelos cantadores profissionais por ser considerada por muitos uma humilhação para a profissão.

A cantoria de praia é bastante comum na contemporaneidade e acontece nas praias, bares e restaurantes localizados nas adjacências. Os cantadores se aproximam de uma mesa para cantar apenas alguns versos em forma de elogios às pessoas presentes com o objetivo principal de receber remuneração. Essa prática também não é apreciada pelos artistas da área por ser uma afronta à profissão.

A cantoria didática é uma modalidade de apresentação nova que acontece em lugares previamente agendados dirigida para uma plateia graduada e praticada por cantadores que não conhecem ou não têm experiência sobre a cantoria. É uma espécie de divulgação artística.

A cantoria de festivais e congressos é aquela que é organizada em teatros onde geralmente se apresentam diversos cantadores. As apresentações têm tempo determinado e ao final uma banca julgadora elege os melhores cantadores que recebem premiações em dinheiro e troféus.

A cantoria de shows é aquela em que o cantador é contratado para se apresentar em eventos em geral, sem competição. É uma forma de divulgação artística para o público em geral.

Por fim, a cantoria de estúdio é aquela que acontece em programas de rádio e televisão, ou seja, o cantador é convidado para se apresentar em programas radiofônicos e televisivos. No item a seguir trataremos dos estudos lexicais apresentando os principais conceitos sobre léxico, lexicologia e lexicografia.

2.4 LÉXICO E LEXICOLOGIA

A Lexicologia é a ciência que estuda o léxico de uma língua. Já o léxico é o repertório de palavras de uma língua. Não obstante, a partir da Lexicologia é possível observar e descrever cientificamente o léxico de uma língua.

Nessa perspectiva, a palavra desempenha uma função decisiva na estrutura da língua que “[...] necessitamos de um ramo especial da linguística para examinar em todos os seus aspectos. Chama-se a esse ramo Lexicologia [...]” (ULLMANN, 1964, p. 62).

Assim sendo, a Lexicologia é uma subdivisão dentro da Linguística que transforma a palavra em objeto de estudo. A este respeito, Oliveira e Isquardo (2001, p. 9) comentam:

O léxico, saber partilhado que existe na consciência dos falantes de uma língua, constitui-se no acervo do saber vocabular de um grupo sócio-linguístico cultural. Na medida em que o léxico configura-se como a primeira via de acesso a um texto, representa a janela através da qual uma comunidade pode ver o mundo, uma vez que esse nível da língua é o que mais deixa transparecer os valores, as crenças, os hábitos e costumes de uma comunidade, como também, as inovações tecnológicas, transformações sócio-econômicas e políticas ocorridas numa sociedade [...].

Nesse sentido, ainda conforme as autoras supracitadas, o estudo do léxico mostra informações que revelam a experiência social e cultural de uma determinada comunidade linguística, pois:

[...] O léxico de uma língua conserva uma estreita relação com a história cultural da comunidade. Desse modo, o universo lexical de um grupo sintetiza a sua maneira de ver a realidade e a forma como seus membros estruturam o mundo que os rodeia e designam as diferentes esferas do conhecimento. Assim, na medida em que o léxico recorta realidades do mundo, define, também, fatos da cultura. (OLIVEIRA; ISQUERDO, 2001, p. 9).

A relação entre língua e sociedade e língua e cultura é objeto de estudo da Linguística no que se refere à origem, a forma e o significado das palavras que constituem o léxico de uma língua.

Nessa perspectiva, de acordo com Aragão (2005, p. 1), “as relações entre língua, sociedade e cultura são tão íntimas que, muitas vezes, torna-se difícil separar uma da outra ou dizer onde uma termina e a outra começa”. Além dessa forte ligação, “[...] outro fator entra em campo para também introduzir dúvidas quanto à linguagem utilizada por um determinado grupo sócio-cultural: o fator geográfico, regional ou diatópico [...]” e, portanto, “[...] algumas variações ditas regionais, podem ser, muitas vezes, sociais; se sociais, podem ser relativas aos falantes, que têm uma determinada marca diageracional, diagenérica ou mesmo diafásica”.

Assim sendo, a variação diageracional supracitada diz respeito à variação relacionada à faixa etária do informante. A variação diagenérica trata da variação relacionada ao gênero (masculino e/ou feminino) do informante. Já a variação diafásica corresponde às diferenças entre os tipos de modalidade expressiva, de estilos distintos, segundo as circunstâncias em que se realizam os atos de fala que podem ser formal ou informal.

Conforme Biderman (2001), o léxico de uma língua constitui uma forma de registrar o conhecimento do universo. Nesse sentido, ao dar nomes aos seres e objetos, o homem os classifica simultaneamente. Assim sendo, a nomeação da realidade pode ser considerada como a etapa primeira no percurso científico do espírito humano de conhecimento do universo.

Partindo dessa premissa, ao estabelecer semelhanças entre seres e objetos em instituições diferentes, o homem foi estruturando o mundo que o cerca e, portanto, foi esse o processo de nomeação que gerou o léxico das línguas naturais.

Nessa perspectiva, “a geração do léxico se processou e se processa através de atos sucessivos de cognição da realidade e de categorização da experiência, cristalizada em signos linguísticos: as palavras”. (BIDERMAN, 2001, p.13).

Nessa medida, o léxico de uma língua é o conhecimento cultural de uma determinada comunidade de falantes adquirido através do tempo, da história e da experiência de cada indivíduo.

Biderman (2001, p. 13-14), acrescenta que “os conceitos, ou significados, são modos de ordenar os dados sensoriais da experiência [...]” e, portanto, é “[...] através de um processo criativo de organização cognoscitiva desses dados que surgem as categorizações linguísticas expressas em sistemas classificatórios: os léxicos das línguas naturais [...]”.

Nessa linha de raciocínio, o estudo científico do léxico leva em consideração a observação dos fatores linguísticos que transitam na variação de uma determinada comunidade de falantes e, para tanto, as palavras geradas por tal sistema nada mais são que rótulos, através dos quais o homem interage cognitivamente com seu meio. (BIDERMAN, 2001).

Desse modo, o léxico de uma língua compõe o acervo de vocábulos empregados por uma determinada comunidade linguística. Tais vocábulos são transmitidos de uma geração para a outra e assim sucessivamente, pois de acordo com Biderman (2001, p. 13), “o léxico de uma língua natural pode ser identificado como o patrimônio vocabular de uma dada comunidade linguística ao longo de sua história [...]”.

Assim sendo, as línguas de civilização se constitui como “[...] um tesouro cultural abstrato, ou seja, uma herança de signos lexicais herdados e de uma série de modelos categoriais para gerar novas palavras [...]”. Nesse sentido, “[...] no processo individual de cognição da realidade, o falante incorpora o vocabulário nomeador das realidades cognoscentes juntamente com os modelos formais que configuram o sistema lexical”.

Dessa forma, o léxico é visto como uma competência linguística e tem função representativa na linguagem de uma determinada comunidade de falantes. A esse respeito, Vilela (1979), argumenta:

Por léxico, numa língua poder-se-à entender o dicionário no duplo sentido de conjunto de palavras dessa língua e a sua inventariação (dicionarística ou lexicográfica), a competência lexical do falante/ouvinte nativo numa língua e, na perspectiva resultante da função representativa da linguagem, o conjunto das unidades léxicas (as unidades que representam a realidade extralingüística) numa língua. (VILELA, 1979b, p. 9).

Considerando que o léxico é um conjunto de unidades linguísticas básicas (morfemas, palavras e locuções) que se encontram listadas por ordem alfabética num dicionário, concordamos com Vilela (1979b, p. 9-10) ao afirmar que “[...] o léxico numa língua identifica-se com a noção de dicionário de língua e ou inventariação dicionarística das entradas lexicais [...]”. Entendemos, portanto, que o vocabulário é parte integrante do léxico de uma língua e que está inserido diretamente ao contexto sociocultural do falante.

Nessa perspectiva, o léxico “[...] representa um sistema de possibilidades no locutor/ouvinte ideal [...]”, o que conseqüentemente, “[...] abrange as palavras reais (dado o caráter aberto do léxico torna-se muito difícil um envolvimento exaustivo das palavras reais)

pautadas pela norma (documentadas) e ainda as palavras possíveis (com base nas regras de formação)”. (VILELA 1979b, p. 10).

Vale ressaltar, ainda, que léxico e vocabulário são normalmente confundidos como sinônimos, entanto, o primeiro está reservado à língua e o segundo está ligado ao discurso. Nesse sentido, léxico e vocabulário são distintos, pois “[...] léxico é um inventário, teoricamente finito, mas dificilmente mensurável, de todas as palavras realizadas e potenciais de uma língua [...]”. Já o “vocabulário refere-se apenas às palavras efetivamente realizadas ou empregadas no discurso” (ANDRADE; HENRIQUES, 2004, p. 65).

Em linhas gerais, de acordo com Perini (2006, p. 151), o léxico nada mais é do que “aquele grande repositório de informação sobre as palavras e outras unidades, que temos que memorizar para poder usar a língua com fluência”. Nessa perspectiva, abordaremos no item seguinte, os principais conceitos sobre a Lexicografia e a sua importância como ferramenta para os estudos de natureza linguística.

2.5 LEXICOGRAFIA

O produto final desta tese é um glossário da linguagem regional/popular de Zé Vivente da Paraíba e, portanto, faz-se indispensável recorrermos à Lexicografia, considerada pelos estudiosos da área, como a técnica de elaborar dicionários, vocabuários e glossários.

A Lexicografia e a Lexicologia são ramos da Linguística que estão intimamente ligados. A primeira necessita da segunda para que os objetivos sejam alcançados: a construção de uma obra lexicográfica.

Assim sendo, a Lexicografia é a ciência dos dicionários. Deste modo, entendemos os dicionários como um repertório de palavras onde há informações gramaticais, semânticas, pragmáticas discursivas e socioculturais (PONTES, 2009).

Os termos dicionário, vocabulário e glossário normalmente são empregados como sinônimos, mas não são. Há distinção entre eles e, portanto, faz-se necessário esclarecê-los. Barbosa (2001, p. 43-44), esclarece que “estamos longe, ainda, da consolidação de um consenso conceptual e denominativo, em torno de obras lexicográficas [...]”.

Para essa autora, os dicionários de língua estão no nível do sistema, trabalhando com todo o léxico disponível que se manifesta através do lexema. Os vocabulários sejam eles: fundamentais, técnico-científicos ou especializados estão inseridos no nível da norma e manifestam-se através dos vocábulos ou termos. Já os glossários estão no nível da fala e manifestam-se através das palavras.

De acordo com Biderman (2001), a Lexicografia é uma atividade de natureza linguística antiga e tradicional. A Lexicografia no Ocidente iniciou-se nos princípios dos tempos modernos e as obras não passavam de listas de palavras explicativas para auxiliar o leitor de textos da antiguidade clássica e da Bíblia na sua interpretação.

Nessa perspectiva, conforme a referida autora, a atividade lexicográfica tem marco histórico, pois:

Só começou, de fato, nos séculos XVI e XVII com a elaboração dos primeiros dicionários monolíngues e bilíngues (latim e uma língua moderna). Os primeiros dicionários em língua portuguesa dignos de nome são: o Vocabulário Português-Latino, de Rafael Bluteau (1712-1728), obra bilíngüe em 8 volumes e o Dicionário da Língua Portuguesa, de Antônio de Morais Silva (1ª ed. 1789; 2ª ed. 1813). Quanto aos dicionários técnico-científicos, no português, eles são obra do século vinte; na verdade, nessa área estamos apenas começando.

Biderman (2001, p. 17), assinala que no decorrer dos últimos séculos “[...] a descrição do léxico foi efetivamente realizada pela Lexicografia e não pela Lexicologia [...]”, pois era realizada como uma práxis pouco científica.

Para essa autora, “[...] é muito recente, pelo menos entre nós, o advento de um fazer lexicográfico fundamentado numa teoria lexical e com critérios científicos [...]”. Atualmente, é a “Lexicografia que vem despertando grande interesse entre os linguistas [...]”.

A ideia do fazer lexicográfico fundamentado numa teoria lexical é reforçada por Haensch, Wolf, Etinger e Werner (1982, p. 93), pois para estes autores:

[...] É evidente que não se pode conceber uma Lexicologia que não leva em conta dados lexicográficos; mas também é verdade que as tarefas da Lexicografia são muito mais fáceis de cumprir levando em conta, para isso, a totalidade do sistema linguístico individual ou coletivo, ou seja, se tivermos em conta os enfoques lexicológicos¹.

A Lexicografia, por sua vez, com o passar dos anos, necessitou de métodos próprios para o seu desenvolvimento no campo linguístico. Tal desenvolvimento metodológico, Haensch, Wolf, Etinger e Werner (1982, p. 93), denominaram de Teoria da Lexicografia. A este respeito:

¹ [...] Es obvio que no se puede concebir una Lexicologia que no tenga en cuenta datos lexicográficos; pero también es verdad que las tareas de la Lexicografía son tanto más fáciles de cumplir si se tiene en cuenta, para ello, la totalidad del sistema lingüístico individual o colectivo, es decir, si se tienen también en cuenta los enfoques lexicológicos.

Muitas disciplinas científicas têm desenvolvido uma metodologia científica própria; o mesmo ocorreu também com a Lexicografia, que se dedica as tarefas lexicográficas de uma determinada dimensão (sobre a elaboração de dicionários). Necessita de amplos conhecimentos teóricos sobre as possibilidades e os supostos métodos desta atividade. Nestes supostos métodos repercutem, por um lado, os conhecimentos de todos os ramos da Linguística, e por outro, as condições e exigências do trabalho, práticas tecnológicas e socioeconômicas. Para designar a metodologia científica da Lexicografia, nós escolhemos o termo “teoria da Lexicografia”².

Por fim, a Lexicografia é uma importante ferramenta de natureza linguística para a elaboração de dicionários, vocabulários e glossários. Para complementar os estudos lexicográficos, abordaremos a seguir a Semântica que é a ciência que estuda as significações.

2.6 SEMÂNTICA

Partindo da premissa que este trabalho é de natureza léxico-semântica, faz-se necessário, também, registrar o percurso teórico da Semântica como um dos ramos da Linguística que tem o objetivo principal de estudar as questões relativas aos significados das palavras de uma determinada língua.

Nessa perspectiva, a Semântica é o ramo da Linguística que tem como objetivo estudar o significado das palavras, frases e enunciados. O conceito de Semântica como “a ciência da significação” foi elaborado por Michel Bréal, ainda no séc. XIX. A este respeito, Rector e Yunes (1980, p. 12), comentam:

A Semântica propriamente dita começou no séc. XIX com Michel Bréal. Semântica (*semantiké tèche*) é a “ciência da significação”; provém do verbo *sêmainô* “significar” que, por sua vez, é derivado de “*sêma*” (sinal), em oposição à fonética, “ciência dos sons da fala” (Bréal). Segundo Bréal, a Semântica consiste no estudo da causa e da estrutura dos processos de mudança nas significações das palavras. Portanto, o enfoque de Bréal é diacrônico.

Nesse sentido, Lyons (1978, p. 9), defende que a Semântica “é o estudo do sentido”. Guiraud (1955, p. 5), acrescenta que a Semântica “é o estudo do sentido das palavras”. Lerat

² Muchas disciplinas científicas han desarrollado una metodología científica propia; lo mismo ocurrió también con la Lexicografía. El que se dedica a tareas lexicográficas de cierta envergadura (sobre todo a la elaboración de diccionarios) necesita amplios conocimientos teóricos sobre las posibilidades y los supuestos metódicos de esta actividad. En estos supuestos metódicos repercuten, por un lado, los conocimientos de todas las ramas de la lingüística, y por otro, las condiciones y exigencias de trabajo prácticas, tecnológicas y socioeconómicas. Para designar la metodología científica de la Lexicografía, hemos escogido el término “teoría de La Lexicografía”.

(1983, p. 3), complementa esta linha de raciocínio afirmando que a Semântica “é o estudo do sentido das palavras, das frases e dos enunciados”.

Em relação às três correntes de pensamento supracitadas, Tamba-Mecz (2006), defende que a definição de Lyons (1978) é “baseada na noção comum e pré-teórica de sentido, perde-se no emaranhado das definições do conceito proteiforme de sentido” e, portanto:

[...] ela vai diretamente ao encontro do projeto que a Semântica inaugura: concentrar-se apenas nas características lingüísticas das significações, sem preocupação com seus demais aspectos, filosóficos ou psicológicos. Ela desmonta a base de todo empreendimento científico de estudo do sentido nas línguas. É a antisseântica por excelência (TAMBA-MECZ, 2006, p. 10-11).

De acordo com Tamba-Mecz (2006), a segunda definição, elaborada por Guiraud (1955), trata de uma Semântica lexical e limita o sentido ao sentido das palavras, consideradas como unidades de significação sobre as quais repousa o sentido das línguas. Para esta autora, este modelo de Semântica é severo, pois falar de significação implica que se trata da significação apenas das palavras ou unidades lexicais.

Ainda de acordo com essa autora, a terceira definição, elaborada por Lerat (1983), revela uma Semântica global, pois cobre todos os fenômenos de sentido ligados aos sistemas e aos usos das línguas. Assim sendo, “[...] essa Semântica gulosa devora, sem ordem nem continuidade, os pedaços de significação [...] e os diferentes pontos de vista e níveis da análise lingüística: fonológico, lexical, gramatical, enunciativo, lógico, pragmático, diacrônico, sincrônico [...]” (TAMBA-MECZ, 2006).

Para uma melhor compreensão da Semântica, enquanto ciência da significação, trataremos brevemente a seguir sobre as teorias semânticas englobando: 1) a Semântica estruturalista, 2) a Semântica formal, 3) a Semântica enunciativa ou argumentativa e 4) a Semântica cognitiva, pois estudam o mesmo fenômeno: a significação, mas com conceitos e enfoques diferentes.

A Semântica só ganhou forças graças ao estruturalismo, a partir dos estudos de Ferdinand de Saussure, em 1916, na Europa. Em sua obra: *Curso de Língüística Geral*, a Semântica é tratada sob o ponto de vista estrutural, sobretudo, devido aos estudos sincrônicos cujo destaque é a língua e não a linguagem. Em outras palavras, o que é fundamental e norteia a teoria estrutural de Saussure é a língua na função de objeto e não a linguagem como uso do objeto.

Na Semântica estrutural, de origem saussureana, um signo é composto por duas ferramentas fundamentais: conceito e forma acústica. Nesse sentido, a língua apresenta dois planos fundamentais que a conceituam: o plano das ideias e o plano dos sons, o que representam: conceitos e fonemas, respectivamente. A união do conceito com o som é o que, de fato, materializa o signo.

Considerando a Semântica sob o ponto de vista estrutural, apoiada nos estudos de origem saussureana, Mussalin e Bentes (2004, p. 18), comentam:

[...] o estruturalismo de vertente saussureana definia o significado como uma unidade de diferença, isto é, o significado se dá numa estrutura de diferenças com relação a outros significados. Assim o significado de uma palavra se define por não ser um outro significado: mesa se define por não ser cadeira, sofá, abajur. Nesta perspectiva, o significado não tem nada a ver com o mundo, mesa não é o nome de um objeto no mundo, é a estrutura de diferença com cadeira, sofá, abajur. Essa postura pode implicar uma posição relativista, já que cada língua, cada sistema de diferenças, institui sua própria racionalidade.

A corrente estruturalista, teve um duplo efeito: por um lado, contribuir para limitar o objeto da Semântica ao léxico, concebido como uma rede de relações de sentidos autorregulada; por outro, evidenciar a dificuldade de encerrar em si mesmas as estruturas lexicais, articuladas a conhecimentos extralingüísticos (TAMBA-MECZ, 2006).

Procedendo a Semântica estruturalista, surge em 1963, a Semântica formal, tendo como precursores dessa corrente teórica: Chomsky (idealizador da Gramática Gerativa) e Montague (criador da Gramática Universal).

Nesse sentido, a Semântica formal preocupa-se em analisar o significado como sendo o fruto da linguagem e aquilo sobre o qual a linguagem fala, sempre estabelecendo uma condição de verdade. Nesse contexto:

Embora o termo Semântica formal pudesse ser usado, de um modo bastante geral, para se referir a todo um conjunto de diferentes abordagens do estudo do significado, ele é comumente empregado hoje em dia com referência particular a determinada versão da Semântica da condição de verdade que se originou na investigação de linguagens formais especialmente construídas pelos lógicos, e recentemente tem sido aplicada à investigação das línguas naturais. [...] A Semântica formal, neste sentido, é geralmente considerada como complemento da pragmática – definida de várias maneiras, como o estudo de enunciados reais; o estudo do uso ao invés do significado; o estudo daquela porção do significado que não se caracteriza exclusivamente em termos de condição de verdade; o estudo do desempenho e não da competência; etc (LYONS 1987, p. 163).

Nessa perspectiva, a Semântica formal define o significado de lexemas em termos da contribuição que eles fazem às condições de verdade das sentenças, bem como fornece um procedimento formulado com precisão para a computação das condições de verdade de qualquer sentença arbitrária, com base no significado dos seus lexemas constituintes e da sua estrutura gramatical (LYONS 1987).

Por fim, este modelo de Semântica, defende a compreensão do significado de uma sentença, tendo em vista que as línguas naturais são utilizadas para falar de fatos em geral pertencentes a vida real. Faz-se necessário, portanto, conhecer, sobretudo, as condições de verdade. Nesse sentido, de acordo com Lyons (1987, p. 165), “[...] saber o significado da sentença é saber que estado do mundo ela pretende descrever (supondo-se que está sendo usada para fazer uma afirmação)”. Ainda para este autor “[...] todas as sentenças têm condições de verdade e que a totalidade de seu significado depende daquelas”.

Procedendo a Semântica formal (em meados dos anos 70), as teorias de Oswald Ducrot, deram início aos estudos teóricos da Semântica enunciativa ou Semântica argumentativa, fundamentada, sobretudo, no ato da enunciação e não do enunciado.

De acordo com Lopes (1972, p. 284), Oswald Ducrot parte do ato da enunciação e não do enunciado. Nesse sentido, “[...] o enunciado não constitui um fato; os únicos dados de que o semanticista dispõe são as múltiplas ocorrências possíveis de um enunciado nas diversas situações em que o empregamos. [...] o sentido é algo que revela do enunciado [...]”. Ainda sobre a teoria elaborada por Ducrot, o autor supracitado, argumenta:

Por isso, falar sobre o sentido de um enunciado fora das circunstâncias possíveis da sua ocorrência, isto é, fora do contexto e da situação, noções às quais Ducrot se refere englobadamente através do termo *contexto* - equivale a abandonar o terreno da experiência e da comprovação, para construir uma hipótese que será sempre carente de demonstração (LOPES, 1972, p. 284).

Nesse sentido, Ducrot considera que a linguagem é um exercício social de cunho argumentativo e, portanto, é daí que surgem as primeiras noções que vão subsidiar teoricamente a importância da Semântica da enunciação ou Semântica argumentativa.

Nesse contexto, para Ducrot, a linguagem “[...] é um jogo de argumentação enredado em si mesmo [...]; ou seja, “[...] não falamos sobre o mundo, falamos para construir um mundo e a partir dele tentar convencer nosso interlocutor da nossa verdade, verdade criada pelas e nas nossas interlocuções [...]” (MUSSALIN; BENTES, 2004, p. 28).

Ainda conforme essas autoras, a linguagem é uma dialogia, ou melhor, uma argumentalogia; não se fala para trocar informações sobre o mundo, mas para convencer o outro a entrar no jogo discursivo, para convencê-lo de uma determinada verdade.

Outro modelo de ciência da significação mais recente é a Semântica cognitiva. Essa teoria surgiu no final da década de 70, a partir dos postulados de George Lakoff e Mark Johnson, com a finalidade de apresentar um modelo mais amplo de investigação da linguagem, opondo-se às teorias anteriormente abordadas.

A Semântica cognitiva tem como marco inaugural a publicação, em 1980, de *Metaphores we live by*, de George Lakoff e Mark Johnson. De acordo com Mussalin e Bentes (2004, p. 33), embora seja uma teoria mais recente, “[...] esse modelo semântico conta hoje com a participação de diversos pesquisadores, trabalhando nos diferentes níveis de análise da linguagem, da Fonologia à Pragmática [...]”.

Nessa perspectiva, a Semântica cognitiva parte da “[...] da hipótese de que o significado é que é central na investigação sobre a linguagem, chocando-se, portanto, com a abordagem gerativista, que defende a centralidade da sintaxe [...]”. Assim sendo, “[...] a forma deriva da significação, porque é a partir da construção de significados que aprendemos, inclusive a lógica e a linguagem. Daí a Semântica cognitiva se inscrever no quadro do funcionalismo”.

Ainda de acordo com essas autoras, a teoria de Lakoff defende que a Semântica cognitiva parte da idéia central de que o significado é constituído naturalmente de forma experiencial a partir de nossas ações no mundo, pois são essas ações que dão significados às nossas experiências. Nesse sentido:

Lakoff define sua abordagem como realismo experiencialista e afasta sua proposta do relativismo. A hipótese central de que o significado é natural e experiencial se sustenta na constatação de que ele se constrói a partir de nossas interações físicas, corpóreas, com o meio ambiente em que vivemos. O significado, enquanto corpóreo, não é nem exclusiva, nem prioritariamente lingüístico (MUSSALIN; BENTES, 2004, p. 33).

Em linhas gerais, a Semântica é a ciência das significações que tem como objeto de estudo o significado das palavras e da linguagem. Nesse contexto teórico, concordamos com Marques (1996), que numa abordagem geral e contemporânea defende que a Semântica é:

[...] o estudo do significado em linguagem, Semântica é a disciplina lingüística que estuda o sentido dos elementos formais da língua, aí incluídos morfemas, vocábulos, locuções e sentenças (= estruturas sintaticamente completas ou lingüisticamente gramaticais), ou, ainda, Semântica é o estudo da significação das formas lingüísticas. Parece, então, muito simples chegar à conclusão de que a Semântica tem por objeto o estudo do significado (sentido, significação) das formas lingüísticas: morfemas, vocábulos, locuções, sentenças, conjunto de sentenças, textos, etc., suas categorias e funções na linguagem.

Por fim, defendemos que a Semântica, em seu sentido mais amplo, é a ciência das significações; o estudo do significado da linguagem, o que a torna uma disciplina essencial para os estudos lingüísticos.

No próximo capítulo, trataremos dos aspectos metodológicos utilizados durante a execução do presente trabalho.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

3.1 A MOTIVAÇÃO

A decisão de estudar as obras de Zé Vicente da Paraíba surgiu no ano de 2013 durante uma viagem a Olinda, município localizado no estado de Pernambuco. Ao entrarmos numa loja de cds, discos e livros de artistas e autores pernambucanos, no Alto da Sé, deparamo-nos com um livro intitulado: *Fiz do choro das cordas da viola o maior ganha-pão da minha vida: Zé Vicente da Paraíba*, organizado por José Mauro de Alencar e publicado em 2009 pela Editora local Coqueiro.

O livro em destaque reúne 78 obras de autoria de Zé Vicente da Paraíba distribuídas em categorias que foram denominadas: glosas, ciclo de gado, lírios d'um cantador, homenagens, autor da natureza, na sala da cantoria, letras de músicas e literatura de cordel.

No primeiro contato com o exemplar, ainda na loja, uma das obras, em especial, chamou-nos a atenção pela beleza, leveza e inteligência explícitas nas estrofes: a canção intitulada *A morte de Luíz Gonzaga*. O autor narrou com precisão a morte do Rei do Baião em oito estrofes e trouxe à tona numa linguagem poética um acontecimento muito triste e marcante para a cultura popular nordestina.

Numa rápida folheada adquirimos o exemplar e mantivemos o primeiro contato com a biografia e obras de Zé Vicente da Paraíba. A biografia mostra um homem simples, nordestino, com pouco estudo e um ser apaixonado pela vida do sertão. Já as obras revelam um poeta nato, inteligente e muito sensível aos fatos sociais e culturais do sertão nordestino.

Tínhamos aí, portanto, um universo de canções que daria suporte para uma pesquisa de natureza linguística, em nível de Doutorado, que tratasse, sobretudo, da linguagem regional/popular empregada na região Nordeste do Brasil.

3.2 PESQUISA DESCRITIVA

A presente tese tem como base metodológica a pesquisa descritiva, pois esta, conforme Almeida (1996, p. 104), “[...] observa, registra, analisa e ordena os dados [...]”. Assim, para coletar tais dados, utiliza-se de técnicas específicas, tais como: entrevistas, formulário, questionário, observação e leitura analítica”.

Nesse contexto, a pesquisa descritiva nos auxiliou para executarmos as seguintes pesquisas:

- ✓ Bibliográfica;
- ✓ Exploratória;
- ✓ Campo com enfoque documental e histórico.

3.2.1 Levantamento bibliográfico

De acordo com Lakatos e Marconi (2001, p. 66), “a pesquisa bibliográfica trata-se do levantamento, seleção e documentação de toda bibliografia já publicada sobre o assunto que está sendo pesquisado em livros [...]”, bem como em “[...] enciclopédias, revistas, jornais, folhetos, boletins, monografias, teses, dissertações e material cartográfico. Pretende-se, assim, colocar o pesquisador em contato direto com todo material já escrito sobre o mesmo”.

Assim sendo, na primeira fase foi feito um amplo levantamento bibliográfico sobre as principais teorias linguísticas que norteiam esta tese:

:

- ✓ Dialetologia: por se levar em consideração que esta pesquisa trata dos aspectos do falar regional nordestino;
- ✓ Sociolinguística: por ser uma disciplina que revela as relações entre língua e sociedade;
- ✓ Etnolinguística: por ser uma disciplina que estuda as relações entre língua e cultura de uma determinada comunidade de falantes;
- ✓ Lexicologia: por se tratar de uma pesquisa que faz o levantamento da linguagem regional/popular do poeta Zé Vicente da Paraíba;
- ✓ Lexicografia: por se tratar de um estudo que traz como produto final uma obra lexicográfica: um glossário;
- ✓ Semântica: por ser a ciência que estuda o processo das significações;

3.2.2 Pesquisa exploratória

Para Lakatos e Marconi (2003, p. 188), “as pesquisas exploratórias são compreendidas como investigações de pesquisa empírica cujo objetivo é a formulação de questões ou de um problema [...]” e tem “[...] tripla finalidade: desenvolver hipóteses, aumentar a familiaridade do pesquisador com um ambiente, fato ou fenômeno para a realização de uma pesquisa futura mais precisa ou modificar e clarificar conceitos”.

Nesse sentido, a segunda parte deste trabalho se utilizou da pesquisa exploratória e abarcou os seguintes procedimentos:

- ✓ Seleção do corpus;
- ✓ Delimitação do corpus;
- ✓ Levantamento dos dados;
- ✓ Registro dos dados coletados;

- ✓ Pesquisa de campo: universo sociogeográfico da pesquisa;
- ✓ Instrumentos de pesquisa de campo;

3.2.2.1 Seleção do corpus

A vasta obra de Zé Vicente da Paraíba distribuída canções, poemas, repentes e cordéis.

3.2.2.2 Delimitação do corpus

As canções de Zé Vicente da Paraíba que retratam na linguagem verbal os hábitos, costumes, crenças e valores próprios da região Nordeste do Brasil: 1) *Fiz do choro das cordas da viola o maior ganha-pão da minha vida*; 2) *Faça um canteiro no peito, plante a semente do amor*; 3) *Enriquece o juízo do poeta o cair de uma noite no sertão*; 4) *Casa de xexéu é ninho, não tem barro e nem cimento*; 5) *São sessenta e seis anos de viola, completando os oitenta de idade*; 6) *Não há remédio pra dor de coração com saudade*; 7) *A mata já foi abaixo, a terra com pena chora, o que Deus fez no passado, o homem destrói agora*; 8) *Casa velha de Sr. Rubens em Altinho*; 9) *O aborto*; 10) *Proclamada a República brasileira, o regime da nossa liberdade*; 11) *Sonhei com o Guaporé, quero ver Rondônia agora!*; 12) *Xapuri foi enterrado debaixo do cajueiro*; 13) *Ser digno*; 14) *Pernambuco é minha vida e Altinho minha razão*; 15) *Se eu pudesse eu daria cem milhões para não ver meu planeta em outro espaço*; 16) *Meu peito não cabe mais saudades d'um filho ausente*; 17) *Para levar meu fardo na velhice vou pedindo uma ajuda à mocidade*; 18) *Dê um presente a seu pai, seu amigo a qualquer hora*; 19) *Sou feliz e vivo bem porque sou iluminada*; 20) *Eu não sei o que é cidadania, mas vou ver se consigo lhe ajudar*; 21) *Era o Câmara Cascudo do Agreste, fotocópia fiel de Zé da Luz*; 22) *Parabéns nesta sua trajetória e bem-estar nas segundas que virão*; 23) *Uma estrela luminosa está guiando a sua vida*; 24) *Um por cento em toda humanidade comemora esta data em qualquer dia*; 25) *Eu perdi no transporte da velhice a bagagem da minha mocidade*; 26) *Mas meu dom de poeta viverá até o final de minha vida*; 27) *Fazenda Riacho Escuro*; 28) *Vaqueiro por vocação*; 29) *Destino de vaqueiro*; 30) *Tributo ao vaqueiro Heleno Gino*; 31) *A princesinha novilha misteriosa da fazenda Roncador*; 32) *Vaqueiro do meu sertão*; 33) *Não posso mais ser vaqueiro*; 34) *Minha mãe*; 35) *Quem inventou a saudade?*; 36) *Mãe com M grande*; 37) *A minha mãe adotiva*; 38) *A morte da minha flor*; 39) *Falso juramento*.

3.2.2.3 Levantamento dos dados

Leitura das letras e áudios das canções de Zé Vicente da Paraíba para a identificação da linguagem regional/popular nas obras analisadas.

3.2.2.4 Registro dos dados coletados

De posse das canções de autoria de Zé Vicente da Paraíba selecionamos e registramos os itens lexicais que consideramos serem de natureza regional/popular em fichas lexicográficas, agrupando-os em ordem alfabética e registrando: a) a informação gramatical, b) as indicações das palavras dicionarizadas com sentidos equivalentes - PDSE, palavras dicionarizadas com sentidos diferentes - PDSD e palavras não dicionarizadas - PND nas seguintes obras: Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2009) – A.H., Aulete Digital (2017/2018) – A.O., Dicionário do Nordeste, de Fred Navarro (2013) – F.N. e Dicionário de Termos e Expressões Populares, de Tomé Cabral (1982) – T.C. c) o registro de dicionarização, d) a definição regional/popular, e) abonação, f) variação e g) título da obra analisada.

Vale ressaltar, que o preenchimento da ficha lexicográfica (adaptada) está obedecendo aos padrões estruturais requeridos pela praxe dicionarística, conforme modelo proposto pelo Centro de Estudos Lexicais e Terminológicos (LEXTERM) da Universidade de Brasília (FAULSTICH, 2010).

Deste modo, a ficha lexicográfica (em anexo) está assim constituída: no campo 1, registra-se a entrada; no 2, mostra-se o código da ficha lexicográfica; no 3, exibe-se a informação gramatical; no 4, encontra-se a definição; no 5, registra-se a indicação de dicionarização; no 6, indica-se a acepção dicionarizada; no 7, expõem-se as variantes encontradas; no 8, apresenta-se o contexto de uso; no 9, informa-se a obra analisada; no 10, mostra-se as remissivas; no 11, somente será preenchido caso haja a necessidade de registrar alguma informação importante e no 12, finaliza-se com a data do preenchimento das informações.

3.2.3 Pesquisa de campo

3.2.3.1 Universo sociogeográfico da pesquisa

Conforme Lakatos e Marconi (1996, p. 75), a pesquisa de campo é aquela em que se “observa e coleta os dados, tal como ocorrem espontaneamente, no próprio local em que se deu o fato em estudo, caracterizando-se pelo contato direto com o mesmo, sem interferência do pesquisador”.

Assim sendo, a nossa pesquisa de campo teve início no mês de março de 2015 a partir de uma viagem a Recife - capital de Pernambuco - para conhecermos e entrevistarmos José Mauro de Alencar (Júnior do Bode), diretor do Memorial Luiz Gonzaga e organizador do

livro intitulado: *Fiz do choro das cordas da Viola o maior ganha-pão da minha vida: Zé Vicente da Paraíba*.

Foto 11: José Mauro de Alencar (Júnior do Bode)



Foto: arquivo pessoal de Júnior do Bode

Durante as duas horas de entrevista com Júnior do Bode - nas dependências do Memorial Luiz Gonzaga, localizado no Pátio de São Pedro, centro do Recife - tivemos a oportunidade ímpar de coletar informações a respeito da vida e obras de Zé Vicente da Paraíba. Aquela ocasião nos mostrou uma história apaixonante que nos motivou mais ainda a pesquisar as obras desse poeta tímido e longe da fama, mas tão respeitado e querido no cenário artístico popular nordestino.

Foto 12: Memorial Luiz Gonzaga – Recife/PE



Foto: Wellington Lopes

A partir das orientações dadas por Júnior do Bode, localizamos via telefone o músico, produtor cultural e amigo de Zé Vicente da Paraíba, Herbert Lucena. Peça fundamental para a nossa pesquisa, tendo em vista que ele, a pedido de Zé Vicente da Paraíba, guarda até hoje com muito zelo todas as obras escritas à mão pelo poeta, bem como vários materiais: LP's, CD's, recortes de matérias de jornais e revistas e fotografias.

Foto 13: Herbert Lucena



Foto: Jorge Farias

Herbert Lucena nos atendeu de forma atenciosa e se colocou a disposição para ajudar-nos no que fosse necessário. Nesse sentido, marcamos uma visita para conhecê-lo e entrevistá-lo e, portanto, fizemos a nossa segunda viagem (pesquisa de campo) a Recife, desta vez, para a casa de Herbert Lucena, localizada no bairro da Madalena. Foi o nosso primeiro contato com o acervo de Zé Vicente da Paraíba e um dos momentos mais marcantes da nossa pesquisa diante de centenas de obras escritas à mão, de estrofes bem organizadas e letras desenhadas. Algumas obras estavam danificadas pela ação do tempo.

Foto 14: Acervo de Zé Vicente da Paraíba

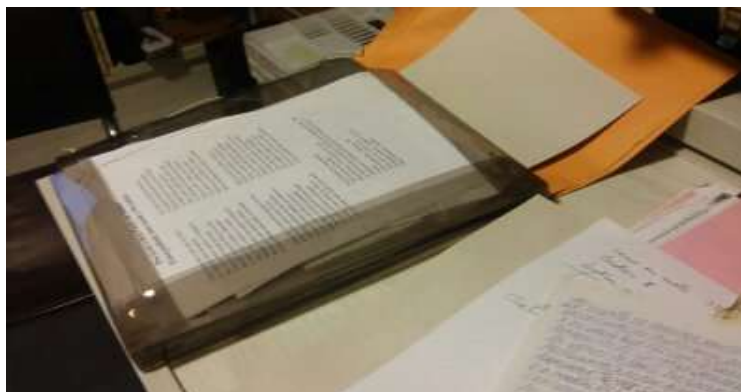


Foto: Wellington Lopes

Foto 15: Canção escrita à mão por Zé Vicente



Foto: Wellington Lopes

Foto 16: Canções escritas à mão por Zé Vicente



Foto: Wellington Lopes

Foto 17: Canções escritas à mão por Zé Vicente



Foto: Wellington Lopes

Foto 18: Canções escritas à mão por Zé Vicente



Foto: Wellington Lopes

Foto 19: Fotografias impressas de Zé Vicente



Foto: Wellington Lopes

A partir das orientações de Herbert Lucena entramos em contato com a família de Zé Vicente da Paraíba. O primeiro contato foi feito com Wélío César, filho caçula de Zé Vicente da Paraíba, que reside em Altinho (PE), município onde o poeta morou por muitos anos e mora dona Enedina Tercília, viúva do poeta. Conversamos ao telefone e marcamos uma visita para conhecermos a família Vicente.

Saímos de ônibus de Natal (RN) para Caruaru (PE) no dia dezenove de setembro de 2015. A viagem durou cerca de oito horas. No dia seguinte, tomamos o ônibus de Caruaru para Altinho. A viagem durou cerca de uma hora.

Foto 20: Ônibus que faz a linha Caruaru/Altinho.



Foto: Wellington Lopes

Foto 21: Casa de Zé Vicente em Altinho/PE



Foto: Wélío César

Na rodoviária do município, conhecemos Wélío César, que gentilmente nos conduziu à casa onde morou o poeta para conhecermos dona Enedina Tecília, viúva de Zé Vicente da Paraíba.

Foto 22: Wélío César e dona Enedina (filho e viúva de Zé Vicente).



Foto: arquivo pessoal de Wélío César

Na ocasião, Wélío César, apresentou-nos a dona Enedina, sua mãe e viúva de Zé Vicente. Mostrou-se ser uma senhora muito simpática, mas devido a problemas de saúde não interagiu conosco. Foi uma manhã de muito aprendizado na qual pudemos conhecer mais um pouco da história de Zé Vicente, tendo em vista que estávamos na casa onde ele morou e conviveu com a família dele por muitos anos.

A casa guarda muitas memórias de Zé Vicente. As paredes da sala abrigam molduras que sinalizam que lá viveu um poeta respeitado.

Foto 23: Moldura: matéria de jornal



Foto: Wellington Lopes

Foto 24: Moldura: matéria de jornal



Foto: Wellington Lopes

Foto: 25: Moldura: matéria de jornal



Foto: Wellington Lopes

A partir de Wélío César entramos em contato via celular com a poetisa Tonha Mota, irmã de Zé Vicente, que mora em Natal, capital do Rio Grande do Norte e com o poeta Wellington Vicente, filho de Zé Vicente, que mora em João Pessoa, capital da Paraíba.

Nós tivemos a oportunidade de conhecer a poetisa Tonha Mota durante um evento natalino em Natal/RN. Na ocasião, a poetisa nos recebeu com muita simpatia e atenção. Demonstrou grande alegria com a nossa pesquisa e se colocou a disposição para que o que precisássemos.

Foto 26: Poetisa Tonha Mota (irmã de Zé Vicente)



Foto: arquivo pessoal de Tonha Mota

Em relação a Wellington Vicente, tentamos encontrá-lo na capital paraibana, mas por inconsistências em nossos horários não foi possível. Tivemos a oportunidade de conhecê-lo durante um evento que aconteceu em Natal/RN em comemoração ao dia da poesia. Também demonstrou grande alegria com a nossa pesquisa e nos ajudou muito para conhecermos o universo dos versos e das rimas de Zé Vicente da Paraíba.

Foto 27: Wellington Vicente (filho de Zé Vicente)



Foto: arquivo pessoal de Wellington Vicente

3.2.3.2 Instrumentos de pesquisa de campo

- ✓ Smartphone com câmera fotográfica digital e gravador acoplados;
- ✓ Cabo USB;
- ✓ Notebook;
- ✓ Impressora;
- ✓ Caderno de anotações;
- ✓ Caneta.

3.3 ORGANIZAÇÃO DO GLOSSÁRIO

3.3.1 A macroestrutura

- a) Foram registrados 375 itens lexicais de natureza regional/popular;
- b) As palavras-entradas são apresentadas em ordem alfabética, em caixa alta, negrito, fonte Times New Roman (tamanho 12);
- c) Informação gramatical (adj. = adjetivo, exp. = expressão, s.f. = substantivo feminino, s.m. = substantivo masculino, v. = verbo, i. = interjeição, sint. nom. = sintagma nominal, sint. verb. = sintagma verbal e adv. = advérbio);
- d) As indicações das palavras dicionarizadas com sentido equivalente (PDSE), palavras dicionarizadas com sentido diferente (PDSD) e palavras não dicionarizadas (PND) são apresentadas em caixa alta;
- e) Entre parênteses, em caixa alta, constam as obras lexicográficas pesquisadas: Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (A.H.), Dicionário Caldas Aulete Online (A.O.), Dicionário do Nordeste, de Fred Navarro (F.N.), Novo Dicionário de Termos e Expressões Populares, de Tomé Cabral (T.C.) para a verificação da existência de palavras dicionarizadas com sentidos equivalentes, palavras dicionarizadas com sentidos diferentes e palavras não dicionarizadas;
- f) Definição regional/popular;
- g) Entre aspas está o registro da abonação, conforme contexto de uso nas obras analisadas;
- h) Na abonação, o item lexical correspondente, apresenta-se sublinhado;
- i) Registro de variação em itálico é dado através da indicação VAR.;
- j) Entre parênteses, em itálico, apresenta-se o título da obra na qual o item lexical pertence;
- l) Registro de nota explicativa é dado através da indicação NOTA.

3.3.2 A microestrutura

Para a organização dos itens lexicais no glossário, adotamos o seguinte modelo:

Palavra-entrada + informação gramatical + dicionarização + definição regional/popular + abonação +/- variação + obra na qual o item lexical está inserido +/- nota explicativa.

No capítulo seguinte, mostraremos o objetivo principal do nosso trabalho: o glossário da linguagem regional/popular do poeta Zé Vicente da Paraíba.

5 GLOSSÁRIO

A

ABAFADO adj.

PDSE (A.H.; A.O.; F.N.; T.C.)

Que não é forte; disfarçado. “[...] cabo Lúcio ainda sente saudades do jumentinho, às vezes fala baixinho sem dizer nada pra gente, recorda presentemente o seu destro companheiro, vai perto do galinheiro, solta um soluço abafado, Xapuri foi enterrado debaixo do cajueiro [...]”. (*Obra 12*).

ABALAR v.

PDSE (A.O.) PDSD (A.H.; F.N.; T.C.)

Fazer sucesso. “[...] foi poeta de vasta inspiração, expressão cultural de nossos dias, com arranjos em várias melodias que abalavam a nossa região. Foi o braço direito do São João, desta terra que tanto nos seduz, soluçando por Lídio me dispus a mandar um recado pro sudeste, era o Câmara Cascudo do agreste, fotocópia fiel de Zé da Luz [...]”. (*Obra 21*).

ABOIADOR s.m.

PDSE (A.O.) PND (A.H.; F.N.; T.C.)

Vaqueiro que aboia. “[...] tornou-se um aboiador famoso para cantar, querido por muita gente, mas resolveu se casar e escolheu dona Creusa para ser dona do lar [...]”. (*Obra 30*).

ABOIA v.

PDSE (A.H.; A.O.; T.C.) PND (F.N.)

Cantar a toada dos vaqueiros para tanger o gado. “[...] sertanejo da roça vem chegando, vê as cabras entrando no chiqueiro, as galinhas subindo no poleiro e a mulher na cozinha trabalhando, um vaqueiro no campo vem voltando, aboiando ou cantando uma canção, tranca as vacas de leite e dá ração, a paisagem da noite está completa, enriquece o juízo do poeta o cair de uma noite no sertão [...]”. (*Obra 03*).

ACABRUNHADO adj.

PDSE (A.H.; A.O.; T.C.) PND (F.N.)

Triste; abatido; desgostoso. “[...] diabetes me fez acabrunhado, mas não sofro de câncer ou leucemia, pra no campo florido da poesia, ser em tudo e por todos rejeitado, competir eu não posso está provado, para outra função ninguém convida, minha vida está sendo destruída sem apoio de ninguém, nem lá, nem cá, mas meu dom de poeta viverá até o final de minha vida [...]”. (*Obra 26*).

ACEIRO s.m.

PDSE (A.H.; A.O.; T.C.) PND (F.N.)

Terreno limpo; sem mato. “[...] comecei a viver da plantação, de arroz, de feijão, de mandioca, cortei mato, fiz aceiro, queimei broca, pra plantar fumo, agave e algodão, fiz barreiro, barragem e cacimbão para o gado da fazenda Santa Guida, inda hoje a coluna está doída de puxar barro e lama em padiola, fiz do choro das cordas da viola o maior ganha-pão da minha vida [...]”. (*Obra 01*).

ACOLÁ adv.

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.) PDSD (T.C.)

Ali; mais adiante. “[...] aqui, acolá, se viam lagoas em quantidades, o pasto cobria a terra de não ver-se a qualidade e o Rio Taperoá banhando a propriedade [...]”. (*Obra 27*).

ACUAR v.

PDSE (A.H.; A.O.; F.N.) PND (T.C.)

Deixar sem saída. “[...] cachorro corre no rastro e o vaqueiro acompanha naquele xoto rasgado, nem se fere e nem arranha, o cachorro acua o boi, daí começa a façanha [...]”. (*Obra 32*).

ADESTRADO adj.

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.; T.C.)

Ensinado; treinado. “[...] era um jumento possante, bem-disposto e corredor, mimoso reprodutor, bem adestrado, constante galopador importante, esquipador e troteiro, tão novo foi tão ligeiro pela morte arrebatado, Xapuri foi enterrado debaixo do cajueiro [...]”. (*Obra 12*).

AFAGANTE adj

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.; T.C.)

Prazeroso; agradável. “[...] dia sete de agosto em Boqueirão, pertencente ao distrito de Pocinhos, pelas seis da manhã os passarinhos procuravam sementes pelo chão, já Campina enfeitava a região com seu porte afagante de cidade [...]”. (*Obra 05*).

AFAGO s.m.

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.; T.C.)

Aconchego; chamego. “oito anos, doze anos, dezesseis, fui perdendo os carinhos dos meus pais e chegando a idade de rapaz o afago paterno se desfez. O de mãe, como mãe, minha mãe fez, que reinasse cem por cento da metade, muito embora que aquela quantidade o seu filho vaidoso nem sentisse, eu perdi no transporte da velhice a bagagem da minha mocidade [...]”. (*Obra 25*).

AGAVE s.m.

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.; T.C.)

Planta cultivada em regiões semiáridas que serve para a fabricação de artesanatos, cordas, tapetes etc. “[...] comecei a viver da plantação, de arroz, de feijão, de mandioca, cortei mato, fiz aceiro, queimei broca, pra plantar fumo, agave e algodão, fiz barreiro, barragem e cacimbão para o gado da fazenda Santa Guida, inda hoje a coluna está doída de puxar barro e lama em padiola, fiz do choro das cordas da viola o maior ganha-pão da minha vida [...]”. (*Obra 01*).

AGONIADO adj.

PDSE (A.H.; A.O.; T.C.) PDSD (F.N.)

Afobado; impaciente. “[...] do pesadelo e do sonho, despertei agoniado, por conta do meu pecado, que sofrimento medonho, mas nisso um jovem risonho, pareceu no setor, transformou-se em pregador, disse tudo a meu respeito, faça um canteiro no peito, plante a semente do amor [...]”. (*Obra 02*).

AGRESTE s.m

PDSE (A.H.; A.O.; F.N.) PDSD (T.C.)

Região que vai da zona da mata ao sertão pernambucano. “[...] desta terra que tanto nos seduz, soluçando por Lídio me dispus a mandar um recado pro sudeste, era o Câmara Cascudo do agreste, fotocópia fiel de Zé da Luz [...]”. (*Obra 21*).

AGRESTINA s.f.

PND (A.H.; A.O.; F.N.; T.C.)

Município localizado no estado de Pernambuco. “Quixabeira pequenina tão grande que foi teu nome tendo no meu sobrenome a madeira nordestina, quixabeira em Agrestina ainda é recordação, só que em meu coração [...]”. (*Obra 14*).

NOTA. Município distante cerca de 150 km da capital Recife.

ÁGUA SERENA s.f.

PND (A.H.; A.O.; F.N.; T.C.)

Água fria ou gelada, devido o ar fresco da noite. “com a mudança total no horizonte, vê-se a água serena numa fonte, que chamamos também de cacimbão [...]”. (*Obra 03*).

AJEITAR v.

PDSE (A.H.; A.O.; T.C.) PND (F.N.)

Arrumar. “[...] o gado do meu patrão, eu trato, eu curo, eu ajeito, quando adocece uma rês eu fico mal satisfeito, só morre se Deus quiser, porque não posso dar jeito [...]”. (*Obra 28*).

ALÇAPÃO s.m.

PDSE (A.O.) PND (A.H.; F.N.; T.C.)

Armadilha pequena parecida com uma gaiola para prender pássaros. “[...] onde havia castanha, havia um jogo, que eu era o atleta do bozó, o porreta no fojo e no quixó, só não era viciado na bebida, mas já tinha a ideia evoluída, fabricando o alçapão e a gaiola, fiz do choro das cordas da viola o maior ganha-pão da minha vida. [...]”. (*Obra 01*).

ALGODÃO s.m.

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.) PDSD (T.C.)

Fibra branca utilizada na confecção de tecidos. “[...] comecei a viver da plantação, de arroz, de feijão, de mandioca, cortei mato, fiz aceiro, queimei broca, pra plantar fumo, agave e algodão, fiz barreiro, barragem e cacimbão para o gado da fazenda Santa Guida, inda hoje a coluna está doída de puxar barro e lama em padiola, fiz do choro das cordas da viola o maior ganha-pão da minha vida [...]”. (*Obra 01*).

ALTINHO s.m.

PND (A.H.; A.O.; F.N.; T.C.)

Município localizado no estado de Pernambuco. “[...] No Brasil só acho graça neste pedaço de chão, Pernambuco por ser leão, a cidade por ser querida, Pernambuco é minha vida e Altinho minha razão”. (*Obra 14*).

NOTA. Município distante cerca de 170 km da capital Recife.

ALVISSAREIRA adj.

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.; T.C.)

Que dá boas notícias. “[...] a história é profunda e me comove o que ali no passado ainda lembro, que a data foi 15 de novembro e o ano dezoito, oitenta e nove, quem tiver mais alcance, agora prove, isto é, se achar realidade, eu não posso escrever nem a metade dessa página real e alvissareira, proclamada a República brasileira, o regime da nossa liberdade”. (*Obra 10*).

ALVORADA s.f.

PDSE (A.H.; A.O.; F.N.) PND (T.C.)

O dia amanhecendo. “a abelha se oculta na pousada, fecha a porta da sua moradia e só volta a voar no outro dia quando sente o romper da alvorada [...]”. VAR. *Alvoro*. (*Obra 03*).

NOTA: A variante *Alvoro* está registrada em Navarro (2013) como parte do repositório linguístico empregado na região do Recôncavo no estado da Bahia.

AMARRADA adj.

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.) PDSD (T.C.)

Presa. “[...] cachorro e cavalo bom é o que mais ele zela, chocalho e corda de couro bem amarradas na sela e o remédio que toma é quixabeira e favela [...]”. (*Obra 32*).

AMARGURA s.f.

PDSE (A.H.; A.O. T.C.) PND (F.N.)

Vida sofrida e amarga. “[...] uma vida tranquila e com doçura, com prazer, alegria e bem-estar, com estrelas brilhantes no seu lar, num combate ferrenho à desventura, para sempre fugir à amargura [...]”. (*Obra 22*).

AMBÓ s.m.

PND (A.H.; A.O.; F.N.; T.C.)

Chapada localizada no estado de Pernambuco. “[...] Inspirei-me no Rio Pajeú na bonita Chapada do Ambó [...]”. (*Obra 05*).

NOTA. Está localizada no município de Itapetim - distante cerca de 390 km da capital Recife – também conhecido como ventre imortal da poesia e terra-mãe dos poetas repentistas.

AMPLIDÃO s.f.

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.; T.C.)

Horizonte. “[...] ergue o peito e contempla a amplidão, infinita, mimosa e predileta [...]”. (*Obra 03*).

APARTAÇÃO s.f.

PDSE (A.H.; A.O.; T.C.) PND (F.N.)

Separação do gado. “[...] não há mais apartação porque gado não tem mais, propriedades vendidas e derribados os currais, as matas foram cortadas, secaram os mananciais [...]”. (*Obra 27*).

APEADO adj.

PDSE (A.O.) PND (A.H.; F.N.; T.C.)

Abaixado. “[...] só me sinto satisfeito quando me vejo ocupado, tirando leite de vaca, vendo o bezerro apeado e quando tomo café vendo o cavalo selado [...]”. (*Obra 28*).

APOSENTO s.m.

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.; T.C.)

Quarto de dormir. “[...] não precisa de telhado, quarto, sala e nem cozinha, prego, ripa caibro e linha, tudo isso é dispensado, depois de ter terminado, não teme chuva e nem vento, fica no seu aposento, sem perturbar o vizinho, casa de xexéu é ninho, não tem barro e nem cimento [...]”. (*Obra 04*).

APOTI s.m.

PND (A.H.; A.O.; F.N.; T.C.)

Distrito pertencente ao município pernambucano Glória do Goitá. “[...] penso em Glória do Goitá, Feira Nova e Apoti, Vitória não fico ali [...]”. (*Obra 14*).

NOTA. Está distante cerca de 65 km da capital Recife.

APRESSADO adj.

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.; T.C.)

Que está com pressa. “[...] de manhã veste gibão, deixa o cavalo selado, toma um cafezinho e sai bastante apressado pra manter um compromisso que ele tem com o gado [...]”. (*Obra 29*).

ARADO s.m.

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.) PDSD (T.C.)

Instrumento para lavrar a terra. “[...] as máquinas rasgando o chão com os operadores seus, desfazendo o que fez Deus nas obras da criação, há grande destruição pelo gás que se evapora, sempre a terra se explora com trator e com arado, o que Deus fez no passado o homem destrói agora [...]”. (*Obra 07*).

ARCANO s.m.

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.; T.C.)

Mistério. “[...] um conjunto de arcãos com planetas e signos reunidos pelo próprio Deus Pai, distribuídos com bilhões e bilhões de veteranos mergulhados no mar dos desenganos [...]”. (*Obra 05*).

ARRANHAR v.

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.; T.C.)

Machucar; ferir; cortar. “[...] cachorro corre no rastro e o vaqueiro acompanha naquele xoto rasgado, nem se fere e nem arranha, o cachorro acua o boi, daí começa a façanha [...]”. (*Obra 32*).

ARRANJO s.m.

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.) PDSD (T.C.)

Preparação para compor uma letra musical. “[...] foi poeta de vasta inspiração, expressão cultural de nossos dias, com arranjos em várias melodias que abalavam a nossa região. Foi o braço direito do São João, desta terra que tanto nos seduz [...]”. (*Obra 21*).

ARREBATADO v.

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.; T.C.)

Que foi tirado com força; carregado. “[...] tão novo, foi tão ligeiro, pela morte arrebatado, Xapuri foi enterrado debaixo do cajueiro [...]”. (*Obra 12*).

ARROGANTE adj.

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.; T.C.)

Pessoa que trata mal as outras. “[...] ser digno é ser constante, capacitoso e decente. É sentir o quanto sente, seu irmão, seu semelhante e nunca ser arrogante, nem falar mal de ninguém [...]”. (*Obra 13*).

ARVOREDO s.m.

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.; T.C.)

Muitas árvores. “[...] as grandes demolições de serras, montes, rochedos derrubada dos arvoredos [...]”. (*Obra 07*).

ASSOMBRAR v.

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.; T.C.)

Assustar; fazer medo. “[...] animais de várias raças tinha esse fazendeiro, bezerros ninguém contava, muito mais gado leiteiro e touros de pontas grossas que assombravam o vaqueiro [...]”. (*Obra 27*).

ASSOMBROSA adj.

PND (A.H.; A.O.; F.N.; T.C.)

Muito feia; horrorosa. “[...] penso em Vavá, penso em Josa, mas moram perto de mim. César vai e volta assim pra nossa casa mimosa, só tu na terra assombrosa passaste a ser residente, eu já velho e impaciente [...]”. (*Obra 16*).

ATERRO s.m.

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.; T.C.)

Terreno aterrado. “[...] não sofro no cio, meu corpo é sadio, eu bebo no rio, dos vaqueiros sem panos, pulo do aterro, no longo desterro, primeiro bezerro, daqui a dez anos [...]”. (*Obra 31*).

AURORA s.f.

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.; T.C.)

Clareza que mostra a chegada do sol no horizonte. “[...] estou velho demais, não posso mais nem pensar na passagem de um cometa, como é que eu peço a um planeta o regresso, as auroras boreais, só me resta pedir ao Pai dos pais [...]”. (*Obra 15*).

AUTOR DA CRIAÇÃO s.m.

PND (A.H.; A.O.; F.N.; T.C.)

Deus. “[...] e o pastor na igreja faz a prece, o poeta na hora reconhece, o poder do Autor da criação [...]”. VAR. *Deus Pai; grande Mestre; Pai divino; Providência; Divino; Divino Soberano; Soberano; Onipotente; Nazareno; Supremo Criador*. (*Obra 03*).

NOTA. Observa-se nesta entrada o uso de metáfora.

AVARENTO adj.

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.; T.C.)

Miserável; mesquinho. “[...] dê água para os sedentos, vista os nus esfarrapados que se acham desgarrados por conta dos avarentos, entre choros e lamentos, vem um anjo defensor para sanar o clamor de quem pensou não ter jeito, faça um canteiro no peito, plante a semente do amor [...]”. (*Obra 02*).

B

BACURAU s.m.

PDSE (A.H.; A.O.; F.N.; T.C.)

Pássaro que só é visto durante a noite ou de madrugada. “[...] bacurau sobe e desce na estrada, nos causando a maior assombração [...]”. (*Obra 03*).

BADALO s.m.

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.) PDSO (T.C.)

Peça que faz o chocalho fazer barulho. “[...] vendo o meu gibão mofado, em um gancho pendurado, a sela pra outro lado, guarda-peito e roladeira, a corda, a chinha eu nem falo, o chocalho sem badalo, meu retrato no cavalo no fim da última carreira [...]”. (*Obra 33*).

BAIXIO s.m.

PDSE (A.H.; A.O.; F.N.) PND (T.C.)

Terreno de areia próximo ao rio. “[...] barragens e mais barragens cortando os cursos dos rios, cobrindo d’água os baixios, modificando as paisagens [...]”. (*Obra 07*).

BANDA s.f.

PDSE (A.H.; A.O.; T.C.) PND (F.N.)

De lado. “[...] o boi tremendo no chão, mas já está enchocalho, o cachorro de uma banda e o vaqueiro cansado tem que leva-lo à fazenda ou vai na frente ou chinchado [...]”. (*Obra 32*).

BANQUINHO s.m

PND (A.H.; A.O.; F.N.; T.C.)

Assento pequeno. “[...] tinha quatro janelas pela frente, um banquinho de espera no portão, uma porta de entrada pra o salão [...]”. (*Obra 08*).

BARRAGEM s.f.

PDSE (A.H.; A.O.; T.C.) PND (F.N.)

Construção feita às margens de um rio para acumular água. “[...] fiz barreiro, barragem e cacimão [...]”. (*Obra 01*).

BARREIRO s.m.

PDSO (A.O.) PDSE (A.H.; F.N.; T.C.)

Reservatório de terra que acumula água da chuva. “[...] fiz barreiro, barragem e cacimão [...]”. (*Obra 01*).

BARRO s.m.

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.) PDSD (T.C.)

Terra. “[...] de puxar barro e lama em padiola [...]”. (*Obra 01*).**BASTANTEMENTE** adv.

PDSE (A.O.) PND (A.H.; F.N.; T.C.)

Exageradamente. “[...] toma um cafezinho e sai bastantemente apressado pra manter um compromisso que ele tem com o gado [...]”. (*Obra 29*).**BATENTE** s.m.

PDSE (A.H.; A.O.; T.C.) PND (F.N.)

Soleira da porta. “[...] arrancados batentes e portais, cada parede demolida, casa velha teu dono está sem vida, tu ficaste sem vida entre os mortais [...]”. (*Obra 08*).**BEIÇO** s.m.

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.) PDSD (T.C.)

Lábios da boca. “[...] o boi quebrando madeira, que a poeira faz fumaça, cachorro pega no beijo, vaqueiro derruba e laça, os quatro passam num canto que o vaqueiro a pé não passa [...]”. (*Obra 32*).**BEM-DISPOSTO** adj.

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.; T.C.)

Boa disposição física; animado. “[...] era um jumento possante, bem-disposto e corredor, mimoso reprodutor [...]”. (*Obra 12*).**BEZERRO** s.m.

PDSE (A.H.; A.O.; T.C.) PND (F.N.)

Cria masculina da vaca. “[...] tirando leite de vaca, vendo o bezerro apeado [...]”. (*Obra 28*).**BEZERROS** s.m.

PND (A.H.; A.O.; F.N.; T.C.)

Município pernambucano. “[...] Bezerros não dou atenção, Caruaru também não, só Altinho me convida, Pernambuco é minha vida e Altinho minha razão”. (*Obra 14*).

NOTA. Está distante cerca de 100 km da capital Recife.

BICHEIRA s.f.

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.) PDSD (T.C.)

Ferida no animal que tem a presença de vermes. “[...] bezerros que têm bicheiras permanecem encurralados, depois o vaqueiro volta com outros encarregados [...]”. (*Obra 29*).

BODEGA s.f

PDSE (A.H.; A.O.; T.C.) PND (F.N.)

Pequena mercearia; venda. “[...] dezoito de julho o dia mais santo para Ernestinho que beijava seu filhinho transpassado de alegria, Titico depressa ia na bodega conhecida comprar bolacha e bebida, fogo do ar e gasosa, uma estrela luminosa está guiando a sua vida [...]”. (*Obra 23*).

BOIADA s.f.

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.; T.C.)

Rebanho de bois. “[...] se dirige até ao local, encosta o cavalo e grita, perseguindo o animal até juntá-lo à boiada [...]”. VAR. *Boiama; boiato*. (*Obra 29*).

NOTA: A variante *boiama* está registrada em Cabral (1982). A variante *boiato* está registrada na obra Destino de Vaqueiro.

BOIADEIRO s.m.

PDSE (A.O.) PDSD (A.H.; F.N.) PND (T.C.)

Motorista de boiadeira. “[...] adeus queridos vaqueiros, colegas e companheiros, fazendeiros, boiadeiros e a quem me deu troféu, morreu a minha esperança, choro igualmente criança, mas conservo na lembrança, luvas, perneiras e chapéu [...]”. (*Obra 33*).

BOIATO s.m.

PDSE (A.O.) PND (A.H.; F.N.; T.C.)

Ver boiada. “[...] quem nasce pra ser vaqueiro, só se acostuma no mato, montando em cavalo bom, correndo atrás do boiato [...]”. (*Obra 29*).

BOLA s.m.

PDSD (A.H.; A.O.; F.N.) PDSE (T.C.)

Redução da palavra Tatu-bola. “[...] construída por ele sem maldade pra servir de morada para o bola [...]”. (*Obra 05*).

BOLACHA s.f

PDSE (A.H.; A.O.) PDSD (F.N.; T.C.)

Biscoito salgado ou doce. “[...] dezoito de julho o dia mais santo para Ernestinho que beijava seu filhinho transpassado de alegria, Titico depressa ia na bodega conhecida comprar bolacha e bebida, fogo do ar e gasosa, uma estrela luminosa está guiando a sua vida [...]”. (*Obra 23*).

BOQUEIRÃO s.m.

PDSD (A.H.; A.O.; F.N.; T.C.)

Comunidade localizada no município de Pocinhos. “[...] dia sete de agosto em Boqueirão, pertencente ao distrito de Pocinhos, pelas seis da manhã os passarinhos procuravam sementes pelo chão [...]”. (*Obra 05*).

NOTA. Pocinhos está localizado no Estado da Paraíba.

BOTIJÃO s.m

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.; T.C.)

Bujão de gás. “[...] do meu tempo de rapaz perdi toda a energia, sou motor sem bateria ou um botijão sem gás [...]”. (*Obra 06*).

BRAÇO DIREITO s.m.

PND (A.H.; A.O.; F.N.) PDSE (T.C.)

Pessoa de confiança. “[...] foi poeta de vasta inspiração, expressão cultural de nossos dias, com arranjos em várias melodias que abalavam a nossa região. Foi o braço direito do São João, desta terra que tanto nos seduz [...]”. (*Obra 21*).

BRECHINHA s.f.

PND (A.H.; A.O.) PDSD (F.N.) PDSE (T.C.)

Diminutivo de brecha; abertura pequena e estreita. “[...] lagartixas dormindo nas brechinhas das paredes do velho casarão [...]”. (*Obra 03*).

BRISA s.f.

PDSE (A.H.; A.O.) PDSD (F.N.; T.C.)

Vento fresco e leve. “[...] sopra a brisa suave e pára o vento evitando qualquer destruição [...]”. (*Obra 03*).

BROCA s.f.

PDSE (A.H.; A.O.; T.C.) PND (F.N.)

Mato baixo. “[...] cortei mato, fiz aceiro, queimei broca [...]”. (*Obra 01*).

C

CAATINGA s.f.

PDSE (A.H.; A.O.; F.N.) PND (T.C.)

Plantas e matos que têm espinhos encontrados na região nordeste. “[...] é melhor gastar dinheiro, mesmo sem profissão, de pegar boi na caatinga, rasgando o couro da mão [...]”. (*Obra 28*).

CABRA s.f.

PDSE (A.H.; A.O.) PDSD (F.N.; T.C.)

A fêmea do bode. “[...] sertanejo da roça vem chegando, vê as cabras entrando no chiqueiro [...]”. (*Obra 03*).

CACHIMBO s.m.

PDSE (A.H.; A.O.) PDSD (F.N.) PND (T.C.)

Objeto usado para fumar. “[...] fiz cachimbo de barro e matricó [...]”. VAR. *pai de fogo*. (*Obra 01*).

NOTA: A variante *Pai de fogo* está registrada na mesma obra.

CACIMBÃO s.m.

PDSE (A.H.; A.O.; F.N.; T.C.)

Poço grande onde se junta água do subsolo. “[...] fiz barreiro, barragem e cacimbão [...]”. (*Obra 01*).

CADUQUICE s.m.

PDSE (A.H.; A.O.; T.C.) PND (F.N.)

Demência da mente. “[...] como velho na sala só tem eu, implorando do povo a piedade, que num gesto fiel de humanidade me ajuda no rumo da caduquice [...]”. (*Obra 17/ Obra 25*).

CAIR DE UMA NOITE sint. verb.

PND (A.H.; A.O.; F.N.; T.C.)

Anoitecer. “enriquece o juízo do poeta o cair de uma noite no sertão”. (*Obra 03*).

NOTA. Observa-se nesta entrada o uso de metáfora.

CAJUEIRO s.m.

PDSE (A.H.; A.O.; F.N.) PND (T.C.)

Árvore que dá caju. “[...] Xapuri foi enterrado debaixo do cajueiro [...]”. (*Obra 12*).

NOTA. O artista faz referência ao cajueiro do cabo Lúcio que serviu de sepultura para Xapuri.

CAMARADA adj.

PDSE (A.H.; A.O.; F.N.; T.C.)

Qualquer pessoa boa; amigo; companheiro. “[...] em uma festa animada, recebi uma missiva que minha mãe adotiva se achava sepultada. Perguntei ao camarada: quem esta carta escreveu? Respondeu: um mano seu, escreveu e assinou, Várzea de Lima, porque mamãe faleceu [...]”. (*Obra 37*).

CAMBITO s.m.

PDSE (A.H.; A.O.; F.N.; T.C.)

Perna fina. “[...] fui ligeiro como um gato e nunca quebrei um trato, sendo pra correr no mato eu era o mais animado, hoje triste onde habito, vendo os couros num cambito, não pego nem um cabrito, só se estiver amarrado [...]”. (*Obra 33*).

CAMPEIRA adj.

PDSD (A.H.; A.O.; F.N.) PDSE (T.C.)

Que vive no campo. “[...] eu fui um profissional, gostei de vida campeira, no mato eu não corro mais [...]”. VAR. *campesina*. (*Obra 29*).

NOTA: A variante *campesina* está registrada na obra *Era o Câmara Cascudo do agreste, fotocópia fiel de Zé da Luz*.

CAMPEIRO adj.

PDSE (A.H.; A.O.; F.N.; T.C.)

Ver campeira. “[...] quando Xapuri morreu, seu dono ficou aflito, levantou-se e deu um grito que a casa estremeceu, chorando porque perdeu seu reprodutor campeiro [...]”. (*Obra 12*).

CAMPESINA adj.

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.; T.C.)

Ver campeira. “[...] na cultura, a cultura nordestina foi por ele tão bem representada, difusora a primeira registrada, informando à classe campesina, liberdade serviu-lhe de rotina [...]”. (*Obra 21*).

CAMPINA s.f.

PDSE (A.H.; A.O.) PDSD (F.N.; T.C.)

Grande terreno ou cercado com matos baixos e sem árvores. “[...] vê-se logo a campina iluminada com as luzes de tantos pirilampos [...]”. (*Obra 03*).

CAMPO s.m.

PDSE (A.H.; A.O.; T.C.) PND (F.N.)

Interior longe da cidade. “[...] um vaqueiro no campo vem voltando aboiando ou cantando uma canção [...]”. (*Obra 03*).

CANECO s.m.

PDSE (A.H.; A.O.; T.C.) PDSD (F.N.)

Copo. “[...] em qualquer luta com gado eu sempre fui afamado, o tirador consagrado de leite na região, hoje só tenho a vontade, os nervos pela metade, com o peso da idade, o caneco cai da mão [...]”. (*Obra 33*).

CANTINHO s.m.

PDSE (A.H.; A.O.; T.C.) PND (F.N.)

Diminutivo de canto; lugar. “[...] ela tem um cantinho em meu abrigo [...]”. (*Obra 01*).

CANTORIA RENDOSA s.f.

PND (A.H.; A.O.; F.N.; T.C.)

Cantoria que rende boas gorjetas. “[...] tantas coisas gozei na minha vida, não há mais esperança de gozá-las, cantorias rendosas, boas salas com viola bonita e sustentada, estou velho, ninguém me convida pra cantar em qualquer localidade, estou vivendo isolado na cidade que me leva a pensar na caduquice, eu perdi no transporte da velhice a bagagem da minha mocidade [...]”. (*Obra 25*).

CAPA s.f.

PDSE (A.H.; A.O.) PDSD (F.N.; T.C.)

Pano ou outro material que serve para cobrir ou proteger. “[...] foi a capa do pinho ou a sacola [...]”. (*Obra 01*).

CAPACITOSO adj.

PND (A.H.; A.O.; F.N.; T.C.)

Pessoa que é capaz. “[...] ser digno é ser constante, capacitoso e decente. É sentir o quanto sente, seu irmão, seu semelhante e nunca ser arrogante, nem falar mal de ninguém [...]”. (*Obra 13*).

CAPOEIRA s.f.

PDSE (A.H.; A.O.; T.C.) PDSD (F.N.)

Terreno grande cheio de mato. “[...] só gostava de carreira onde quebrava a madeira, no mourão, na capoeira, achava fácil demais, já hoje estou diferente, cansado, velho e doente, onde tem um boi valente, nem com reza eu pego mais [...]”. (*Obra 33*).

CARIRI s.m.

PDSD (A.H.; A.O.; F.N.) PND (T.C.)

Uma das regiões da Paraíba. “eu nasci, cresci, vivi disposto a trabalhar pra cantar, pra namorar as negras do Cariri [...]”. (*Obra 06*).

NOTA. Região que compreende 29 municípios paraibanos.

CARRASCO s.m.

PDSE (A.H.; A.O.; F.N.; T.C.)

Mato encontrado na caatinga nordestina. “[...] eu sempre me afasto pro fundo do pasto, fazendo meu rasto na ponta do casco, vaqueiro afamado que vem contratado, o cavalo cansado fica no carrasco [...]”. (*Obra 31*).

CARREIRA s.f.

PDSE (A.H.; A.O.; T.C.) PDSD (F.N.)

Corrida apressada; ligeira. “[...] na separação do gado, já dá diversas carreiras, gado solteiro de um lado, do outro, vacas leiteiras, só o cachorro lhe ajuda nas labutas catingueiras [...]”. (*Obra 29*).

CARUARU s.m.

PDSD (A.H.) PDSE (F.N.) PND (A.O.; T.C.)

Município pernambucano. “[...] Bezerros não dou atenção, Caruaru também não, só Altinho me convida, Pernambuco é minha vida e Altinho minha razão”. (*Obra 14*).

NOTA. Está distante cerca de 130 km da capital Recife.

CASA MIMOSA s.f.

PND (A.H.; A.O.; F.N.; T.C.)

Casa acolhedora, simples e agradável. “[...] penso em Vavá, penso em Josa, mas moram perto de mim. César vai e volta assim pra nossa casa mimosa, só tu na terra assombrosa passaste a ser residente, eu já velho e impaciente [...]”. (*Obra 16*).

CASARÃO s.m.

PDSE (A.H.; A.O.) PDSD (F.N.) PND (T.C.)

Casa grande e antiga. “[...] das paredes do velho casarão, vê-se o galo, o peru e o pavão [...]”. (*Obra 03*).

CASCO s.m.

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.) PDSD (T.C.)

Unha da novilha. “[...] eu sempre me afasto pro fundo do pasto, fazendo meu rasto na ponta do casco, vaqueiro afamado que vem contratado, o cavalo cansado fica no carrasco [...]”. (*Obra 31*).

CASINHOLA s.f.

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.; T.C.)

Casa simples e humilde. “[...] solitário na minha casinhola [...]”. (*Obra 01*).

CASTANHA s.f.

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.) PDSD (T.C.)

Semente do cajueiro. “[...] onde havia castanha, havia um jogo [...]”. (*Obra 01*).

NOTA. Castanha de caju

CASTANHOLA s.f.

PDSE (A.H.; A.O.; F.N.) PND (T.C.)

Árvore que dá amêndoas. “[...] aprendi a afinar o instrumento, mas fiquei sem ter jeito de tocar, o trabalho maior foi pra rimar, pois não tinha o menor conhecimento e forçava demais o pensamento que a matéria ficava deprimida, mal sentado na porta da guarida, sombreada por uma castanhola, fiz do choro das cordas da viola o maior ganha-pão da minha vida [...]”. (*Obra 01*).

CATINGUEIRA adj.

PDSE (A.H.; A.O.; F.N.) PDSD (T.C.)

Relativo a tudo que se faz na caatinga. “[...] na separação do gado, já dá diversas carreiras, gado solteiro de um lado, do outro, vacas leiteiras, só o cachorro lhe ajuda nas labutas catingueiras [...]”. (*Obra 29*).

CAVALO EM OSSO exp.

PND (A.H.; A.O.; F.N.; T.C.)

Cavalo sem sela e sem cordas. “[...] no tempo que eu era moço montava a cavalo em osso, do lombo até o pescoço, era uma coisa só, derrubava atravessado, laçava de qualquer lado, dava queda em boi raçado que as pernas davam um nó [...]”. (*Obra 33*).

CAVERNOSA adj.

PND (A.H.; A.O.; F.N.; T.C.)

Assustadora. “[...] fica tudo parado no momento, as ladeiras parecem cavernosas, aparecem estrelas luminosas, são lanternas de Deus no firmamento [...]”. (*Obra 03*).

CELEIRO s.m.

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.; T.C.)

Depósito; armazém. “[...] no avanço da fase adolescente esperanças, desejos, aventuras conservei um celeiro de loucuras sem pensar no que vinha pela frente, mas o tempo é veloz e velozmente foi embora com a minha puberdade, juventude pra mim foi tempestade [...]”. (*Obra 25*).

CERCADO s.m.

PDSE (A.H.; A.O.; T.C.) PND (F.N.)

Lugar fechado por cerca de madeira para prender ou separar os animais. “[...] entre mangas e cercados, o gado está dividido, depois o vaqueiro aboia como quem faz um pedido [...]”. (*Obra 29*).

CHAPÉU DE COURO s.m.

PDSD (A.H.; F.N.) PND (A.O.) PDSE (T.C.)

Chapéu feito de couro curtido (geralmente de bode ou de veado) usado pelos vaqueiros. “[...] não gostar de paletó, colete nem jaquetão, a roupa de preferência, é guarda-peito e gibão, só usa chapéu de couro, vaqueiro do meu sertão [...]”. (*Obra 32*).

CHINCHA s.f.

PDSD (A.H.; A.O.) PND (F.N.) PDSE (T.C.)

Faixa de couro que é colocada no lombo do cavalo e presa por uma fivela. “[...] vendo o meu gibão mofado, em um gancho pendurado, a sela pra outro lado, guarda-peito e roladeira, a corda, a chinha eu nem falo, o chocalho sem badalo, meu retrato no cavalo no fim da última carreira [...]”. VAR. *Cincha*. (*Obra 33*).

NOTA: A variante *Cincha* está registrada em Cabral (1982).

CHINCHAR v.

PDSD (A.H.; A.O.) PND (F.N.; T.C.)

Colocar a chinha no cavalo. “[...] correr no mato fechado para mim é diversão, pegar um boi mandingueiro, bater com ele no chão, encaretá-lo e chinchá-lo pra mostrá-lo ao meu patrão”. (*Obra 28*).

CHIQUEIRO s.m.

PDSE (A.H.; A.O.; T.C.) PND (F.N.)

Curral que serve para abrigar os animais. “[...] sertanejo da roça vem chegando, vê as cabras entrando no chiqueiro, as galinhas subindo no poleiro e a mulher na cozinha trabalhando, um vaqueiro no campo vem voltando, aboiando ou cantando uma canção [...]”. (*Obra 03*).

CHOCALHO s.m.

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.) PDSD (T.C.)

Sineta com badalo que se pendura nos animais que produz um som quando estes se movimentam. “[...] cachorro e cavalo bom é o que mais ele zela, chocalho e corda de couro bem amarradas na sela e o remédio que toma é quixabeira e favela [...]”. (*Obra 32*).

CHOROSA adj.

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.; T.C.)

Que chora. “[...] a família está chorosa, vê-se o pranto em cada rosto, o calendário da dor mostrando o mês do desgosto, a morte em noventa e nove a dezenove de agosto [...]”. (*Obra 30*).

CIPÓ s.m.

PDSE (A.H.; A.O.; F.N.) PDSD (T.C.)

Planta trepadeira parecida com uma corda. “é carreira disparada por cima do tabuleiro, por entre paus e cipós [...]”. (*Obra 28*).

COMPADECIDA adj.

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.; T.C.)

Pessoa que sente compaixão. “[...] minha mãe, santa mulher, que neste mundo viveu nove meses de espera, guardou-me no ventre seu, sempre foi compadecida, hoje estou gozando a vida, da vida que mãe me deu [...]”. (*Obra 34*).

CONSTANTE adj.

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.; T.C.)

Que não desiste fácil. “era um jumento possante, bem-disposto e corredor, mimoso reprodutor, bem adestrado e constante [...]”. (*Obra 12*).

CORDA DE COURO s.f.

PND (A.H.; A.O.; F.N.; T.C.)

Chicote de couro curtido. . “[...] cachorro e cavalo bom é o que mais ele zela, chocalho e corda de couro bem amarradas na sela e o remédio que toma é quixabeira e favela [...]”. (*Obra 32*).

CORDÃO s.m.

PND (A.H.; F.N.) PDSE (A.O.) PDSD (T.C.)

Corda fina. “[...] só cordão e mortalha bem comprida [...]”. (*Obra 01*).**CORREDOR** adj.

PDSE (A.H.; A.O.) PDSD (F.N.; T.C.)

Que corre muito. “era um jumento possante, bem-disposto e corredor, mimoso reprodutor, bem adestrado e constante [...]”. (*Obra 12*).**CORRIOLA** s.f.

PDSE (A.H.; A.O.; T.C.) PND (F.N.)

Bando; quadrilha; corja. “[...] com anarquia maior da corriola [...]”. VAR. *Curriola*. (*Obra 01*).NOTA: A variante *Curriola* está registrada em Cabral (1982).**COTURNO** s.m.

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.; T.C.)

Bota de cano longo amarrada com cordões. “[...] um par de coturnos, uma gandola [...]”. (*Obra 01*).**COURO** s.m.

PDSE (A.H.; A.O.; T.C.) PND (F.N.)

Pele. “[...] é melhor gastar dinheiro, mesmo sem a profissão, de pegar boi na caatinga, rasgando o couro da mão, que a imprensa só registra se tiver boi no mourão [...]”. (*Obra 28*).**CRUCIAR** v

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.; T.C.)

Crucificar. “[...] adeus, adeus, Flor da Serra! Foste num balão de véu, enquanto eu luto na terra, tu tens consolo no céu, findou-se o teu sofrimento e começou meu tormento, além do que eu já sofria, mas sofro resignado e canto emocionado a mágoa que me crucia [...]”. (*Obra 38*).

CURIMATAÚ s.m.

PDSD (A.H.) PND (A.O.; T.C.) PDSE (F.N.)

Uma das microrregiões do estado da Paraíba. “[...] oitenta, noventa ou cem vaqueiros do Cariri, outros de Curimataú, com outros de Sabugi, todos em Riacho Escuro, festa melhor nunca vi [...]”. (*Obra 27*).

CURRAL s.m.

PDSE (A.H.; A.O.; T.C.) PDSD (F.N.)

Espaço fechado, feito de madeira, usado para juntar e recolher o gado. “[...] num galope acelerado, se dirige ao local, encosta o cavalo e grita, perseguindo o animal, até juntá-lo à boiada, em direção do curral [...]”. (*Obra 29*).

CURSO s.m.

PDSE (A.H.; A.O.) PDSD (F.N.) PND (T.C.)

Passagem do rio. “[...] pra deixarem a água presa onde foi solta em outrora, sem poder mais ir embora, que o curso está cortado, o que Deus fez no passado o homem destrói agora [...]”. (*Obra 07*).

D

DECADENTE adj.

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.; T.C.)

Enfraquecido pelo avanço da idade. “[...] mesmo assim muito distante, permaneça trabalhando, seu futuro preparando, que é o mais importante, que daqui para diante, vou passar a decadente [...]”. (*Obra 16*).

DECENTE adj.

PDSE (A.H.; A.O.; T.C.) PND (F.N.)

Pessoa boa, digna e honesta. “ser digno é ser constante, capacitoso e decente. É sentir o quanto sente seu irmão, seu semelhante e nunca ser arrogante, nem falar mal de ninguém [...]”. (*Obra 13*).

DECREPITUDE s.f.

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.; T.C.)

Velhice. “[...] estou vivendo os meus dias de ancião, só pensando na minha juventude destruída pela decrepitude, arrastada por forte furacão, sem ter prova real da conclusão, se é comum ou se é fatal idade, só na morte haverá realidade [...]”. (*Obra 25*).

DERRIBAR v.

PDSE (A.H.; A.O.; F.N.) PND (T.C.)

Tirar de cima; derrubar. “[...] não há mais apartação porque gado não tem mais, propriedades vendidas e derribados os currais, as matas foram cortadas, secaram os mananciais [...]”. (*Obra 27*).

DESAMPARADA adj.

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.; T.C.)

Abandonada. “[...] sinto no meu coração as dores dos mais sofridos, onde esperam ser servidos em vez do sim, vem o não, mas eu divido meu pão que Deus me fez obrigada não deixar desamparada a pessoa que não tem [...]”. (*Obra 19*).

DESATINO s.m

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.; T.C.)

Sem juízo. “[...] Vezes estou em desatino, coisas erradas pensando, Jane me pede chorando, mudo logo meu destino, Santo Deus, Oh, Pai divino [...]”. (*Obra 14*).

DESDITOSA adj.

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.; T.C.)

Infeliz. “[...] também não te desacato e seja o que Deus quiser, quem despreza sem razão, faz o mal, Jesus não quer. Sintas o fim do romance da desditosa mulher [...]”. (*Obra 39*).

DESGARRADO adj.

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.; T.C.)

Apartado; desviado; perdido; afastado. “[...] trabalhei de enxada no roçado, fiz leirão pra cebola, coentro e alho, eu lucrei, mas perdi o meu trabalho, com produto sem preço no mercado sozinho pelo mundo, desgarrado, aí foi uma vida mal vivida na cidade por mim desconhecida [...]”. (*Obra 01*).

DESTEMIDO adj.

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.; T.C.)

Que não tem medo; corajoso. “[...] vaqueiro destemido com o cachorro de lado, são quatro horas da tarde, quando o vaqueiro enfadado, de longe avista uma rês, que se separou do gado [...]”. (*Obra 29*).

DESVENTURA s.f.

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.; T.C.)

Falta de sorte. “[...] uma vida tranquila e com doçura, com prazer, alegria e bem-estar, com estrelas brilhantes no seu lar, num combate ferrenho à desventura, para sempre fugir à amargura [...]”. (*Obra 22*).

DIFUSORA s.f.

PND (A.H.; A.O.; F.N.; T.C.)

Emissora de rádio. “[...] na cultura, a cultura nordestina foi por ele tão bem representada, difusora a primeira registrada, informando à classe campesina, liberdade serviu-lhe de rotina [...]”. (*Obra 21*).

DISPARADA adj.

PDSE (A.H.; A.O.; T.C.) PND (F.N.)

Corrida ligeira. “[...] já quebrei muita madeira, em carreira disparada, enfrentei gado manhoso, trabalhei por quase nada [...]”. (*Obra 29*).

DIVINDADE s.f.

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.; T.C.)

Relativo a Deus. “[...] para os versos a luz da divindade, recebi no espírito a claridade [...]”.
(*Obra 05*).

NOTA. Observa-se nesta entrada o uso de metáfora.

E

EMBORCADO adj

PDSE (A.O.) PND (A.H.; F.N.) PDSD (T.C.)

De cabeça para baixo. “[...] eu penso que não demora ver nosso globo emborcado, o que Deus fez no passado, o homem destrói agora [...]”. (*Obra 07*).

ENCARETAR v.

PDSE (A.H.; A.O.; T.C.) PND (F.N.)

Fazer careta. “[...] encaretá-lo e chinchá-lo pra mostra-lo ao meu patrão”. (*Obra 28*).

ENCARREGADO s.m.

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.; T.C.)

Que é responsável por alguma atividade. “[...] bezerros que têm bicheiras permanecem encurralados, depois o vaqueiro volta com outros encarregados [...]”. (*Obra 29*).

ENCHOCALHO adj.

PND (A.H.; A.O.; F.N.; T.C.)

Com o chocalho. “[...] o boi tremendo no chão, mas já está enchocalho, o cachorro de uma banda e o vaqueiro cansado tem que leva-lo à fazenda ou vai na frente ou chinchado [...]”. (*Obra 32*).

ENCOURADO adj.

PDSE (A.H.; A.O.; F.N.; T.C.)

Com roupa de couro. “[...] correr no mato encourado com guarda-peito e gibão [...]”. (*Obra 28*).

ENCURRALADO adj.

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.; T.C.)

Animal preso no curral. “[...] bezerros que têm bicheiras permanecem encurralados, depois o vaqueiro volta com outros encarregados [...]”. (*Obra 29*).

ENFADADO adj.

PDSD (A.H.; A.O.) PND (F.N.; T.C.)

Muito cansado e sem disposição física. “[...] o vaqueiro destemido com o cachorro de lado, são quatro horas da tarde, quando o vaqueiro enfadado, de longe avista uma rês, que se separou do gado [...]”. (*Obra 29*).

ENFEITAR v.

PDSE (A.H.; A.O.) PDSD (F.N.) PND (T.C.)

Deixar bonita. “[...] já campina enfeitava a região com seu porte afagante de cidade [...]”. (*Obra 05*).

ENGANCHAR v.

PDSE (A.H.; A.O.; T.C.) PND (F.N.)

Ficar preso em alguém ou algo. “[...] gostei da vida campeira, no mato eu não corro mais, só em mourão de porteira, que não vou perder a vida, enganchado em quixabeira [...]”. (*Obra 29*).

ENSEJO s.m.

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.; T.C.)

Momento; ocasião; oportunidade. “[...] quando ela não tinha aquele ensejo de gozar o que sempre preferia, mas a coisa mudou e hoje em dia [...]”. (*Obra 09*).

ENTOAR v.

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.) PDSD (T.C.)

Cantar. “[...] e Deus Pai visitando a moradia, a orquestra do Céu na melodia, entoando a canção da divindade, um por cento em toda a humanidade comemora esta data em qualquer dia [...]”. (*Obra 24*).

ENXADA s.f.

PDSE (A.H.; A.O.; T.C.) PDSD (F.N.)

Ferramenta de lâmina de aço, com cabo de madeira que serve para cavar terra, cortar mato e capinar. “[...] trabalhei de enxada no roçado [...]”. (*Obra 01*).

ESCALDANTE adj.

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.; T.C.)

Muito quente. “[...] O destino me levou pra tão distante quem eu tanto queria bem pertinho. Está escuro o céu do sobradinho e o seu campo está repugnante, quando o sol aparece é escaldante [...]”. (*Obra 15*).

ESCAPAR v.

PDSE (A.H.; A.O.) PDSO (F.N.) PND (T.C.)

Livrar-se. “[...] escapa por um milagre do santo Deus verdadeiro, a sempre Virgem Maria, tem dó do seu desespero, da mãe reforça o carinho, recupera o seu filhinho com um remédio caseiro [...]”. (*Obra 34*).

ESFARRAPADO adj.

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.) PDSO (T.C.)

Molambento; maltrapilho. “[...] dê água para os sedentos, vista os nus esfarrapados que se acham desgarrados por conta dos avarentos, entre choros e lamentos, vem um anjo defensor para sanar o clamor de quem pensou não ter jeito, faça um canteiro no peito, plante a semente do amor [...]”. (*Obra 02*).

ESMORECER v.

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.) PDSO (T.C.)

Enfraquecer. “perdi a vitalidade, os órgãos esmorecendo, atualmente estão sendo cofres de guardar saudade, choro pela mocidade que se foi não volta mais [...]”. (*Obra 06/ Obra 25*).

ESPINHAÇO s.m.

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.) PDSO (T.C.)

Coluna; costas. “[...] se uma rês adoecia, até purgante eu fazia, que de longe eu conhecia, se era veneno ou rama, hoje em dia nada faço, com vista curta e cansaço, sentindo dor no espinhaço sem poder sair da cama [...]”. (*Obra 33*).

ESQUIPADOR adj.

PDSE (A.H.; A.O.; T.C.) PND (F.N.)

Animal que esquipa bem; que tem boa andadura. “[...] bem adestrado e constante, galopador importante, esquipador e troteiro [...]”. (*Obra 12*).

ESTEIO s.m.

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.; T.C.)

Apoio feito de madeira para sustentar coisas. “[...] os núcleos industriais em tudo passando a mão, madeira para construção pra esteio, viga e escora [...]”. (*Obra 07*).

ESTIRADA s.f

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.) PDSD (T.C.)

Estendida; esticada. “[...] nasceu numa madrugada, em sessenta e cinco o ano, dia que o Soberano estava de mão estirada para a Virgem Imaculada ou Maria concebida [...]”. (*Obra 23*).

ESTRANGEIRO s.m.

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.; T.C.)

Outro país. “[...] o que fez, outro não faz, só se for no estrangeiro, mas no solo brasileiro, se nasceu não foi criado [...]”. (*Obra 12*).

ESTREBARIA s.f.

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.; T.C.)

Casa dos cavalos. “[...] Cabo Lúcio possuía um jumentinho estimado por ele mesmo criado bem zelado noite e dia, lá na sua estrebaria, do dono sentia o cheiro [...]”. (*Obra 12*).

ESTRIDENTE adj.

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.; T.C.)

Som muito alto. “[...] no apito estridente do inhambu, na vereda da toca do tatu [...]”. (*Obra 05*).

F

FAÇANHA s.f.

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.; T.C.)

Ação bonita, feita de forma heroica. “[...] cachorro corre no rastro e o vaqueiro acompanha naquele xoto rasgado, nem se fere e nem arranha, o cachorro acua o boi, daí começa a façanha [...]”. (*Obra 32*).

FAMIGERADO adj.

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.; T.C.)

Que tem fama. “[...] ver onde os aventureiros deram seus primeiros passos, em diferentes espaços, garimpos e garimpeiros, famigerados guerreiros [...]”. (*Obra 11*).

FARDO s.m.

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.; T.C.)

Peso. “[...] santas graças de Deus eu recebi como a paz, a saúde e a liberdade, hoje sofro, o motivo é a idade, nenhum velho tem nada de meiguice, pra levar meu fardo na velhice, vou pedindo uma ajuda à mocidade [...]”. (*Obra 17*).

FAVELA s.f.

PDSE (A.H.; F.N.) PDSD (A.O.) PND (T.C.)

Planta medicinal da caatinga. “[...] cachorro e cavalo bom é o que mais ele zela, chocalho e corda de couro bem amarradas na sela e o remédio que toma é quixabeira e favela [...]”. VAR. *Faveleira; Faveleiro; Mandioca-brava*. (*Obra 32*).

NOTA: As variantes *Faveleira*, *Faveleiro* e *Mandioca-brava* estão registrados em Navarro (2013).

FEIRA NOVA s.f.

PND (A.H.; A.O.; F.N.; T.C.)

Município pernambucano. “[...] penso em Glória do Goitá, Feira Nova e Apoti, Vitória não fico ali, em Pombos não passo lá, não demoro em Gravatá [...]”. (*Obra 14*).

NOTA. Está distante cerca de 80 km da capital Recife.

FERRAR v.

PDSE (A.H.; A.O.; T.C.) PND (F.N.)

Marcar o animal com ferro quente de brasa. “[...] ferrar gado e vacinar e puxar boi no mourão”. (*Obra 28*).

FERRENHO adj.

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.; T.C.)

Difícil. “[...] uma vida tranquila e com doçura, com prazer, alegria e bem-estar, com estrelas brilhantes no seu lar, num combate ferrenho à desventura, para sempre fugir à amargura [...]”. (*Obra 22*).

FERVOROSO DEVOTO adj.

PND (A.H.; A.O.; F.N.; T.C.)

Pessoa muito religiosa. “[...] fervoroso devoto de Jesus, Cristo foi para o céu, deixou a cruz com Jesus, Lídio foi sem fazer teste, era o Câmara Cascudo do agreste, fotocópia fiel de Zé da Luz [...]”. (*Obra 21*).

FESTA DE APARTAÇÃO s.f.

PND (A.H.; F.N.; T.C.) PDSE (A.O.)

Vaquejada. “[...] eu sou fã de vaquejada ou festa de apartação [...]”. (*Obra 28*).

FILISTEU s.m.

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.; T.C.)

Pessoa sem caráter e materialista que só pensa em dinheiro. “eu nasci, cresci, vivi disposto a trabalhar pra cantar, pra namorar as negras do cariri, valente como Davi, combatendo os filisteus [...]”. (*Obra 06*).

FIRMAMENTO s.m

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.; T.C.)

Céu. “[...] aparecem estrelas luminosas, são lanternas de Deus no firmamento [...]”. (*Obra 03*).

FLECHEIRO adj.

PDSD (A.H.; A.O.; F.N.) PND (T.C.)

Mergulho de cabeça. “[...] na bonita chapada do Ambó, no flecheiro mergulho do Socó [...]”. (*Obra 05*).

FOGO DO AR s.m

PND (A.H.; A.O.; F.N.; T.C.)

Fumo. “[...] dezoito de julho o dia mais santo para Ernestinho que beijava seu filhinho transpassado de alegria, Titico depressa ia na bodega conhecida comprar bolacha e bebida, fogo do ar e gasosa, uma estrela luminosa está guiando a sua vida [...]”. (*Obra 23*).

FOGUETÃO s.m

PDSE (A.H.; A.O.; T.C.) PND (F.N.)

Fogos potentes usados nas festividades. “[...] fogueteão mais foguetão que iluminava a floresta, o povo gritava é festa! Na Praça Padre Leão, juntou-se à população, foi logo a casa invadida, muita gente reunida na casa maravilhosa, uma estrela luminosa está guiando a sua vida [...]”. (*Obra 23*).

FOJO s.m.

PDSE (A.H.; A.O.; F.N.; T.C.)

Armadilha feita com uma cova profunda disfarçada de folhas para capturar animais vivos. “[...] o porreta no fojo e no quixó [...]”. (*Obra 01*).

FOLHAGEM s.f.

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.; T.C.)

Folhas das árvores e das plantas. “[...] são as réstias da lua nas folhagens como filmes batidos no pomar [...]”. (*Obra 03*).

FONTE s.f

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.) PDSD (T.C.)

Local onde nasce água do solo. “[...] com a mudança total no horizonte, vê-se a água serena numa fonte, que chamamos também de cacimbão [...]”. (*Obra 03*).

FORRADA adj.

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.; T.C.)

Cama arrumada com colcha. “[...] quatro quartos com camas bem forradas e ornadas com roupas muito boas [...]”. (*Obra 08*).

FORAM EMBORA sint. verb.

PND (A.H.; A.O.; F.N.; T.C.)

Morreram. “[...] ninguém mais me convida pra cantar, meus colegas antigos foram embora [...]”. (*Obra 05*).

G

GABOLICE s.f.

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.; T.C.)

Elogiar a si mesmo. “[...] e assim a idade foi crescendo, com um passo pra frente, dois pra trás, eu sentindo em mim que não sou mais por notar o meu corpo esmorecendo, o que fui no passado não estou sendo, do que mais eu gostei, estou sem vontade, só há mesmo no peito ansiedade, se disser que sou forte é gabolice, eu perdi no transporte da velhice a bagagem da minha mocidade [...]”. (*Obra 25*).

GADO s.m.

PDSE (A.H.; A.O.; T.C.) PND (F.N.)

Rebanho composto por animais bovinos: bois, vacas, novilhos e bezerros. “[...] trabalha sem ter contrato, sem direito à comissão, mas quando o patrão é bom, faz o gosto do patrão, zelando o gado e tomando mais gosto na profissão [...]”. (*Obra 29*).

GADO LEITEIRO s.m.

PND (A.H.; A.O.; F.N.; T.C.)

Vaca. “[...] animais de várias raças tinha esse fazendeiro, Bezerros ninguém contava, muito mais gado leiteiro e touros de pontas grossas que assombravam o vaqueiro [...]”. (*Obra 27*).

GALINHEIRO s.m.

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.; T.C.)

Lugar onde se guarda galinhas e outras aves. “[...] o seu destro companheiro vai perto do galinheiro, solta um soluço abafado [...]”. (*Obra 12*).

GALO s.m

PDSE (A.H.; A.O.) PDSD (F.N.; T.C.)

Macho da galinha. “[...] das paredes do velho casarão, vê-se o galo, o peru e o pavão [...]”. (*Obra 03*).

GALOPADOR adj.

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.; T.C.)

Cavalo que galopa bem e bonito. “[...] era um jumento possante, bem-disposto e corredor, mimoso reprodutor, bem adestrado e constante, galopador importante [...]”. VAR. *Galopeiro*. (*Obra 12*).

GALOPE s.m.

PDSE (A.H.; A.O.) PDSO (F.N.; T.C.)

Modo de andar do cavalo. “[...] num galope acelerado, se dirige ao local, encosta o cavalo e grita, perseguindo o animal, até juntá-lo à boiada, em direção do curral [...]”. (*Obra 29*).

GANCHO s.m.

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.) PDSO (T.C.)

Objeto em forma de “s” que serve para pendurar qualquer coisa. “[...] vendo o meu gibão mofado, em um gancho pendurado, a sela pra outro lado, guarda-peito e roladeira, a corda, a chinha eu nem falo, o chocalho sem badalo, meu retrato no cavalo no fim da última carreira [...]”. (*Obra 33*).

GANDOLA s.f.

PDSE (A.H.; A.O.) PDSO (F.N.) PND (T.C.)

Camisa ou blusão muito grande. “[...] um par de coturnos, uma gandola [...]”. (*Obra 01*).

GANHA-PÃO s.m.

PDSE (A.H.; A.O.; F.N.; T.C.)

Fonte de sustento. “Fiz do choro das cordas da viola o maior ganha-pão da minha vida”. (*Obra 01*).

GARANHUNS s.m.

PND (A.H.; A.O.; F.N.; T.C.)

Município pernambucano. “[...] de batalha fez saída, não dava mais para ficar, dirigiu-se a Permambuco, Garanhuns este pomar e a Fazenda Serra Branca lhe chamou pra trabalhar [...]”. (*Obra 30*).

NOTA. Está distante cerca de 230 km da capital Recife.

GASOSA s.f

PDSE (A.H.; A.O.) PDSO (F.N.) PND (T.C.)

Refrigerante. “[...] dezoito de julho o dia mais santo para Ernestinho que beijava seu filhinho transpassado de alegria, Titico depressa ia na bodega conhecida comprar bolacha e bebida, fogo do ar e gasosa, uma estrela luminosa está guiando a sua vida [...]”. (*Obra 23*).

GIBÃO s.m.

PDSE (A.H.; A.O.; F.N.; T.C.)

Casaco de couro usado pelo vaqueiro. “[...] de manhã veste gibão, deixa o cavalo selado, toma um cafezinho e sai bastante apressado [...]”. (*Obra 29*).

GLÓRIA DO GOITÁ s.f.

PND (A.H.; A.O.; F.N.; T.C.)

Município pernambucano. “[...] penso em Glória do Goitá, Feira Nova e Apoti, Vitória não fico ali, em Pombos não passo lá, não demoro em Gravatá [...]”. (*Obra 14*).

NOTA. Está localizado na Zona da Mata distante cerca de 70 km da capital Recife.

GLOSADOR s.m.

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.; T.C.)

Aquele que glosa; poeta. “conheci um montão de glosadores, fui artista querido dos doutores [...]”. (*Obra 05*).

GRAVATÁ s.m.

PDSD (A.H.; A.O.) PND (F.N.; T.C.)

Município pernambucano. “[...] penso em Glória do Goitá, Feira Nova e Apoti, Vitória não fico ali, em Pombos não passo lá, não demoro em Gravatá [...]”. (*Obra 14*).

NOTA. Está distante cerca de 84 km da capital Recife.

GRINALDA s.f.

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.; T.C.)

Enfeite de flores. “[...] tenha muita saúde, amor e paz, com sucesso total em seus desejos, com afagos de todos e mil beijos e grinaldas de flores naturais com mensagens, com filmes e postais [...]”. (*Obra 24*).

GRUTA s.f.

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.; T.C.)

Lugar dentro de um rochedo onde os animais se escondem, descansam e dormem. “[...] sou absoluta, durmo numa gruta, vaqueiro recruta, não pode me achar, não vê a malhada, nem minha pousada, só vê a entrada e não pode passar [...]”. (*Obra 31*).

GUARDA-PEITO s.m

PDSE (A.H.; A.O.; F.N.; T.C.)

Colete de couro usado pelos vaqueiros. “[...] correr no mato encourado, de guarda-peito e gibão [...]”. (*Obra 28*).

GUARIDA s.f.

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.; T.C.)

Lugar que serve de abrigo ou de refúgio. “[...] mal sentado na porta da guarida, sombreada por uma castanhola, fiz do choro da viola o maior ganha-pão da minha vida [...]”. (*Obra 01 / Obra 23*).

H

HORROROSO adj.

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.; T.C.)

Muito feio; horrível. “[...] pra depois conservar este complexo horroroso porque nasceu mulher, se tomar uma cápsula e se lhe der [...]”. (*Obra 09*).

I

ILUMINADA adj.

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.; T.C.)

Pessoa abençoada; de luz. . “[...] sinto no meu coração as dores dos mais sofridos, onde esperam ser servidos em vez do sim, vem o não, mas eu divido meu pão que Deus me fez obrigada não deixar desamparada a pessoa que não tem, sou feliz e vivo bem porque sou iluminada [...]”. (*Obra 19*).

IMPIEDOSA adj.

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.; T.C.)

Pessoa que não tem piedade. “[...] não estou condenando a medicina, para mim é ciência valorosa, eu condeno é a mãe impiedosa [...]”. (*Obra 09*).

INDA adv.

PND (A.H.; A.O.; F.N.; T.C.)

Variante do advérbio ainda. “[...] comecei a viver da plantação, de arroz, de feijão, de mandioca, cortei mato, fiz aceiro, queimei broca, pra plantar fumo, agave e algodão, fiz barreiro, barragem e cacimbão para o gado da fazenda Santa Guida, inda hoje a coluna está doída de puxar barro e lama em padiola, fiz do choro das cordas da viola o maior ganha-pão da minha vida [...]”. (*Obra 01*).

INHAMBU s.m.

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.; T.C.)

Ave pequena que tem a carne muito apreciada no nordeste brasileiro. “[...] no apito estridente do inhambu, na vereda da toca do tatu [...]”. VAR. *Nhabu; nambu; Inambu-preto*. (*Obra 05*).

NOTA: As variantes *Nhabu* e *Nambu* estão registradas em Aulete Digital e *Inambu-preto* está registrado em Houaiss (2009).

INSULTAR v.

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.; T.C.)

Ofender. “[...] eu fui batizada, no mato criada, não temo ramada, nem unha-de-gato, vaqueiro eu insulto, não vê nem meu vulto, porque me invulto na sombra do mato [...]”. (*Obra 31*).

INVULTAR v.

PND (A.H.; A.O.; F.N.; T.C.)

Ficar invisível. “[...] eu fui batizada, no mato criada, não temo ramada, nem unha-de-gato, vaqueiro eu insulto, não vê nem meu vulto, porque me invulto na sombra do mato [...]”. (*Obra 31*).

J

JERICO s.m.

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.; T.C.)

O mesmo que jumento. “[...] a morte com desespero, matou o jerico amado, Xapuri foi enterrado debaixo do cajueiro [...]” VAR *Jegue*. (*Obra 12*).

NOTA: A variante jegue está registrada em Aulete Digital.

JUMENTO s.m.

PDSE (A.H.; A.O.; T.C.) PND (F.N.)

Ver jerico. “[...] era um jumento possante, bem-disposto e corredor, mimoso reprodutor, bem adestrado e constante, galopador importante [...]”. (*Obra 12*).

JUSTINHA adj.

PND (A.H.; A.O.; F.N.; T.C.)

Pessoa correta. “[...] se quer ser bem justinha pra que quer ter encontro ou contato com o sexo, pra depois conservara este complexo [...]”. (*Obra 09*).

L

LABUTA s.f.

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.; T.C.)

Trabalho duro. “[...] na separação do gado, já dá diversas carreiras, gado solteiro de um lado, do outro, vacas leiteiras, só o cachorro lhe ajuda nas labutas catingueiras [...]”. (*Obra 29*).

LAGOA s.f.

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.) PDSO (T.C.)

Lago formado por água da chuva. “[...] aqui, acolá, se viam lagoas em quantidades, o pasto cobria a terra de não ver-se a qualidade e o Rio Taperoá banhando a propriedade [...]”. (*Obra 27*).

LAJEDO s.m.

PDSE (A.H.; A.O.; F.N.; T.C.)

Lugar onde tem muitas lajes; rochas. “[...] e os morcegos voando nos rochedos, muitas cabras deitadas nos lajedos [...]”. VAR. *Lajeado*. (*Obra 03*).

NOTA: A variante Lajeado está registrada em Aulete Digital.

LAMACENTO adj.

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.; T.C.)

Chão enlameado. “[...] ninho é feito em arvoredor, gancho de pau ou ramagem, a terra suja a plumagem, por isso o pássaro tem medo, se acostuma a dormir cedo, que lá não tem movimento onde o chão é lamacento, pássaro não voa baixinho, casa de xexéu é ninho, não tem barro e nem cimento [...]”. (*Obra 04*).

LANTERNA DE DEUS s.f.

PND (A.H.; A.O.; F.N.; T.C.)

Estrela do céu. “[...] aparecem estrelas luminosas, são lanternas de Deus no firmamento [...]”. (*Obra 03*).

NOTA. Observa-se nesta entrada o uso de metáfora.

LAVOURA s.f.

PDSE (A.H.; A.O.; F.N.) PND (T.C.)

Plantação de feijão, macaxeira, batata doce, milho etc feita de enxada para o sustento da família. “[...] alegrava o povo da lavoura declamando na Rádio Liberdade, despertava o povo da cidade, foi o poeta da classe produtora, mensageiro leal da emissora [...]”. (*Obra 21*).

LEÃO s.m.

PDSD (A.H.; A.O.) PDSE (F.N.) PND (T.C.)

Pernambucano valente. “[...] No Brasil só acho graça neste pedaço de chão, Pernambuco por ser leão, a cidade por ser querida, Pernambuco é minha vida e Altinho minha razão”. (*Obra 14*).

LÉGUA s.f.

PDSE (A.H.; A.O.; F.N.; T.C.)

Medida de distância. “[...] com muitas léguas eu soube da morte da minha Flor, o meu coração não coube, lamento, tristeza e dor, no impacto da saudade, desgosto e ansiedade, transformação de relance, senti a mágoa fatal, mostrar-me a página final do doloroso romance [...]”. (*Obra 38*).

LEIRÃO s.m.

PDSE (A.H.; A.O.; F.N.; T.C.)

Espaço do terreno para cultivo. “[...] trabalhei de enxada no roçado: fiz leirão pra cebola, coentro e alho [...]”. VAR. *Leira*. (*Obra 01*).

LEITE PURO s.m.

PND (A.H.; A.O.; F.N.; T.C.)

Leite que não é batizado com água. “quem conheceu a fazenda de nome Riacho Escuro e comeu queijo de lá, manteiga de leite puro, nem sonhando pensaria no seu regresso futuro [...]”. (*Obra 27*).

LEITEIRA adj.

PDSD (A.H.; A.O.) PND (F.N.; T.C.)

Vaca que dá muito leite. “[...] na separação do gado, já dá diversas carreiras, gado solteiro de um lado, do outro, vacas leiteiras, só o cachorro lhe ajuda nas labutas catingueiras [...]”. (*Obra 29*).

LESTE s.m.

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.; T.C.)

Região onde nasce o sol. “[...] e o leste ficando acinzentado, com mudança total no horizonte [...]”. (*Obra 03*).

LIGEIRO adj.

PDSE (A.H.; A.O.; F.N.) PDSD (T.C.)

Apressado; rápido. “[...] tão novo, foi tão ligeiro, pela morte arrebatado, Xapuri foi enterrado debaixo do cajueiro [...]”. (*Obra 12*).

LOMBO s.m.

PDSE (A.H.; A.O.; T.C.) PND (F.N.)

As costas do cavalo. “[...] no tempo que eu era moço montava a cavalo em osso, do lombo até o pescoço, era uma coisa só, derrubava atravessado, laçava de qualquer lado, dava queda em boi raçado que as pernas davam um nó [...]”. (*Obra 33*).

LOUÇÃ adj.

PND (A.H.; A.O.; F.N.; T.C.)

Arrumada; bonita. “zero hora da manhã, cinco minutos depois o Onipotente expôs a criancinha louçã, houve um cheiro de maçã e de incenso na guarida, beijava a mãe querida, sua criança mimosa, uma estrela luminosa está guiando a sua vida [...]”. (*Obra 23*).

LUSTROSO adj.

PDSE (A.H.; A.O.; T.C.) PND (F.N.)

Brilhoso. “[...] os pelos finos demais, lustrosos como os da lontra, outro igual ninguém encontra entre todos os animais [...]”. (*Obra 12*).

M

MAÇAROCA s.f.

PDSE (A.H.; A.O.; T.C.) PDSD (F.N.)

Ponta cabeluda do rabo dos bovinos. “[...] De uma sangria apertada, parte o boi como um jatão, vaqueiro pega o rabo, entrega para seu irmão, tem boi que a maçaroca deixa enrolada na mão [...]”. (*Obra 28*).

MANANCIAL s.f.

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.; T.C.)

Fonte de água. “[...] não há mais apartação porque gado não tem mais, propriedades vendidas e derribados os currais, as matas foram cortadas, secaram os mananciais [...]”. (*Obra 27*).

MANDINGUEIRO adj.

PDSE (A.H.; T.C.) PDSD (A.O.) PND (F.N.)

Que faz mandinga; mau. “[...] para mim é diversão pegar um boi mandingueiro, bater com ele no chão [...]”. (*Obra 28*).

MANDIOCA s.f.

PDSE (A.H.; A.O.; F.N.; T.C.)

Macaxeira. “[...] comecei a viver de plantação, de arroz, de feijão, de mandioca, cortei mato, fiz aceiro, queimei broca, pra plantar fumo, agave e algodão, fiz barreiro, barragem e cacimbão. [...]”. (*Obra 01*).

MANEIRO adj.

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.) PDSD (T.C.)

Que ou quem é bom; obediente. “[...] era valente e maneiro, valia tanto dinheiro, que por ninguém foi comprado [...]”. (*Obra 12*).

MANHOSO adj.

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.; T.C.)

Gado que faz manha; pirraça; birra. “[...] enfrentei gado manhoso, trabalhei por quase nada, no mato eu não entro mais, só não deixo vaquejada [...]”. (*Obra 29*).

MANO s.m.

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.) PDSD (T.C.)

Irmão. “[...] em uma festa animada, recebi uma missiva que minha mãe adotiva se achava sepultada. Perguntei ao camarada: quem esta carta escreveu? Respondeu: um mano seu, escreveu e assinou, Várzea de Lima, porque mamãe faleceu [...]”. (*Obra 37*).

MARMELEIRO s.m.

PDSE (A.H.; A.O.; T.C.) PND (F.N.)

Árvore que dá marmelo. “[...] por entre paus e cipós, rasga beíço e marmeleiro, mas se não trouxer o boi, não prova ser bom vaqueiro”. (*Obra 28*).

MATA VIRGEM s.f.

PND (A.H.; A.O.; F.N.; T.C.)

Mata fechada que só os bichos entram. “[...] criados em matas virgens como iguais, eu nunca vi, como fosse o mororó, fundo de pasto dali, Riacho Escuro já foi coração do Cariri [...]”. (*Obra 27*).

MATO s.m.

PDSE (A.H.; A.O.; T.C.) PND (F.N.)

Terreno com grande quantidade de vegetação e árvores. “[...] enfrentei gado manhoso, trabalhei por quase nada, no mato eu não entro mais, só não deixo vaquejada [...]”. (*Obra 29*).

MATRICÓ s.m

PND (A.H.; A.O.; F.N.; T.C.)

Acendedor de cachimbo e cigarro de palha feito com material combustível: algodão, madeira e bucha. “[...] fiz cachimbo de barro e matricó, conhecido também por pai de fogo, onde havia castanha, havia um jogo, que eu era o atleta do bozó [...]”. VAR. *Matricórdio*. (*Obra 01*).

NOTA: A variante *matricórdio* foi registrada pelo poeta Wellington Vicente (filho de Zé Vicente da Paraíba) em entrevista concedida aos pesquisadores.

MEDONHO adj.

PDSE (A.H.; A.O.; T.C.) PND (F.N.)

Assustador; muito grande. “[...] lá no Planalto Central era um deserto medonho, mas realizou-se um sonho do Brasil imperial [...]”. (*Obra 07*).

MEIGUICE s.f..

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.; T.C.)

Amorosidade. “[...] santas graças de Deus eu recebi como a paz, a saúde e a liberdade, hoje sofro, o motivo é a idade, nenhum velho tem nada de meiguice, pra levar meu fardo na velhice, vou pedindo uma ajuda à mocidade [...]”. (*Obra 17*).

MENINICE s.f.

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.; T.C.)

Infância. “[...] fui um fã de forró e vaquejada, fui de prado e de jogo de azar, meu esporte maior foi namorar com qualquer umazinha desprezada, não paquero, não quero, estou sem nada e somente a tristeza me invade e a mulher abstrata “Soledade” que é velha, não teve meninice, eu perdi no transporte da velhice a bagagem da minha mocidade [...]”. (*Obra 25*).

MERENDA s.f.

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.; T.C.)

Lanche. “[...] muitas horas esquecia a comida e trocava a merenda pela bola [...]”. (*Obra 01*).

MIMOSA adj.

PDSD (A.H.; A.O.) PND (F.N.; T.C.)

Dengosa; carinhosa. “zero hora da manhã, cinco minutos depois o Onipotente expôs a criancinha louçã, houve um cheiro de maçã e de incenso na guarida, beijava a mãe querida, sua criança mimosa [...]”. (*Obra 23*).

MIMOSO adj.

PDSE (A.H.; A.O.) PSD (F.N.) PND (T.C.)

Dócil; carinhoso. “[...] era um jumento possante, bem-disposto e corredor, mimoso reprodutor, bem adestrado e constante [...]”. (*Obra 12*).

MISSIVA s.f

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.; T.C.)

Carta. “[...] em uma festa animada, recebi uma missiva que minha mãe adotiva se achava sepultada. Perguntei ao camarada: quem esta carta escreveu? Respondeu: um mano seu, escreveu e assinou, Várzea de Lima, porque mamãe faleceu [...]”. (*Obra 37*).

MOCHO s.m.

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.) PDSD (T.C.)

Coruja. “[...] bacurau sobe e desce na estrada, nos causando a maior assombração, pia o mocho no meio da solidão [...]”. (*Obra 03*).

MOCIDADE s.f.

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.; T.C.)

Fase que vai da infância a idade adulta. “oito anos, doze anos, dezesseis, fui perdendo os carinhos dos meus pais e chegando a idade de rapaz o afago paterno se desfez. O de mãe, como mãe, minha mãe fez, que reinasse cem por cento da metade, muito embora que aquela quantidade o seu filho vaidoso nem sentisse, eu perdi no transporte da velhice a bagagem da minha mocidade [...]”. (*Obra 25*).

MOÇO s.m

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.; T.C.)

Rapaz jovem; rapazote. “[...] no tempo que eu era moço montava a cavalo em osso, do lombo até o pescoço, era uma coisa só, derrubava atravessado, laçava de qualquer lado, dava queda em boi raçado que as pernas davam um nó [...]”. (*Obra 33*).

MONTÃO s.m.

PDSE (A.H.; A.O.; T.C.) PND (F.N.)

Grande número de pessoas e de coisas. “[...] conheci um montão de glosadores, fui artista querido dos doutores [...]”. (*Obra 05*).

MONTAR v.

PDSE (A.H.; A.O.; T.C.) PND (F.N.)

Subir-se num cavalo. “[...] quem nasce pra ser vaqueiro, só se acostuma no mato, montando em cavalo bom, correndo atrás do boiato [...]”. (*Obra 29*).

MONTE s.m.

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.) PDSD (T.C.)

Grande elevação do solo. “[...] o poeta observa de um monte, o oeste ficando avermelhado [...]”. (*Obra 03*).

MORORÓ s.m.

PDSE (A.H.; A.O.; F.N.) PDSD (T.C.)

Árvore muito comum na região nordeste do Brasil. “[...] criados em matas virgens como iguais, eu nunca vi, como fosse o mororó, fundo de pasto dali, Riacho Escuro já foi coração do Cariri [...]”. VAR. *Pé-de-boi; unha-de-vaca; pata-de-vaca*. (*Obra 27*).

NOTA: As variantes *pé-de-boi* e *unha de vaca* estão registradas em Navarro (2013). A variante *pata-de-vaca* está registrada em Aulete Digital.

MORTALHA s.f.

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.) PDSD (T.C.)

Roupa que veste o defunto para ser velado e enterrado. “[...] quando eu me acabar não vai comigo, por tornar-se bagagem proibida, só cordão e mortalha bem compridas, parecidas até com camisola [...]”. (*Obra 01*).

MOURÃO s.m.

PDSE (A.H.; A.O.; T.C.) PND (F.N.)

A estaca mais grossa que se prende as mais finas dos currais, cercados e porteiras. “[...] eu fui um profissional, gostei da vida campeira, no mato eu não corro mais, só em mourão de porteira [...]”. VAR. *Moirão*. (*Obra 29*).

NOTA: A variante *moirão* está registrada em Cabral (1982).

N

NATIVO s.m

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.; T.C.)

Pessoa que mora na mesma comunidade. “[...] fevereiro esta data aqui se nota que os nativos do mês não são vizinhos, no Recife nasceu Dr. Carlinhos, bem ali Josafá da Silva Mota, em Belém do Pará, Arlindo Tota [...]”. (*Obra 24*).

NECESSITADA adj.

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.; T.C.)

Pessoa pobre; humilde. “[...] só peço a Deus para não me faltar o que comer e em minha mesa ter qualquer dia mais de um pão para dar ao meu irmão ou irmã necessitada, riqueza não me agrada porque não salva ninguém [...]”. (*Obra 19*).

NEGRA s.f.

PDSD (A.H.; A.O.) PND (F.N.; T.C.)

Mulher. “[...] eu nasci, cresci, vivi disposto a trabalhar pra cantar, pra namorar as negras do cariri, valente como Davi [...]”. VAR. *Nega*. (*Obra 06*).

NOTA: A variante fonética *nega* é registrada com frequência na PB e no RN.

NOITE DE LUAR s.f.

PND (A.H.; A.O.; T.C.) PDSE (F.N.)

Noite de lua cheia. “[...] e se for uma noite de luar, aparecem centenas de imagens [...]”. (*Obra 03*).

NORDESTE s.m.

PDSE (A.H.; A.O.; F.N.) PND (T.C.)

Região brasileira. “[...] sou um filho do nordeste, pedaço do meu Brasil, sonhos tenho mais de mil [...]”. (*Obra 11*).

NORDESTINO s.m.

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.; T.C.)

A pessoa que nasce no nordeste. “sou nordestino de raça, pernambucano de veras, vivo sem temer as feras que venham de qualquer praça [...]”. (*Obra 14*).

NOVENA s.f

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.; T.C.)

Nove noites de missa e quermesse. “[...] é o dia das mães, o maior dia, festejado por toda a humanidade, é em maio o mês da santidade, das novenas da mãe sagrada em pia, entre as mães do universo tem Maria, nossa mãe e a mãe do Salvador, com doçura falando ao Senhor e pedindo pra nós amor e paz, todas as mães carinhosas são iguais, no carinho, no afeto e no amor [...]”. (*Obra 36*).

O

OESTE s.m.

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.; T.C.)

Região onde o sol se põe. “[...] o poeta observa de um monte, o oeste ficando avermelhado [...]”. (*Obra 03*).

ORNADA adj.

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.; T.C.)

Enfeitada. “[...] quatro quartos com camas bem forradas e ornadas com roupas muito boas [...]”. (*Obra 08*).

OUTRORA adv.

PDSE (A.H.; A.O.; F.N.) PND (T.C.)

Outra vez; anteriormente. “jovens sejam conscientes, os seus papais não avisam, mas saibam que eles precisam de receberem presentes, vocês enquanto inocentes deram trabalho em outrora [...]”. (*Obra 18*).

P

PADIOLA s.f.

PDSE (A.H.; A.O.; T.C.) PND (F.N.)

Tabuleiro com varas nas laterais que serve para o transporte de terra, areia etc. É carregado por duas ou quatro pessoas. “[...] ainda hoje a minha coluna está doída de puxar barro e lama em padiola [...]”. (*Obra 01*).

PAI DE FOGO s.m

PND (A.H.; A.O.; F.N.; T.C.)

Cachimbo ou cigarro de palha acesos. “[...] fiz cachimbo de barro e matricó, conhecido também por pai de fogo [...]”. (*Obra 01*).

PAJEÚ s.m.

PDSD (A.H.; A.O.; T.C.) PDSE (F.N.)

Rio que nasce no município de Brejinho no estado de Pernambuco. “[...] inspirei-me no Rio Pajeú, na bonita Chapada do Ambó [...]”. (*Obra 05*).

NOTA. É afluente do Rio São Francisco.

PARAÍBA s.f.

PDSD (A.H.; A.O.) PDSE (F.N.) PND (T.C.)

Estado brasileiro que faz divisa com os estados do Rio Grande do Norte, Pernambuco e Ceará; a capital é João Pessoa. “[...] Paraíba criou-me no seu colo e mostrou-me o rumo dos meus passos [...]”. (*Obra 05*).

PÁSSARO CALADO s.m.

PND (A.H.; A.O.; F.N.; T.C.)

Mudo. “[...] hoje, um pássaro calado na gaiola, são sessenta e seis anos de viola, completando os oitenta de idade [...]”. (*Obra 05*).

NOTA. Observa-se nesta entrada o uso de metáfora.

PASTO s.m.

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.) PSDS (T.C.)

Terreno com alimento para o gado pastar. “[...] criados em matas virgens como iguais, eu nunca vi, como fosse o mororó, fundo de pasto dali, Riacho Escuro já foi coração do Cariri [...]”. (*Obra 27*).

NOTA. O artista faz referência ao pasto da região do Cariri.

PEBA s.m.

PDSE (A.H.; A.O.; F.N.) PDSD (T.C.)

Animal da mesma família do tatu. “[...] que do peba já foi propriedade, construída por ele sem maldade pra servir de morada para o bola [...]”. (*Obra 05*).

NOTA. Animal semelhante ao tatu.

PEDAÇO s.m.

PDSE (A.H.; A.O.; T.C.) PND (F.N.)

Parte. “[...] sou um filho do nordeste, pedaço do meu Brasil, sonhos tenho mais de mil [...]”. (*Obra 11*).

PENDURADO adj.

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.; T.C.)

Preso num canto alto. “[...] na matriz a gente ora vendo um santo pendurado, o que Deus fez no passado o homem destrói agora [...]”. (*Obra 07*).

PEQUENINA adj.

PDSE (A.H.; A.O.; T.C.) PND (F.N.)

Muito pequena. “Quixabeira pequenina tão grande que foi teu nome tendo no meu sobrenome a madeira nordestina, quixabeira em Agrestina ainda é recordação, só que em meu coração [...]”. VAR. *Pequeninha; pequenininha; pequeninote*. (*Obra 14*).

NOTA: As variantes *pequeninha, pequenininha e pequeninote* estão registradas em Houaiss (2009).

PERNAMBUCANO s.m.

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.; T.C.)

Pessoa que nasce em Pernambuco. “sou nordestino de raça, pernambucano de veras, vivo sem temer as feras que venham de qualquer praça [...]”. (*Obra 14*).

PERNAMBUCO s.m.

PND (A.H.; T.C.) PDSD (A.O.) PDSE (F.N.)

Estado do nordeste brasileiro cuja capital é Recife. “[...] Pernambuco pra mim abriu os braços e aceitou-me pisando no seu solo [...]”. (*Obra 05*).

PERNEIRA s.f.

PDSE (A.H.; A.O.; F.N.; T.C.)

Calça de couro curtido usada pelos vaqueiros. “[...] adeus queridos vaqueiros, colegas e companheiros, fazendeiros, boiadeiros e a quem me deu troféu, morreu a minha esperança, choro igualmente criança, mas conservo na lembrança, luvas, perneiras e chapéu [...]”. (*Obra 33*).

PERTINHO adv.

PND (A.H.; A.O.; F.N.; T.C.)

Muito perto; próximo. “[...] O destino me levou pra tão distante quem eu tanto queria bem pertinho. Está escuro o céu do sobradinho e o seu campo está repugnante, quando o sol aparece é escaldante [...]”. (*Obra 15*).

PERTURBAÇÃO s.f.

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.; T.C.)

Falta de sossego. “[...] muita paz, muito amor e lealdade, saúde em si próprio e na família, santa força oculta na vigília da casa que tem tranquilidade, não precisa maior felicidade que não ter a menor perturbação [...]”. (*Obra 22*).

PIAR v.

PDSE (A.H.) PDSO (A.O.) PND (F.N.; T.C.)

Piado do mocho. “[...] bacurau sobe e desce na estrada, nos causando a maior assombração, pia o mocho no meio da solidão [...]”. (*Obra 03*).

PINHO s.m.

PDSE (A.H.; A.O.) PDSO (F.N.; T.C.)

Instrumento musical de cordas: viola, violino e violão. “[...] Me despeço do pinho na sacola, são sessenta e seis anos de viola, completando os oitenta de idade [...]”. VAR. *Viola; violão*. (*Obra 05*).

NOTA. Palavra muito utilizada entre os repentistas da região Nordeste. As variantes *viola* e *violão* estão registradas em Aulete Digital e Houaiss (2009).

PIRILAMPO s.m.

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.; T.C.)

Vaga-lume. “vê-se logo a campina iluminada, com as luzes de tantos pirilampos instalando energia pelos campos [...]”. (*Obra 03*).

PITÉU s.m.

PDSD (A.H.; A.O.; F.N.) PND (T.C.)

Moça bonita. “[...] mas nestes tormentos meus dispense qualquer pitêu, só levanto as mãos pro céu pedindo perdão a Deus [...]”. (*Obra 06*).

POCINHOS s.m.

PND (A.H.; A.O.; F.N.; T.C.)

Município paraibano. “dia sete de agosto em Boqueirão pertencente ao distrito de Pocinhos pelas seis da manhã os passarinhos procuravam sementes pelo chão [...]”. (*Obra 05*).

NOTA. Distante cerca de 130 km da capital João Pessoa, terra natal de Zé Vicente da Paraíba.

POENTE s.m.

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.; T.C.)

Direção onde o sol se põe. “[...] tinha quatro janelas pela frente, um banquinho de espera no portão, uma porta de entrada pra o salão, um portão de garagem, uma corrente, duas portas ao lado do poente, um sótão com janelas laterais e mais portas de acessos principais [...]”. (*Obra 08*).

POLEIRO s.m.

PDSE (A.H.; A.O.) PSD (F.N.) PND (T.C.)

Armação feita de madeira para o pouso e descanso de aves. “[...] vê as cabras entrando no chiqueiro, as galinhas subindo no poleiro [...]”. VAR. *Puleiro*. (*Obra 03*).

NOTA: A variante fonética *puleiro* é registrada com frequência no RN.

POMAR s.m.

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.; T.C.)

Plantação de árvores que dão frutas. “[...] são as réstias da lua nas folhagens, como filmes batidos no pomar [...]”. (*Obra 03*).

POMBOS s.m.

PND (A.H.; A.O.; F.N.; T.C.)

Município pernambucano da Zona da Mata distante cerca de 57 km da capital Recife. “[...] penso em Glória do Goitá, Feira Nova e Apoti, Vitória não fico ali, em Pombos não passo lá, não demoro em Gravatá [...]”. (*Obra 14*).

PONTA s.f.

PDSE (A.H.; T.C.) PND (A.O.; F.N.)

Chifre. “[...] animais de várias raças tinha esse fazendeiro, Bezerras ninguém contava, muito mais gado leiteiro e touros de pontas grossas que assombravam o vaqueiro [...]”. (*Obra 27*).

PORRETA adj.

PDSE (A.H.; A.O.; T.C.) PND (F.N.)

Qualquer coisa de boa qualidade; que é competente no que faz. “[...] que eu era o atleta do bozó, o porreta no fojo e no quixó [...]”. (*Obra 01*).

PORTAL s.m.

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.; T.C.)

Caixa da porta que fica chumbada na parede. “[...] arrancados batentes e portais, cada parede demolida, casa velha teu dono está sem vida, tu ficaste sem vida entre os mortais [...]”. (*Obra 08*).

PORTEIRA s.f.

PDSE (A.H.; A.O.; T.C.) PND (F.N.)

Portão de entrada das fazendas, sítios, cercados e currais. “[...] eu fui um profissional, gostei da vida campeira, no mato eu não corro mais, só em mourão de porteira [...]”. (*Obra 29*).

POSSANTE adj.

PDSE (A.H.; A.O.; T.C.) PND (F.N.)

Animal que é forte; robusto. “[...] era um jumento possante, bem-disposto e corredor, mimoso reprodutor, bem adestrado e constante [...]”. (*Obra 12*).

POSTAL s.m

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.; T.C.)

Cartão postal. “[...] tenha muita saúde, amor e paz, com sucesso total em seus desejos, com afagos de todos e mil beijos e grinaldas de flores naturais com mensagens, com filmes e postais [...]”. (*Obra 24*).

POSTO s.m.

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.; T.C.)

Unidade básica de saúde. “[...] você ainda inocente quando no berço dormia, na hora que adoecia, sua mãe impaciente, fazia a seu pai ciente, antes de haver piora: vamos para o posto agora [...]”. (*Obra 18*).

PRAÇA s.m.

PDSE (A.H.; A.O.; T.C.) PDSD (F.N.)

Militar que não tem graduação ou posto. “[...] mas não pude também fazer carreira, fui apenas um praça de fileira [...]”. (*Obra 01*).

PRADO s.m.

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.; T.C.)

Terreno coberto por matos e árvores. “[...] fiz o que desejava em minha infância: correr prado de um ponto a outro ponto [...]”. (*Obra 01*).

PRECE s.f.

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.; T.C.)

Reza; oração. “[...] Quando aumenta a saudade aqui eu faço muitas preces em forma de orações, se eu pudesse eu daria cem milhões pra não ver meu planeta em outro espaço [...]”. (*Obra 15*).

Q

QUEBRANGULO s.m.

PND (A.H.; A.O.; F.N.; T.C.)

Município alagoano. “a vida de Heleno Gino, por nós todos conhecida, natural de Quebrangulo, sua cidade querida, em batalha iniciou outra batalha na vida [...]”. (*Obra 30*).

NOTA. Está distante cerca de 115 km da capital Maceió.

QUEIXOSA adj.

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.; T.C.)

Que tem queixas, reclamações. “está queixosa a natureza por ver seus campos vazios, com paredões em seus rios desviando a correnteza [...]”. (*Obra 07*).

QUIXABEIRA s.f.

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.; T.C.)

Árvore que dá quixabas. “[...] eu fui um profissional, gostei da vida campeira, no mato eu não corro mais, só em mourão de porteira, que não vou perder a vida, enganchado em quixabeira [...]”. (*Obra 29*).

QUIXÓ s.m.

PDSE (A.H.; A.O.; F.N.; T.C.)

Armadilha feita de pedra para pegar preás. “[...] que eu era o atleta do bozó, o porreta no fojo e no quixó [...]”. (*Obra 01*).

R

RAÇÃO s.m.

PDSE (A.H.; A.O.) PDSD (F.N.) PND (T.C.)

Alimento para animais. “[...] sertanejo da roça vem chegando, vê as cabras entrando no chiqueiro, as galinhas subindo no poleiro e a mulher na cozinha trabalhando, um vaqueiro no campo vem voltando, aboiando ou cantando uma canção, tranca as vacas de leite e dá ração [...]”. (*Obra 03*).

RAÇADO adj.

PDSE (A.H.; T.C.) PND (A.O.; F.N.)

De boa raça. “[...] no tempo que eu era moço montava a cavalo em osso, do lombo até o pescoço, era uma coisa só, derrubava atravessado, laçava de qualquer lado, dava queda em boi raçado que as pernas davam um nó [...]”. VAR. *Raceado*. (*Obra 33*).

NOTA: A variante *raceado* está registrada em Cabral (1982).

RAMA s.f.

PDSE (A.H.; A.O.; F.N.; T.C.)

Folhagens das árvores e das plantas que geralmente servem de alimento para o gado no período seco, quando não existe o pasto. “[...] quem nasce pra ser vaqueiro, só se acostuma no mato, montando em cavalo bom, correndo atrás do boi, levando rama no peito e trabalhando barato [...]”. (*Obra 29*).

RAMADA s.f.

PDSE (A.H.; A.O. T.C.) PND (F.N.)

Ramas em grande quantidade. “[...] eu fui batizada, no mato criada, não temo ramada, nem unha-de-gato, vaqueiro eu insulto, não vê nem meu vulto, porque me invulto na sombra do mato [...]”. (*Obra 31*).

RASGA-BEIÇO s.m.

PND (A.H.; A.O.; F.N.; T.C.)

Espécie de planta muito comum na região nordeste do Brasil. “[...] por entre paus e cipós, rasga-beiço e marmeleiro, mas se não trouxer o boi, não prova ser bom vaqueiro”. (*Obra 28*).

RASTO s.m.

PDSE (A.H.; A.O.; T.C.) PND (F.N.)

Pegada. “[...] eu sempre me afasto pro fundo do pasto, fazendo meu raсто na ponta do casco, vaqueiro afamado que vem contratado, o cavalo cansado fica no carrasco [...]” VAR. *Rastro*. (*Obra 31*).

NOTA: A variante *raсто* está registrada em Aulete Digital.

REBANHO s.m

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.; T.C.)

Criação de gado, bodes e cabras. “[...] fica tudo parado no momento, as ladeiras parecem cavernosas, aparecem estrelas luminosas, são lanternas de Deus no firmamento, sopra a brisa suave e para o vento, evitando qualquer destruição, os rebanhos deitados pelo chão, a passarada dormindo bem quieta [...]”. (*Obra 03*).

REDE s.f.

PDSE (A.H.; A.O.; T.C.) PND (F.N.)

Espécie de leito (feito de tecido e fios resistentes que são suspensos em armadores nas paredes ou amarrados em troncos de árvores) no qual uma pessoa pode deitar-se para descansar ou dormir. “[...] e sair da pior localidade só se fosse de rede ou padiola [...]”. (*Obra 05*).

REDE DE TELA s.f

PND (A.H.; A.O.; F.N.; T.C.)

Fiação feita pela aranha. “[...] já a aranha de noite é ocupada, nos tecidos da sua fiação, vê-se a rede de tela sem cordão [...]”. (*Obra 03*).

REGAÇO s.m.

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.; T.C.)

Colo. “[...] para ter um futuro sem cansaço e uma vida feliz em seu regaço, para nunca lembrar humilhações, se eu pudesse eu daria cem milhões pra não ver meu planeta em outro espaço [...]”. (*Obra 15*).

RELANCE s.m.

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.; T.C.)

Visão passageira. “[...] com muitas léguas eu soube da morte da minha Flor, o meu coração não coube, lamento, tristeza e dor, no impacto da saudade, desgosto e ansiedade, transformação de relance, senti a mágoa fatal, mostrar-me a página final do doloroso romance [...]”. (*Obra 38*).

REMOTA adj.

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.; T.C.)

Antiga. “[...] nada sei da sua biografia, diz assim quem já leu astrologia, quem vem da remota antiguidade, um por cento em toda humanidade comemora esta data em qualquer dia [...]”. (*Obra 24*).

RENHIDA adj.

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.; T.C.)

Violenta. “[...] eu fui o sucessor dos sucessores, que já vinham na longa caminhada, defendendo uma classe quase nada, conhecida em termos de valores, pioneiros, poetas, cantadores, enfrentaram a luta mais renhida, mesmo assim minha luta foi perdida e vitória pra mim não haverá, mas meu dom de poeta viverá até o dia final de minha vida [...]”. (*Obra 26*).

REPRODUTOR adj.

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.; T.C.)

Quem ou que reproduz. “[...] era um jumento possante, bem-disposto e corredor, mimoso reprodutor, bem adestrado e constante [...]”. (*Obra 12*).

RÊS s.f.

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.; T.C.)

Um animal bovino. “[...] o vaqueiro destemido, com o cachorro de lado, são quatro horas da tarde, quando o vaqueiro enfadado, de longe avista uma rês que se separou do gado [...]”. (*Obra 29*).

RÉSTIA s.f.

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.; T.C.)

Raio de luz. “[...] aparecem centenas de imagens, são as réstias da lua nas folhagens [...]”. (*Obra 03*).

RETRATO s.m.

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.; T.C.)

Fotografia. “[...] vendo o meu gibão mofado, em um gancho pendurado, a sela pra outro lado, guarda-peito e roladeira, a corda, a chinha eu nem falo, o chocalho sem badalo, meu retrato no cavalo no fim da última carreira [...]”. (*Obra 33*).

REVIRADO adj.

PDSE (A.H.; A.O.); PND (F.N.; T.C.)

Virar várias vezes. “[...] que o mecanismo aprimora, puxa de dentro pra fora e deixa o solo revirado, o que Deus fez no passado, o homem destrói agora [...]”. (*Obra 07*).

RIACHINHO s.m

PND (A.H.; A.O.; F.N.; T.C.)

Riacho pequeno. “[...] parece que estou vendo aquela casa de arrasto, o campo com pouco pasto, mas os animais comendo, um rio por trás correndo e ao lado um riachinho o qual cortava o caminho com a correnteza rasa, de quem ia para casa do senhor Manoel Zezinho [...]”. (*Obra 37*).

RIPA s.f.

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.) PDSD (T.C.)

Pedaco de madeira fina e longa que compõe o telhado de uma casa. “[...] derribaram a casa velha, depois venderam a madeira, linhas, caibros, portas, ripas, portões, batentes, soleira, até os torrões já foram reduzidos à poeira [...]”. (*Obra 27*).

ROÇA s.f.

PDSE (A.H.; A.O.; F.N.) PDSD (T.C.)

Área rural onde se planta roçado. “[...] sertanejo da roça vem chegando, vê as cabras entrando no chiqueiro [...]”. (*Obra 03*).

ROÇADO s.m.

PDSE (A.H.; A.O.; F.N.; T.C.)

Terreno com plantações próprias do inverno. “[...] trabalhei de enxada no roçado: fiz leirão pra cebola, coentro e alho [...]”. (*Obra 01*).

ROCHEDO s.m.

PDSE (A.H.; A.O.) PDSD (F.N.) PND (T.C.)

O mesmo que rocha. “[...] as grandes demolições de serras, montes, rochedos derrubada dos arvoredos [...]”. (*Obra 07*).

ROLADEIRA s.f.

PND (A.H.; A.O.) PDSE (F.N.; T.C.)

Sela de passeio. “[...] vendo o meu gibão mofado, em um gancho pendurado, a sela pra outro lado, guarda-peito e roladeira, a corda, a chinha eu nem falo, o chocalho sem badalo, meu retrato no cavalo no fim da última carreira [...]”. (*Obra 33*).

S

SABUGI s.m.

PND (A.H.; A.O.; F.N.; T.C.)

São José do Sabugi. “[...] oitenta, noventa ou cem vaqueiros do Cariri, outros de Curimataú, com outros de Sabugi, todos em Riacho Escuro, festa melhor nunca vi [...]”. (*Obra 27*).

NOTA. Município paraibano afastado cerca de 280 km da capital João Pessoa.

SACIAR v.

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.; T.C.)

Acabar com a fome. “[...] vejo alguém seu um pão para comer, quem tem muitos, tem muitos, mas não dá, segue o pobre a jornada sem parar, anoitece e a fome não sacia, eu não sei o que é cidadania, mas vou ver se consigo lhe ajudar [...]”. (*Obra 20*).

SADIO s.m.

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.; T.C.)

Bem de saúde. “[...] mamãe, palavra sublime, imagem santa e querida, consolo do filho aflito, sacrificado na vida, esteja sadio ou doente, a dor que o filho sente com a mãe é dividida [...]”. (*Obra 34*).

SEIO s.m.

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.; T.C.)

Meio familiar. “[...] parabéns do poeta nordestino que deseja o melhor pra sua vida, está no seio da família reunida como estrela brilhando em seu destino, com os anjos do céu canto um hino envolvido no manto de Maria [...]”. (*Obra 24*).

SELADO adj.

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.) PDSD (T.C.)

Animal que tem sela pronto para cavalgar. “[...] de manhã veste gibão, deixa o cavalo selado, toma um cafezinho e sai bastante apressado pra manter um compromisso que ele tem com o gado [...]”. (*Obra 29*).

SERRANIA s.f

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.; T.C.)

Serras; montanhas. “[...] quando o rosto do sol desaparece, escondido por trás da serrania [...]”. (*Obra 03*).

SERROTE s.m.

PDSE (A.H.; A.O.) PDSO (F.N.; T.C.)

Serra baixa. “[...] no lugar que teve serra, nem serrote se vê mais, na busca dos minerais a floresta se devora e a terra ainda chora [...]”. (*Obra 07*).

SERTANEJO s.m

PDSE (A.H.; A.O.; F.N.) PND (T.C.)

Homem que vive no sertão nordestino. “[...] sertanejo da roça vem chegando, vê as cabras entrando no chiqueiro [...]”. (*Obra 03*).

SERTÃO s.m.

PDSE (A.H.; A.O.; F.N.) PND (T.C.)

Região árida do nordeste brasileiro. “[...] enriquece o juízo do poeta, o cair de uma noite no sertão [...]”. (*Obra 03*).

SETA s.f

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.; T.C.)

Flecha. “[...] e o índio imortal atira a seta, enriquece o juízo do poeta o cair de uma noite no sertão [...]”. (*Obra 03*).

SOBRADINHO s.m.

PND (A.H.; A.O.; F.N.; T.C.)

Casa pequena e simples. “[...] O destino me levou pra tão distante quem eu tanto queria bem pertinho. Está escuro o céu do sobradinho e o seu campo está repugnante, quando o sol aparece é escaldante [...]”. (*Obra 15*).

SOCÓ s.m.

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.; T.C.)

Ave de médio porte que tem pescoço e bico longos. “[...] na bonita Chapada do Ambó, no flecheiro mergulho do socó [...]”. (*Obra 05*).

SOLEIRA s.f.

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.; T.C.)

Peça de madeira ou de pedra que fica abaixo das portas rente ao piso. “[...] derribaram a casa velha, depois venderam a madeira, linhas, caibros, portas, ripas, portões, batentes, soleira, até os torrões já foram reduzidos à poeira [...]”. (*Obra 27*).

SOMBREADA adj.

PDSE (A.H.; A.O.) PDSO (F.N.) PND (T.C.)

Coberta por sombra. “mal sentado na porta da guarida, sombreada por uma castanhola [...]”.
(*Obra 01*).

SUSTAR v.

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.; T.C.)

Parar; suspender. “[...] como Deus é amor e é Trindade, sabe e pode sustar o meu sofrer [...]”.
(*Obra 01*).

SUSTENIDO adj.

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.; T.C.)

Afinado. “[...] tantas coisas gozei na minha vida, não há mais esperança de gozá-las, cantorias rendosas, boas salas com viola bonita e sustenido, estou velho, ninguém me convida pra cantar em qualquer localidade, estou vivendo isolado na cidade que me leva a pensar na caduquice, eu perdi no transporte da velhice a bagagem da minha mocidade [...]”. (*Obra 25*).

T

TABULEIRO s.m.

PDSE (A.H.; A.O.; F.N.; T.C.)

Terreno de vegetação rasteira. “é carreira disparada por cima do tabuleiro, por entre paus e cipós, rasga-beiço e marmeleiro [...]”. VAR. *Taboleiro*. (*Obra 28*).

NOTA: A variante *taboleiro* está registrada em Cabral (1982).

TAPAGEM s.f.

PDSE (A.H.; A.O.) PDSD (F.N.; T.C.)

Tapamento. “[...] as grandes demolições de serras, montes, rochedos derrubada dos arvoredos, tapagens de depressões, mudanças de produções [...]”. (*Obra 07*).

TOADA s.f.

PDSE (A.H.; A.O.; F.N.; T.C.)

Cantiga simples composta por pequenas estrofes e refrões. “[...] convida todos os vaqueiros que saibam cantar toada [...]”. (*Obra 28*).

TOCA s.f.

PDSE (A.H.; A.O.) PDSD (F.N.; T.C.)

Buraco na terra ou em rochas onde alguns animais se escondem. “[...] na vereda da toca do tatu, que do peba já foi propriedade, construída por ele sem maldade [...]”. (*Obra 05*).

TOLICE s.f.

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.; T.C.)

Coisas tolas; besteira. “[...] hoje eu quero cantar, não canto mais. A lembrança está menos da metade, não sei mais o que é sonoridade, vou dizer o melhor, digo tolice pra levar o meu fardo na velhice vou pedindo uma ajuda à mocidade [...]”. (*Obra 17*).

TORAR v.

PDSE (A.H.; A.O.; F.N.; T.C.)

Cortar; partir. “[...] a serra mecânica tora tronco grosso enraizado, o que Deus fez no passado, o homem destrói agora [...]”. (*Obra 07*).

TORRÃO s.m.

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.; T.C.)

Pedaço do que restou de alguma coisa. “[...] derribaram a casa velha, depois venderam a madeira, linhas, caibros, portas, ripas, portões, batentes, soleira, até os torrões já foram reduzidos à poeira [...]”. (*Obra 27*).

TOURO s.m.

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.) PDSD (T.C.)

Boi brabo que não foi castrado. “[...] animais de várias raças tinha esse fazendeiro, Bezerros ninguém contava, muito mais gado leiteiro e touros de pontas grossas que assombravam o vaqueiro [...]”. (*Obra 27*).

TRANCAR v.

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.; T.C.)

Prender. “[...] aboiando ou cantando uma canção, tranca as vacas de leite e dá ração [...]”. (*Obra 03*).

TRANSPASSAR v.

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.; T.C.)

Transbordar. “[...] dezoito de julho o dia mais santo para Ernestinho que beijava seu filhinho transpassado de alegria, Titico depressa ia na bodega conhecida comprar bolacha e bebida, fogo do ar e gasosa, uma estrela luminosa está guiando a sua vida [...]”. (*Obra 23*).

TRANSVIADO adj.

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.; T.C.)

Desviado dos bons costumes. “oh, Virgem Mãe de Jesus, Imaculada Senhora, rogai por nossa melhora neste mundo transviado [...]”. (*Obra 07*).

TREMURA s.f.

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.; T.C.)

Tremedeira. “[...] se tomar uma cápsula e se lhe der um calafrio, uma tremura e uma dor, logicamente é levada ao doutor [...]”. (*Obra 09*).

TROTEIRO adj.

PDSD (A.H.) PDSE (A.O.) PND (F.N.; T.C.)

Animal que trota na andadura. “[...] esquipador e troteiro, tão novo, foi tão ligeiro, pela morte arrebatado [...]”. VAR. *Trotão*. (*Obra 12*).

NOTA. A variante *trotão* está registrada em Aulete Digital.

U

UMAZINHA adj.

PND (A.H.; A.O.; F.N.; T.C.)

Forma pejorativa para se referir a qualquer tipo de mulher. “[...] fui um fã de forró e vaquejada, fui de prado e de jogo de azar, meu esporte maior foi namorar com qualquer umazinha desprezada, não paquero, não quero, estou sem nada e somente a tristeza me invade e a mulher abstrata “Soledade” que é velha, não teve meninice, eu perdi no transporte da velhice a bagagem da minha mocidade [...]”. (*Obra 25*).

UM PASSO PRA FRENTE, DOIS PRA TRÁS exp.

PND (A.H.; A.O.; F.N.; T.C.)

Expressão que indica cansaço físico ou mental. “[...] e assim a idade foi crescendo, com um passo pra frente, dois pra trás, eu sentindo em mim que não sou mais por notar o meu corpo esmorecendo, o que fui no passado não estou sendo, do que mais eu gostei, estou sem vontade, só há mesmo no peito ansiedade, se disser que sou forte é gabolice, eu perdi no transporte da velhice a bagagem da minha mocidade [...]”. (*Obra 25*).

UNHA-DE-GATO s.f.

PDSE (A.H.; A.O.; F.N.; T.C.)

Planta com espinhos parecidos com unhas de gatos, também conhecida na região Nordeste por jureminha. “[...] eu fui batizada, no mato criada, não temo ramada, nem unha-de-gato, vaqueiro eu insulto, não vê nem meu vulto, porque me invulto na sombra do mato [...]”. (*Obra 31*).

V

VACA s.f.

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.) PDSO (T.C.)

A fêmea do boi. “[...] na separação do gado, já dá diversas carreiras, gado solteiro de um lado, do outro, vacas leiteiras, só o cachorro lhe ajuda nas labutas catigueiras [...]”. (*Obra 29*).

VALENTE adj.

PDSE (A.H.; A.O.; F.N.) PND (T.C.)

Corajoso. “[...] era valente e maneiro, valia tanto dinheiro que por ninguém foi comprado [...]”. (*Obra 12*).

VALOROSA adj.

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.; T.C.)

Que tem valor. “[...] não estou condenando a medicina, para mim é ciência valorosa, eu condeno é a mãe impiedosa [...]”. (*Obra 09*).

VAQUEIRO s.m.

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.; T.C.)

Profissional do gado. “[...] um vaqueiro no campo vem voltando, aboiando ou cantando uma canção [...]”. (*Obra 03*).

VAQUEIRO AFAMADO s.m.

PND (A.H.; A.O.; F.N.; T.C.)

Vaqueiro que tem boa fama. “[...] eu sempre me afasto pro fundo do pasto, fazendo meu rasto na ponta do casco, vaqueiro afamado que vem contratado, o cavalo cansado fica no carrasco [...]”. (*Obra 31*).

VAQUEIRO ZELADOR s.m.

PND (A.H.; A.O.; F.N.; T.C.)

Profissional que cuida bem do gado. “[...] logo assumiu o lugar de vaqueiro zelador, aos animais da fazenda tratava com muito amor, que o gado lhe conhecia pela voz e pela cor [...]”. (*Obra 30*).

VAQUEJADA s.f.

PDSE (A.H.; A.O.; T.C.) PND (F.N.)

Ver festa de apartação. “[...] enfrentei gado manhoso, trabalhei por quase nada, no mato eu não entro mais, só não deixo vaquejada [...]”. VAR. *Vaqueijada*. (*Obra 29*).

NOTA: A variante *vaqueijada* está registrada em Cabral (1982).

VASTA adj.

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.; T.C.)

Ampla; grande. “[...] foi poeta de vasta inspiração, expressão cultural de nossos dias, com arranjos em várias melodias que abalavam a nossa região. Foi o braço direito do São João, desta terra que tanto nos seduz [...]”. (*Obra 21*).

VATE s.m.

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.; T.C.)

Aquele que escreve poesia; poeta. “[...] e se for uma noite de luar, aparecem centenas de imagens, são réstias da lua nas folhagens, como filmes batido no pomar, para o lado que o vate se virar, tem vontade em pegá-las com a mão, é apenas o engano da visão, quem não sente, nem vê, nem interpreta, enriquece o juízo do poeta cair de uma noite no sertão [...]”. (*Obra 03*).

VELHICE s.f.

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.; T.C.)

Fase após os 60 anos de idade. “oito anos, doze anos, dezesseis, fui perdendo os carinhos dos meus pais e chegando a idade de rapaz o afago paterno se desfez. O de mãe, como mãe, minha mãe fez, que reinasse cem por cento da metade, muito embora que aquela quantidade o seu filho vaidoso nem sentisse, eu perdi no transporte da velhice a bagagem da minha mocidade [...]”. (*Obra 25*).

VERA s.f

PDSE (A.H.; A.O.; T.C.) PND (F.N.)

De verdade. “sou nordestino de raça, pernambucano de vera, vivo sem temer as feras que venham de qualquer praça [...]”. (*Obra 14*).

VEREDA s.f.

PDSE (A.H.; A.O.; F.N.; T.C.)

Caminho estreito. “[...] na vereda da toca do tatu que do peba já foi propriedade, construída por ele sem maldade [...]”. VAR. *Vareda*. (*Obra 05*).

A variante *vareda* está registrada em Cabral (1982).

VIGÍLIA s.f.

PDSE (A.H.; A.O.) PND (F.N.; T.C.)

Noite em claro rezando. “[...] muita paz, muito amor e lealdade, saúde em si próprio e na família, santa força oculta na vigília da casa que tem tranquilidade, não precisa maior felicidade que não ter a menor perturbação [...]”. (*Obra 22*).

VIOLA s.f.

PDSE (A.H.; A.O.; F.N.) PDSD (T.C.)

Instrumento musical de cordas utilizado pelos poetas repentistas. “[...] tantas coisas gozei na minha vida, não há mais esperança de gozá-las, cantorias rendosas, boas salas com viola bonita e sustentada, estou velho, ninguém me convida pra cantar em qualquer localidade, estou vivendo isolado na cidade que me leva a pensar na caduquice, eu perdi no transporte da velhice a bagagem da minha mocidade [...]”. (*Obra 25*).

VITÓRIA s.f.

PDSD (A.H.; A.O.; T.C.) PND (F.N.)

Vitória de Santo Antônio. “[...] penso em Glória do Goitá, Feira Nova e Apoti, Vitória não fico ali, em Pombos não passo lá, não demoro em Gravatá [...]”. (*Obra 14*).

NOTA. Município pernambucano distante cerca de 50 km da capital Recife.

VULTO s.m.

PDSE (A.H.; A.O.; T.C.) PND (F.N.)

Visagem. “[...] eu fui batizada, no mato criada, não temo ramada, nem unha-de-gato, vaqueiro eu insulto, não vê nem meu vulto, porque me invulto na sombra do mato [...]”. (*Obra 31*).

X

XEXÉU s.m.

PDSD (A.H.) PDSE (A.O.; F.N.) PND (T.C.)

Pássaro pequeno de cores preta e amarela muito comum na região nordeste. “[...] ninho é feito em arvoredos, gancho de pau ou ramagem, a terra suja a plumagem, por isso o pássaro tem medo, se acostuma a dormir cedo, que lá não tem movimento onde o chão é lamacento, pássaro não voa baixinho, casa de xexéu é ninho, não tem barro e nem cimento [...]”. (*Obra 04*).

XOTO s.m.

PND (A.H.; A.O.; F.N.; T.C.)

Andadura lenta do cavalo. “[...] cachorro corre no rastro e o vaqueiro acompanha, naquele xoto rasgado, nem se fere e nem se arranha, o cachorro acua o boi, daí começa a façanha [...]”. (*Obra 32*).

Z

ZIGUEZAGUE s.m.

PDSE (A.H.; A.O.; F.N.) PND (T.C.)

De um lado para o outro. “[...] saudade boa é a flor, porque é boa e enfeitada, outra saudade é suspeita, no ziguezague do amor, vezes mágoa, vezes dor, tristeza, deslealdade, ciúme, perversidade, queixa, ódio, ingratidão, só não tendo coração, quem inventou a saudade! [...]”.

(*Obra 35*).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir desta pesquisa, conclui-se, portanto, que a cultura popular é um eficaz instrumento para estudos de natureza linguística, sobretudo, no que se refere às poesias, às canções e os repentos.

A linguagem popular é rica em sua essência no que se diz respeito ao léxico de uma determinada comunidade ou região e, neste sentido, a linguagem nordestina é fortemente representada nas cantorias de viola.

Assim sendo, as letras das canções de viola retratam com precisão aspectos sociais e culturais próprios do falar nordestino e, portanto, funcionam como excelentes instrumentos de análise linguística.

A partir desta perspectiva, decidimos investigar as canções de viola do poeta, repentista e cantador de viola, Zé Vicente da Paraíba. Autor de inúmeras obras, Zé Vicente da Paraíba construiu o seu arcabouço poético de forma bilateral: mental e manual.

Deste modo, as letras saíam da mente e as estrofes eram organizadas e registradas no papel, escritas pelo próprio punho. Foi essa construção bilateral que deu início ao acervo que ora consideramos obra-prima da linguagem nordestina no Brasil.

Algumas das motivações pela escolha de estudarmos as obras de Zé Vicente da Paraíba foram a baixa escolaridade e a alta capacidade de versar, improvisar e conquistar admiradores a partir das cantorias de viola.

O acervo poético de Zé Vicente da Paraíba é vasto, tendo em vista que são incontáveis as obras e, portanto, tivemos que delimitar o nosso universo de pesquisa para 39 canções que consideramos linguisticamente ricas e que mostram com exatidão a linguagem popular empregada na região Nordeste do Brasil.

As canções estudadas e que constituíram o corpus desta tese foram: 1) Fiz do choro das cordas da viola o maior ganha-pão da minha vida; 2) Faça um canteiro no peito, plante a semente do amor; 3) Enriquece o juízo do poeta o cair de uma noite no sertão; 4) Casa de xexéu é ninho, não tem barro e nem cimento; 5) São sessenta e seis anos de viola, completando os oitenta de idade; 6) Não há remédio pra dor de coração com saudade; 7) A mata já foi abaixo, a terra com pena chora, o que Deus fez no passado, o homem destrói agora; 8) Casa velha de Sr. Rubens em Altinho; 9) O aborto; 10) Proclamada a República brasileira, o regime da nossa liberdade; 11) Sonhei com o Guaporé, quero ver Rondônia agora!; 12) Xapuri foi enterrado debaixo do cajueiro; 13) Ser digno; 14) Pernambuco é minha vida e Altinho minha razão; 15) Se eu pudesse eu daria cem milhões para não ver meu planeta

em outro espaço; 16) Meu peito não cabe mais saudades d'um filho ausente; 17) Para levar meu fardo na velhice vou pedindo uma ajuda à mocidade; 18) Dê um presente a seu pai, seu amigo a qualquer hora; 19) Sou feliz e vivo bem porque sou iluminada; 20) Eu não sei o que é cidadania, mas vou ver se consigo lhe ajudar; 21) Era o Câmara Cascudo do Agreste, fotocópia fiel de Zé da Luz; 22) Parabéns nesta sua trajetória e bem-estar nas segundas que virão; 23) Uma estrela luminosa está guiando a sua vida; 24) Um por cento em toda humanidade comemora esta data em qualquer dia; 25) Eu perdi no transporte da velhice a bagagem da minha mocidade; 26) Mas meu dom de poeta viverá até o final de minha vida; 27) Fazenda Riacho Escuro; 28) Vaqueiro por vocação; 29) Destino de vaqueiro; 30) Tributo ao vaqueiro Heleno Gino; 31) A princesinha novilha misteriosa da fazenda Roncador; 32) Vaqueiro do meu sertão; 33) Não posso mais ser vaqueiro; 34) Minha mãe; 35) Quem inventou a saudade?; 36) Mãe com M grande; 37) A minha mãe adotiva; 38) A morte da minha flor; 39) Falso juramento.

A partir destas 39 canções foram extraídos 375 itens lexicais - que entendemos serem de natureza regional/popular e próprios do falar nordestino – que constituíram o repertório linguístico do presente glossário.

Os itens lexicais ora registrados foram analisados no que se refere à dicionarização com sentido equivalente, dicionarização com sentido diferente e a não dicionarização nas seguintes obras lexicográficas: Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2009), Aulete Digital (2017/2018), Dicionário do Nordeste, de Fred Navarro (2013) e Dicionário de Termos e Expressões Populares, de Tomé Cabral (1982).

Em Houaiss (2009), estão registrados 292 itens lexicais com sentidos equivalentes, que correspondem a 77,86% e 24 itens lexicais com sentidos diferentes, que correspondem a 6,40 %. 59 itens lexicais, que correspondem a 15,73 %, não estão registrados.

Em Aulete Digital (2017/2018), estão registrados 296 itens lexicais com sentidos equivalentes, que correspondem a 78,93 % e 23 itens lexicais com sentidos diferentes, que correspondem a 6,13%. 56 itens lexicais, que correspondem a 14,93% não estão registrados.

Em Navarro (2013), estão registrados 59 itens lexicais com sentidos equivalentes, que correspondem a 15,73 % e 40 itens lexicais com sentidos diferentes, que correspondem a 10,66 %. 276 itens lexicais, que correspondem a 73,60 %, não estão registrados.

Em Cabral (1982), estão registrados 89 itens lexicais com sentidos equivalentes, que correspondem a 23,73 % e 57 itens lexicais com sentidos diferentes, que correspondem a 15,20 %. 229 itens lexicais, que correspondem a 61%, não estão registrados.

Acredita-se, portanto, que as canções de viola de autoria de Zé Vicente da Paraíba constituem-se como importantes instrumentos de análise linguística, sobretudo, no que se refere aos estudos da linguagem regional/popular empregada na região nordeste do Brasil.

Assim sendo, as 39 canções analisadas revelam um rico material linguístico resultante da vivência sociocultural do referido poeta pela região nordeste (dos interiores às capitais) para realizar as cantorias de viola.

Por fim, acredita-se que esta tese traga uma contribuição para os estudos de natureza linguística, em especial, à Lexicologia e à Lexicografia, pois uma mapeia e a outra registra (respectivamente) falares em obras de natureza lexicográfica: glossários, vocabulários e dicionários.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, José Mauro. **Fiz do choro das cordas da viola o maior ganha-pão da minha vida**: Zé Vicente da Paraíba. Recife: Coqueiro, 2009

ALMEIDA, Gladis Maria de Barcellos; ALUÍZIO, Sandra Maria; OLIVEIRA, Leandro Henrique Mendonça de. O método em Terminologia: revendo alguns procedimentos. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; ALVES, Ieda Maria (org). **As ciências do léxico**: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia. Campo Grande: Ed. UFMS; São Paulo: Humanitas, 2007. V.3.

ALMEIDA, Maria Lúcia Pacheco de. **Como elaborar monografias**. Belém: Cejup, 1996.

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. **O lingüístico e o cultural nos contos populares paraibanos**. In: Simpósio: TRADIÇÃO ORAL, LITERATURA POPULAR, DISCURSO ETNO-LITERÁRIO. 57. Reunião Anual da SBPC. Fortaleza: UECE, 2005.

ANDRADE, Maria Margarida de. Lexicologia, Terminologia: definições, finalidades, conceitos operacionais. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires; ISQUERDO, Aparecida Negri (org). **As ciências do léxico**: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia. 2ª Ed. Campo Grande: Ed. UFMS, 2001.

_____. Maria Margarida de; HENRIQUES, Antônio. **Língua Portuguesa**: noções básicas para cursos superiores. São Paulo: Atlas, 2004.

AULETE, Caldas. **Dicionário Aulete Digital**. Lexikon Editora Digital. Base de Dados. Disponível em: <http://www.aulete.com.br/site.php?mdl=aulete_digital&op=o_que_e>. Acesso em: 20.02.18.

BAGNO, Marcos. **A norma oculta**: língua e poder na sociedade brasileira. São Paulo: Parábola, 2003.

BARBOSA, Maria Aparecida. Dicionário, vocabulário, glossário: concepções. In: ALVES, I. M. (Org.). **A constituição da normalização terminológica no Brasil**. 2 ed. São Paulo: FFLCH/CITRAT, 2001.

_____. **Estrutura, funções e processos de produção de dicionários terminológicos multilíngües**. Disponível em: <file:///C:/Users/Usuario/Downloads/9258-25336-1-PB.pdf> Acesso em: 05 nov. 2016.

BATISTA, Maria de Fátima Barbosa de Mesquita. **A investigação científica e cultura regional**: confrontos. Anais da 56ª Reunião Anual da SBPC - Cuiabá, MT - Julho/2004. Disponível em: <http://www.sbpnet.org.br/livro/56ra/banco_conf_simp/textos/MaFatimaBatista.htm>. Acesso em: 10 jan. 2018.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires; ISQUERDO, Aparecida Negri (org). **As ciências do léxico**: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia. 2ª Ed. Campo Grande: Ed. UFMS, 2001.

BORBA, Francisco da Silva. **Pequeno vocabulário de lingüística moderna**. 2ª Ed. São Paulo: Nacional, 1976.

_____. **Organização de dicionários: uma introdução à lexicografia**. São Paulo: UNESP, 2003.

BREAL, Michel. **Ensaio de semântica**. São Paulo: EDUC, 1992.

CABRAL, Tomé. **Novo Dicionário de Termos e Expressões Populares**. Fortaleza: UFC, 1982.

CÂMARA JR. Joaquim Matoso. **Dicionário de lingüística e gramática**. 8ª ed. Petrópolis: Vozes, 1978.

CARDOSO, Suzana. **A dialectologia no Brasil: Perspectivas**. São Paulo: Ed. Delta. Vol. 15, Nº especial, 1999.

COSERIU, Eugênio. **Fundamentos e tarefas da sócio e etnolingüística** In: I Congresso Nacional de Sócio e Etnolingüística. João Pessoa: UFPB, 1987.

DUBOIS, Jean et alii. **Dicionário de lingüística**. São Paulo: Cultrix, 1978.

DUCROT, Oswald. **Princípios de semântica lingüística**. São Paulo: Cultrix, 1972.

ELIA, Sílvio. **Sociolingüística: uma introdução**. Rio de Janeiro: Padrão, 1987.

FAULSTICH, Enilde. Para gostar de ler um dicionário. In: RAMOS, Conceição de Maria de Araújo; BEZERRA, José de Ribamar Mendes; ROCHA, Maria de Fátima Sopas (org.). **Pelos caminhos da Dialectologia e da Sociolingüística: entrelaçando saberes e vidas – homenagem a Socorro Aragão**. São Luís: EDUFMA, 2010.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio da Língua Portuguesa**. 3ª Ed. Curitiba: Positivo, 2004.

_____. **Novo Aurélio da Língua Portuguesa**. Ed. Curitiba: Positivo, 2007.

FONSECA, Maria Stella Vieira; NEVES, Moema. **Sociolingüística**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974.

FRANÇA, Marcos. **Para rir até chorar com a cultura popular**. João Pessoa: FUNJOPE/FMC, 2015.

HAENSCH, Günther; WOLF, Lothar; ETTINGER, Stefan; WERNER, Reinhold. **La Lexicografía: De la lingüística teórica a la lexicografía práctica**. Madrid: Editorial Gregos, 1982.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

ILARI, Rodolfo. **Introdução ao estudo do léxico: brincando com as palavras**. São Paulo: Contexto, 2008.

LABOV, William. **Padrões sociolingüísticos**. São Paulo: Parábola, 2008.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia do Trabalho Científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos**. São Paulo: Atlas, 2001.

_____; _____. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2003.

MARTINS JÚNIOR, Joaquim. **Como escrever trabalhos de conclusão de curso**. Petrópolis: Vozes, 2009.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2009.

LOPES, Edward. **Fundamentos da lingüística contemporânea**. São Paulo: Cultrix, 1972.

LYONS, John. **Linguagem e lingüística: uma introdução**. Rio de Janeiro: LTC, 1987.

MARQUES, Maria Helena Duarte. **Iniciação à semântica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

MOUNIN, Georges. **Introdução à lingüística**. Lisboa: Iniciativas Editoriais, 1968.

MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Anna Christina. **Introdução à lingüística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2004.

NAVARRO, Fred. **Dicionário do Nordeste**. Recife: Cepe, 2013.

OLIVEIRA, Ana Maria Pinto de; ISQUERDO, Aparecida Negri. **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia**. Campo Grande: UFMS, 2001.

PERINI, Mário Alberto. **Para uma nova gramática do português**. São Paulo: Ática, 1995.

_____. **Princípios de lingüística descritiva: introdução ao pensamento gramatical**. São Paulo: Parábola, 2006.

PONTES, Antônio Luciano. **Dicionário para uso escolar: o que é como se lê**. Fortaleza: EdUECE, 2009.

PRETTI, Dino. **Sociolingüística: os níveis de fala**. São Paulo: Nacional, 1977.

RECTOR, Mônica; YUNES, Eliana. **Manual de semântica**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980.

SILVA, Marinalva Freire da. **A contribuição sociolingüística da língua Galega para a língua Portuguesa**. João pessoa: Sal da Terra, 2017.

SILVA, Úrsula Rosa da. **A linguagem muda e o pensamento falante:** sobre a filosofia da linguagem em Maurice Merleau- Ponty. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1994.

TAMBA-MECZ, J. **A semântica.** São Paulo: Parábola, 2006.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolingüística.** São Paulo: Ática, 1985.

TOMAZI, Nelson Dácio. **Iniciação à Sociologia.** São Paulo: Atual, 2000.

ULLMANN, Stephen. **Semântica:** uma introdução à ciência do significado. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1964.

VILELA, Mário. **Estruturas léxicas do português.** Coimbra: Almedina, 1979a.

_____. **Problemas da lexicologia e lexicografia.** Porto: Civilização, 1979b.

APÊNDICES

APÊNDICE A – FICHA LEXICOGRÁFICA

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: Literatura, Cultura e Tradução
LINHA DE PESQUISA: Linguagem, Discurso e Memória
PESQUISA: A linguagem regional/popular do poeta Zé Vicente da Paraíba: glossário léxico-semântico
ORIENTADORA: Dra. Maria do Socorro Silva de Aragão
PESQUISADOR: Wellington Lopes dos Santos

FICHA LEXICOGRÁFICA	
1. PALAVRA-ENTRADA	2. CÓDIGO
3. INFORMAÇÕES GRAMATICAIS	
4. DEFINIÇÃO	
5. INDICAÇÃO DE DICIONARIZAÇÃO 5.1 HUAISS DICIONÁRIO DA L.P. (A.H.) () PDSE () PDSD () PND 5.2 AULETE ONLINE (A.O.) () PDSE () PDSD () PND 5.3 DICIONÁRIO DO NORDESTE (F.N.) () PDSE () PDSD () PND 5.4 DICIONÁRIO DE TERMOS E EXP. POPULARES (T.C.) () PDSE () PDSD () PND	6. ACEPÇÃO DICIONARIZADA
7. VARIANTES	
8. CONTEXTO DE USO	
9. OBRA	
10. REMISSIVAS	
11. OBSERVAÇÕES	12. DATA

Modelo (adaptado) de ficha lexicográfica criado pelo Centro de Estudos Lexicais e Terminológicos (LEXTERM – UnB).

APÊNDICE B – TABELA GERAL DE PALAVRAS DICIONARIZADAS COM SENTIDOS EQUIVALENTES, SENTIDOS DIFERENTES E NÃO DICIONARIZADAS

	PDSE	PDSB	PND	TOTAL (%)
Houaiss (2009)	292 (77,87%)	24 (6,40%)	59 (15,73%)	375 (100%)
Aulete Digital (2017/2018)	296 (78,94%)	23 (6,13%)	56 (14,93%)	375 (100%)
Navarro (2013)	59 (15,73%)	40 (10,67%)	276 (73,60%)	375 (100%)
Cabral (1982)	89 (23,73%)	57 (15,20%)	229 (61,07%)	375 (100%)

APÊNDICE C – LISTA DE INDICAÇÃO DE DICIONARIZAÇÃO – HOUAISS (2009)

PDSE	PDSB	PND
Abafado	Abalar	Aboiador
Aboiar	Boiadeiro	Agrestina
Acabrunhado	Bola	Água serena
Aceiro	Boqueirão	Alçapão
Acolá	Campeira	Altinho
Acuar	Cariri	Ambó
Adestrado	Caruaru	Apeado
Afagante	Chapéu de couro	Apoti
Afago	Chincha	Assombrosa
Agavo	Chinchar	Autor da criação
Agoniado	Curimataú	Banquinho
Agreste	Enfadado	Bastantemente
Ajeitar	Flecheiro	Bezerros
Algodão	Gravatá	Boiato
Alvissareira	Leão	Braço direito
Alvorada	Leiteira	Brechinha
Amarrada	Mimosa	Cair de uma noite
Amargura	Negra	Cantoria rendosa
Amplidão	Pajeú	Capacitoso
Apartação	Paraíba	Casa mimosa
Aposento	Pitéu	Cavalo em osso
Apressado	Troteiro	Cavernosa
Arado	Vitória	Corda de couro
Arcano	Xexéu	Cordão
Arranhar		Difusora
Arranjo		Emborcado
Arrebatado		Enchocalho
Arrogante		Feira nova
Arvoredo		Fervoroso devoto
Assombrar		Festa de apartação
Aterro		Fogo do ar
Aurora		Foram embora
Avarento		Gado leiteiro
Bacurau		Garanhuns
Badalo		Glória do Goitá
Baixio		Inda
Banda		Invultar
Barragem		Justinha
Barreiro		Lanterna de Deus
Barro		Leite puro
Batente		Louçã
Beijo		Mata virgem
Bem-disposto		Matricó
Bezerro		Noite de luar
Bicheira		Pai de fogo
Bodega		Pássaro calado

PDSE	PDSB	PND
Boiada		Pernambuco
Bolacha		Pertinho
Botijão		Pocinhos
Brisa		Pombos
Broca		Quebrangulo
Caatinga		Rasga-beiço
Cabra		Rede de tela
Cachimbo		Riachinho
Cacimbão		Roladeira
Caduquice		Sabugi
Cajueiro		Sobradinho
Camarada		Umazinha
Cambito		Um passo pra frente dois pra trás
Campeiro		Vaqueiro afamado
Campesina		Vaqueiro zelador
Campina		Xoto
Campo		
Caneco		
Cantinho		
Capa		
Capoeira		
Carrasco		
Carreira		
Casarão		
Casco		
Casinhola		
Castanha		
Castanhola		
Catingueira		
Celeiro		
Cercado		
Chiqueiro		
Chocalho		
Chorosa		
Cipó		
Compadecida		
Constante		
Corredor		
Corriola		
Coturno		
Couro		
Cruciar		
Curral		
Curso		
Decadente		
Decente		
Decrepitude		

PDSE	PDSB	PND
Derribar		
Desamparada		
Desatino		
Desditosa		
Desgarrado		
Destemido		
Desventura		
Disparada		
Divindade		
Encaretar		
Encarregado		
Encourado		
Encurralado		
Enfeitar		
Enganchar		
Ensejo		
Entoar		
Enxada		
Escaldante		
Escapar		
Esfarrapado		
Esmorecer		
Espinhaço		
Esquipador		
Esteio		
Estirada		
Estrangeiro		
Estrebaria		
Estridente		
Façonha		
Famigerado		
Fardo		
Favela		
Ferrar		
Ferrenho		
Filisteu		
Firmamento		
Foguetão		
Fojo		
Folhagem		
Fonte		
Forrada		
Gabolice		
Gado		
Galinheiro		
Galo		
Galopador		

PDSE	PDSO	PND
Galope		
Gancho		
Gandola		
Ganha-pão		
Gasosa		
Gibão		
Glosador		
Grinalda		
Gruta		
Guarda-peito		
Guarida		
Horroroso		
Iluminada		
Impiedosa		
Inhambu		
Insultar		
Jerico		
Jumento		
Labuta		
Lagoa		
Lajedo		
Lamacento		
Lavoura		
Légua		
Leirão		
Leste		
Ligeiro		
Lombo		
Lustroso		
Maçaroca		
Manancial		
Mandigueiro		
Mandioca		
Maneiro		
Manhoso		
Mano		
Marmeleiro		
Mato		
Medonho		
Meiguice		
Meninice		
Merenda		
Mimoso		
Missiva		
Mocho		
Mocidade		
Moço		

PDSE	PDSD	PND
Montão		
Montar		
Monte		
Mororó		
Mortalha		
Mourão		
Nativo		
Necessitada		
Nordeste		
Nordestino		
Novena		
Oeste		
Ornada		
Outrora		
Padiola		
Pasto		
Peba		
Pedaço		
Pendurado		
Pequenina		
Pernambucano		
Perneira		
Perturbação		
Piar		
Pinho		
Pirilampo		
Poente		
Poleiro		
Pomar		
Ponta		
Porreta		
Portal		
Porteira		
Possante		
Postal		
Posto		
Praça		
Prado		
Prece		
Queixosa		
Quixabeira		
Quixó		
Ração		
Raçado		
Rama		
Ramada		
Rasto		

PDSE	PDSB	PND
Rebanho		
Rede		
Regaço		
Relance		
Remota		
Renhida		
Reprodutor		
Rês		
Réstia		
Retrato		
Revirar		
Ripa		
Roça		
Roçado		
Rochedo		
Saciar		
Sadio		
Seio		
Selado		
Serrania		
Serrote		
Sertanejo		
Sertão		
Seta		
Socó		
Soleira		
Sombreada		
Sustar		
Sustenida		
Tabuleiro		
Tapagem		
Toada		
Toca		
Tolice		
Torar		
Torrão		
Touro		
Trancar		
Transpassar		
Transviado		
Tremura		
Unha-de-gato		
Vaca		
Valente		
Valorosa		
Vaqueiro		
Vaquejada		

PDSE	PDSD	PND
Vasta		
Vate		
Velhice		
Vera		
Vereda		
Vigília		
Viola		
Vulto		
Ziguezague		

APÊNDICE D - LISTA DE INDICAÇÃO DE DICIONARIZAÇÃO – AULETE DIGITAL (2017/2018)

PDSE	PDS D	PND
Abafado	Barreiro	Agrestina
Abalar	Bola	Água serena
Aboiador	Boqueirão	Altinho
Aboiar	Campeira	Ambó
Acabrunhado	Cariri	Apoti
Aceiro	Chincha	Assombrosa
Acolá	Chinchar	Autor da criação
Acuar	Enfadado	Banquinho
Adestrado	Favela	Bezerros
Afagante	Flecheiro	Braço direito
Afago	Gravatá	Brechinha
Agave	Leão	Cair de uma noite
Agoniado	Leiteira	Cantoria rendosa
Agreste	Mandingueiro	Capacitoso
Ajeitar	Mimosa	Caruaru
Alçapão	Negra	Casa mimosa
Algodão	Pajeú	Cavalo em osso
Alvissareira	Paraíba	Cavernosa
Alvorada	Pernambuco	Chapéu de couro
Amarrada	Piar	Corda de couro
Amargura	Pitéu	Curimataú
Amplidão	Vitória	Difusora
Apartação		Enchocalho
Apeado		Feira nova
Aposento		Fervoroso devoto
Apressado		Fogo do ar
Arado		Foram embora
Arcano		Gado leiteiro
Arranhar		Garanhuns
Arranjo		Glória do Goitá
Arrebatado		Inda
Arrogante		Invultar
Arvoredo		Justinha
Assombrar		Lanterna de Deus
Aterro		Leite puro
Aurora		Louça
Avarento		Mata virgem
Bacurau		Matricó
Badalo		Noite de luar
Baixio		Pai de fogo
Banda		Pássaro calado
Barragem		Pertinho
Barro		Pocinhos
Bastantemente		Pombos
Batente		Ponta
Beijo		Quebrangulo

PDSE	PDSB	PND
Bem-disposto		Rasga-beiço
Bezerro		Rede de tela
Bicheira		Riachinho
Bodega		Roladeira
Boiada		Sabugi
Boiadeiro		Sobradinho
Boiato		Umazinha
Bolacha		Um passo pra frente dois pra trás
Botijão		Vaqueiro afamado
Brisa		Vaqueiro zelador
Broca		Xoto
Caatinga		
Cabra		
Cachimbo		
Cacimbão		
Caduquice		
Cajueiro		
Camarada		
Cambito		
Campeiro		
Campesina		
Campina		
Campo		
Caneco		
Cantinho		
Capa		
Capoeira		
Carrasco		
Carreira		
Casarão		
Casco		
Casinhola		
Castanha		
Castanhola		
Catingueira		
Celeiro		
Cercado		
Chiqueiro		
Chocalho		
Chorosa		
Cipó		
Compadecida		
Constante		
Cordão		
Corredor		
Corriola		
Coturno		

PDSE	PDSB	PND
Couro		
Cruciar		
Curral		
Curso		
Decadente		
Decente		
Decrepitude		
Derribar		
Desamparada		
Desatino		
Desditosa		
Desgarrado		
Destemido		
Desventura		
Disparada		
Divindade		
Emborcado		
Encaretar		
Encaretar		
Encarregado		
Encourado		
Encurralado		
Enfeitar		
Enganchar		
Ensejo		
Entoar		
Enxada		
Escaldante		
Escapar		
Esfarrapado		
Esmorecer		
Espinhaço		
Esquipador		
Esteio		
Estirada		
Estrangeiro		
Estrebaria		
Estridente		
Façanha		
Famigerado		
Fardo		
Ferrar		
Ferrenho		
Festa de apartação		
Filisteu		
Firmamento		
Foguetão		

PDSE	PDSB	PND
Fojo		
Folhagem		
Fonte		
Gabolice		
Gado		
Galinheiro		
Gado		
Galopador		
Galope		
Gancho		
Gandola		
Ganha-pão		
Gasosa		
Gibão		
Glosador		
Grinalda		
Gruta		
Guarda-peito		
Guarida		
Horroroso		
Iluminada		
Impiedosa		
Inhambu		
Insultar		
Jerico		
Jumento		
Labuta		
Lagoa		
Lajedo		
Lamacento		
Lavoura		
Légua		
Leirão		
Leste		
Ligeiro		
Lombo		
Lustroso		
Maçaroca		
Manancial		
Mandioca		
Maneiro		
Manhoso		
Mano		
Marmeleiro		
Mato		
Medonho		
Meiguice		

PDSE	PDSB	PND
Meninice		
Merenda		
Mimoso		
Missiva		
Mocho		
Mocidade		
Moço		
Montão		
Montar		
Monte		
Mororó		
Mortalha		
Mourão		
Nativo		
Necessitada		
Nordeste		
Nordestino		
Novena		
Oeste		
Ornada		
Outrora		
Padiola		
Pasto		
Peba		
Pedaço		
Pendurado		
Pequenina		
Pernambucano		
Perneira		
Perturbação		
Pinho		
Pirilampo		
Ponte		
Poleiro		
Pomar		
Porreta		
Portal		
Porteira		
Possante		
Postal		
Posto		
Praça		
Prado		
Prece		
Queixosa		
Quixabeira		
Quixó		

PDSE	PDSD	PND
Ração		
Raçado		
Rama		
Ramada		
Rasto		
Rebanho		
Rede		
Regaço		
Relance		
Remota		
Renhida		
Reprodutor		
Rês		
Réstia		
Retrato		
Revirar		
Ripa		
Roça		
Roçado		
Rochedo		
Saciar		
Sadio		
Seio		
Selado		
Serrania		
Serrote		
Sertanejo		
Sertão		
Seta		
Socó		
Soleira		
Sombreada		
Sustar		
Sustenida		
Tabuleiro		
Tapagem		
Toada		
Toca		
Tolice		
Torar		
Torrão		
Touro		
Trancar		
Transpassar		
Transviado		
Tremura		
Troteiro		

PDSE	PDSD	PND
Unha-de-gato		
Vaca		
Valente		
Valorosa		
Vaqueiro		
Vaquejada		
Vasta		
Vate		
Velhice		
Vera		
Vereda		
Vigília		
Viola		
Vulto		
Xexéu		
Ziguezague		

**APÊNDICE E - LISTA DE INDICAÇÃO DE DICIONARIZAÇÃO – NAVARRO
(2013)**

PDSE	PDSB	PND
Abafado	Abalar	Aboiador
Acuar	Agoniado	Aboiar
Agreste	Boiadeiro	Acabrunhado
Alvorada	Bola	Aceiro
Bacurau	Bolacha	Acolá
Baixio	Boqueirão	Adestrado
Barreiro	Brechinha	Afagante
Caatinga	Brisa	Afago
Cacimbão	Cabra	Agave
Cajueiro	Cachimbo	Agrestina
Camarada	Campeira	Água serena
Cambito	Caneco	Ajeitar
Campeiro	Capa	Alçapão
Campina	Capoeira	Algodão
Carrasco	Cariri	Altinho
Caruaru	Carreira	Alvissareira
Castanhola	Casarão	Amarrada
Catingueira	Chapéu de couro	Amargura
Cipó	Corredor	Ambó
Curimataú	Curral	Amplidão
Derribar	Curso	Apartação
Encourado	Enfeitar	Apeado
Favela	Enxada	Aposento
Fojo	Escapar	Apoti
Ganha-pão	Flecheiro	Apressado
Gibão	Galo	Arado
Guarda-peito	Gandola	Arcano
Lajedo	Gasosa	Arranhar
Lavoura	Maçaroca	Arranjo
Leão	Mimoso	Arrebatado
Légua	Pinho	Arrogante
Leirão	Pitéu	Arvoredo
Ligeiro	Poleiro	Assombrar
Mandioca	Praça	Assombrosa
Marmeleiro	Ração	Aterro
Mororó	Rochedo	Aurora
Noite de luar	Sombreada	Autor da criação
Nordeste	Tapagem	Avarento
Outrora	Toca	Badalo
Pajeú		Banda
Paraíba		Banquinho
Peba		Barragem
Pernambuco		Barro
Perneira		Bastantemente
Quixó		Batente
Rama		Beijo

PDSE	PDSB	PND
Roça		Bem-disposto
Roçado		Bezerro
Roladeira		Bezerros
Sertanejo		Bicheira
Sertão		Bodega
Tabuleiro		Boiada
Toada		Boiato
Torar		Botijão
Unha-de-gato		Braço direito
Valente		Broca
Vereda		Caduquice
Viola		Cair de uma noite
Xexéu		Campesina
Ziguezague		Campo
		Cantinho
		Cantoria rendosa
		Capacitoso
		Casa mimosa
		Casco
		Casinhola
		Castanha
		Cavalo em osso
		Cavernosa
		Celeiro
		Cercado
		Chincha
		Chinchar
		Chiqueiro
		Chocalho
		Chorosa
		Compadecida
		Constante
		Corda de couro
		Cordão
		Corriola
		Coturno
		Couro
		Cruciar
		Decadente
		Decente
		Decrepitude
		Desamparada
		Desatino
		Desditosa
		Desgarrado
		Destemido
		Desventura

PDSE	PDSD	PND
		Difusora
		Disparada
		Divindade
		Emborcado
		Encaretar
		Encarregado
		Enchocalho
		Encurralado
		Enfadado
		Enganchar
		Ensejo
		Entoar
		Escaldante
		Esfarrapado
		Esmorecer
		Espinhaço
		Esquipador
		Esteio
		Estirada
		Estrangeiro
		Estrebaria
		Estridente
		Façanha
		Famigerado
		Fardo
		Feira nova
		Ferrar
		Ferrenho
		Fervoroso devoto
		Festa de apartação
		Filisteu
		Firmamento
		Fogo do ar
		Foguetão
		Folhagem
		Fonte
		Forrada
		Foram embora
		Gabolice
		Gado
		Gado leiteiro
		Galinheiro
		Galopador
		Galope
		Gancho
		Garanhuns
		Glória do Goitá

PDSE	PDSB	PND
		Glosador
		Gravatá
		Grinalda
		Gruta
		Guarida
		Horroroso
		Iluminada
		Impiedosa
		Inda
		Inhambu
		Insultar
		Invultar
		Jerico
		Jumento
		Justinha
		Labuta
		Lagoa
		Lamacento
		Lanterna de Deus
		Leite puro
		Leiteira
		Leste
		Lombo
		Louça
		Lustroso
		Manancial
		Mandingueiro
		Maneiro
		Manhoso
		Mano
		Mata virgem
		Mato
		Matricó
		Medonho
		Meiguice
		Meninice
		Merenda
		Mimosa
		Missiva
		Mocho
		Mocidade
		Moço
		Montão
		Montar
		Monte
		Mortalha
		Mourão

PDSE	PDSB	PND
		Nativo
		Necessitada
		Negra
		Nordestino
		Novena
		Oeste
		Ornada
		Padiola
		Pai de fogo
		Pássaro calado
		Pasto
		Pedaço
		Pendurado
		Pequenina
		Pernambucano
		Pertinho
		Perturbação
		Piar
		Pirilampo
		Pocinhos
		Poente
		Pomar
		Pombos
		Ponta
		Porreta
		Portal
		Porteira
		Possante
		Postal
		Posto
		Prado
		Prece
		Quebrangulo
		Queixosa
		Quixabeira
		Raçado
		Ramada
		Rasga-beiço
		Rasto
		Rebanho
		Rede
		Rede de tela
		Regaço
		Relance
		Remota
		Renhida
		Reprodutor

PDSE	PDSB	PND
		Rês
		Réstia
		Retrato
		Revirar
		Riachinho
		Ripa
		Sabugi
		Saciar
		Sadio
		Seio
		Selado
		Serrania
		Serrote
		Seta
		Sobradinho
		Socó
		Soleira
		Sustar
		Sustenida
		Tolice
		Torrão
		Touro
		Trancar
		Transpassar
		Transviado
		Tremura
		Troteiro
		Umazinha
		Um passo pra frente dois pra trás
		Vaca
		Valorosa
		Vaqueiro
		Vaqueiro afamado
		Vaqueiro zelador
		Vaquejada
		Vasta
		Vate
		Velhice
		Vera
		Vigília
		Vitória
		Vulto
		Xoto

APÊNDICE F - LISTA DE INDICAÇÃO DE DICIONARIZAÇÃO - CABRAL (1982)

PDSE	PDSB	PND
Abafado	Abalar	Aboiador
Aboiar	Acolá	Acuar
Acabrunhado	Agreste	Adestrado
Aceiro	Algodão	Afagante
Agoniado	Amarrada	Afago
Ajeitar	Arado	Agave
Amargura	Arranjo	Agrestina
Apartação	Badalo	Água serena
Bacurau	Barro	Alçapão
Banda	Beicho	Altinho
Barragem	Bicheira	Alvissareira
Barreiro	Bolacha	Alvorada
Batente	Boqueirão	Ambó
Bezerro	Brisa	Amplidão
Bodega	Cabra	Apeado
Bola	Capa	Aposento
Braço direito	Casco	Apoti
Brechinha	Castanha	Apressado
Broca	Catingueira	Arcano
Cacimbão	Chocalho	Arranhar
Caduquice	Cipó	Arrebatado
Camarada	Cordão	Arrogante
Cambito	Corredor	Arvoredo
Campeira	Emborcado	Assombrar
Campeiro	Entoar	Assombrosa
Campo	Esfarrapado	Aterro
Caneco	Esmorecer	Aurora
Cantinho	Espinhaço	Autor da criação
Capoeira	Estirada	Avarento
Carrasco	Fonte	Baixio
Carreira	Galo	Banquinho
Cercado	Galope	Bastantemente
Chapéu de couro	Gancho	Bem-disposto
Chincha	Lagoa	Bezerros
Chiqueiro	Ligeiro	Boiada
Corriola	Maneiro	Boiadeiro
Couro	Mano	Boiato
Curral	Mocho	Botijão
Decente	Monte	Caatinga
Disparada	Mororó	Cachimbo
Encaretar	Mortalha	Cair de uma noite
Encourado	Pajeú	Cajueiro
Enganchar	Pasto	Campesina
Enxada	Peba	Cantoria rendosa
Esquipador	Pinho	Capacitoso
Ferrar	Ripa	Cariri

PDSE	PDSD	PND
Foguetão	Roça	Caruaru
Fojo	Selado	Casa mimosa
Ganha-pão	Serrote	Casarão
Gibão	Tapagem	Casinhola
Guarda-peito	Toca	Castanhola
Jumento	Touro	Cavalo em osso
Lajedo	Vaca	Cavernosa
Légua	Viola	Celeiro
Leirão	Vitória	Chinchar
Lombo		Chorosa
Lustroso		Compadecida
Maçaroca		Constante
Mandingueiro		Corda de couro
Mandioca		Coturno
Marmeleiro		Cruciar
Mato		Curimataú
Medonho		Curso
Montão		Decadente
Montar		Decrepitude
Mourão		Derribar
Padiola		Desamparada
Pedaco		Desatino
Pequenina		Desditosa
Perneira		Desgarrado
Ponta		Destemido
Porreta		Desventura
Porteira		Difusora
Possante		Divindade
Praça		Encarregado
Prado		Enchocalho
Quixó		Encurralado
Raçado		Enfadado
Rama		Enfeitar
Ramada		Ensejo
Rasto		Escaldante
Rede		Escapar
Roçado		Esteio
Roladeira		Estrangeiro
Tabuleiro		Estrebaria
Toada		Estridente
Torar		Façanha
Unha-de-gato		Famigerado
Vaquejada		Fardo
Vera		Favela
Vereda		Feira nova
Vulto		Ferrenho
		Fervoroso devoto

PDSE	PDSD	PND
		Festa de apartação
		Filisteu
		Firmamento
		Flecheiro
		Fogo do ar
		Folhagem
		Forrada
		Foram embora
		Gabolice
		Gado
		Gado leiteiro
		Galinheiro
		Galopador
		Gandola
		Garanhuns
		Gasosa
		Glória do Goitá
		Glosador
		Gravatá
		Grinalda
		Gruta
		Guarida
		Horroroso
		Iluminada
		Impiedosa
		Inda
		Inhambu
		Insultar
		Invultar
		Jerico
		Justinha
		Labuta
		Lamacento
		Lanterna de Deus
		Lavoura
		Leão
		Leite puro
		Leiteira
		Louçã
		Manancial
		Manhoso
		Mata virgem
		Matricó
		Meiguice
		Meninice
		Merenda
		Mimosa

PDSE	PDSD	PND
		Mimoso
		Missiva
		Mocidade
		Moço
		Nativo
		Necessitada
		Negra
		Noite de luar
		Nordeste
		Nordestino
		Novena
		Oeste
		Ornada
		Outrora
		Pai de fogo
		Paraíba
		Pássaro calado
		Pendurado
		Pernambucano
		Pernambuco
		Pertinho
		Perturbação
		Piar
		Pirilampo
		Pitéu
		Pocinhos
		Poente
		Poleiro
		Pomar
		Pombos
		Portal
		Postal
		Posto
		Prece
		Quebrangulo
		Queixosa
		Quixabeira
		Ração
		Rasga-beiço
		Rebanho
		Rede de tela
		Regaço
		Relance
		Remota
		Renhida
		Reprodutor
		Rês

PDSE	PDSD	PND
		Réstia
		Retrato
		Revirar
		Riachinho
		Rochedo
		Sabugi
		Saciar
		Sadio
		Seio
		Serrania
		Sertanejo
		Sertão
		Seta
		Sobradinho
		Socó
		Soleira
		Sombreada
		Sustar
		Sustenida
		Tolice
		Torrão
		Trancar
		Transpassar
		Transviado
		Tremura
		Troteiro
		Umazinha
		Um passo pra frente dois pra trás
		Valente
		Valorosa
		Vaqueiro
		Vaqueiro afamado
		Vaqueiro zelador
		Vasta
		Vate
		Velhice
		Vigília
		Xexéu
		Xoto
		Ziguezague

ANEXOS

ANEXO A – FIZ DO CHORO DAS CORDAS DA VIOLA O MAIOR GANHA-PÃO DA MINHA VIDA

Fiz o que desejava em minha infância:
Correr prado de um ponto a outro ponto
Lá chegando, cansado e meio tonto
Boca aberta, tremendo e tendo ânsia
Sem pensar ser por causa da distância
Sem usar nem metragem, nem medida
Muitas horas esquecia da comida
E trocava a merenda pela bola
Fiz do choro das cordas da viola
O maior ganha-pão da minha vida.

Fiz cachimbo de barro e matricó
Conhecido também por “pai de fogo”
Onde havia castanha, havia um jogo
Que eu era o atleta do bozó
O porreta no fojo e no quixó
Só não era viciado na bebida
Mas já tinha a idéia evoluída
Fabricando o alcapão e a gaiola
Fiz do choro das cordas da viola
O maior ganha-pão da minha vida.

Fiz um plano de vida pra viver
Com amor, com o riso e a saudade
Como Deus é amor e é Trindade
Sabe e pode sustar o meu sofrer
Muitas vezes cantando sem poder
Nem tocar na viola sustentada
Agradeço à Maria Concebida,
Solitário na minha casinhola
Fiz do choro das cordas da viola
O maior ganha-pão da minha vida.

Eu nasci, me criei sem estudar
Até hoje eu nunca aprendi nada
A primeira viola foi doada
Que eu não tinha dinheiro pra comprar
Foi papai quem comprou para me dar
Linda joia mimosa e preferida
Uma toalha de minha mãe querida
Foi a capa do pinho ou a sacola
Fiz do choro das cordas da viola
O maior ganha-pão da minha vida.

Quando pai entregou na minha mão
O mais lindo instrumento que eu já vi
Tive tanta alegria que saí
Para a casa de quem tinha violão
Para ver se aprendia afinação
Encontrei a pessoa definida
Que também não tornou-se aborrecida
Para ser minha mestra nessa escola
Fiz do choro das cordas da viola
O maior ganha-pão da minha vida.

Aprendi a afinar o instrumento
Mas fiquei sem ter jeito de tocar
O trabalho maior foi pra rimar
Pois não tinha o menor conhecimento
E forçava demais o pensamento
Que a matéria ficava deprimida
Mal sentado na porta da guarida
Sombreada por uma castanhola
Fiz do choro das cordas da viola
O maior ganha-pão da minha vida.

Quis um dia mudar o meu destino
E passar da viola ao violão,
Mas achei mais difícil a profissão
Resolvi comprar um violino
Quis um dia trocar num bombardino
Já a volta foi grande na pedida
Eu notei a vontade já perdida
Esqueci de guitarra e de manola
Fiz do choro das cordas da viola
O maior ganha-pão da minha vida.

Comecei a viver da plantação
De arroz, de feijão, de mandioca
Cortei mato, fiz aceiro, queimei broca
Pra plantar fumo, agave e algodão
Fiz barreiro, barragem e cacimbão
Para o gado da Fazenda Santa Guida
Inda hoje a coluna está doída
De puxar barro e lama em padiola
Fiz do choro das cordas da viola
O maior ganha-pão da minha vida.

Inventei de jogar, mas achei ruim:
Joguei bola de mão, joguei peteca
No baralho, marimba e a sueca
Lasquinê, bacará e relancim
Nem buraco deu certo para mim
Que a entrada foi quase sem saída
Minha grana por outros dividida
Com anarquia maior da corriola
Fiz do choro das cordas da viola
O maior ganha-pão da minha vida.

Trabalhei de enxada no roçado:
Fiz leirão pra cebola, coentro e alho
Eu lucrei, mas perdi o meu trabalho
Com produto sem preço no mercado
Sozinho pelo mundo, desgarrado
Aí foi uma vida mal vivida
Na cidade por mim desconhecida
Adoei, só faltei pedir esmola
Fiz do choro das cordas da viola
O maior ganha-pão da minha vida.

Fui servir o Exército, em plena guerra
Mas não pude também fazer carreira
Fui apenas um praça de fileira
Em defesa da Pátria e nossa terra
Sentinela avançada em qualquer serra
No quartel, devido à Ordem unida:
Duas calças inteiras, uma rompida
Um par de coturnos, uma gandola
Fiz do choro das cordas da viola
O maior ganha-pão da minha vida.

É por isso, colegas, que lhes digo
Que pra mim a viola é joia bela
Para onde eu viajo vou com ela
Ela tem um cantinho em meu abrigo
Quando eu me acabar não vai comigo
Por tornar-se bagagem proibida
Só cordão e mortalha bem comprida
Parecida até com camisola
Fiz do choro das cordas da viola
O maior ganha-pão da minha vida.

ANEXO B – FAÇA UM CANTEIRO NO PEITO PLANTE A SEMENTE DO AMOR

Reflita nos dias seus
Acompanhado ou sozinho
Para mostrar-me o caminho
Da santa casa de Deus
Porque eu nos dias meus
Só recebo o dissabor
Por isso peço o favor
Que a mim nunca foi feito
Faça um canteiro no peito
Plante a semente do amor.

Ajude o necessitado
Dê um pão a quem tem fome
Quem sabe se o seu nome
Não está no livro sagrado?
E um prédio edificado
Pra você ser morador
Sem sofrer nenhuma dor
Como hoje está sujeito
Faça um canteiro no peito
Plante a semente do amor.

Você tem muitos sapatos
Dê para quem não tem
E quem tem fica também
Elogiando seus atos
Por ver em outros maus-tratos
Talvez seja um doador
Defendendo o sofredor
Das garras do preconceito
Faça um canteiro no peito
Plante a semente do amor.

Dê água para os sedentos
Vista os nus esfarrapados
Que se acham desgarrados
Por conta dos avarentos
Entre choros e lamentos
Vem um anjo defensor
Para sanar o clamor
De quem pensou não ter jeito
Faça um canteiro no peito
Plante a semente do amor.

Visite os encarcerados
E não esqueça os doentes
Que aqueles pacientes
Que estão hospitalizados
Dos parentes desprezados
Doente não tem valor
Se falar com o doutor
Atende mal satisfeito
Faça um canteiro no peito
Plante a semente do amor.

Preserve a serenidade
Conserve mais a prudência
Dê um não à violência
Dê um sim à humildade
Valorize a castidade
Desvalorize o terror
Vá pra casa do Senhor
Que o caminho é estreito
Faça um canteiro no peito
Plante a semente do amor.

Às dores do seu irmão
Seja sempre solidário
E nunca pense o contrário
Da boa situação
E nessa reflexão
Peça ao Ser Superior
Que como o pai Criador
Dê ao filho o que é perfeito
Faça um canteiro no peito
Plante a semente do amor.

Faça ponto, pense certo
Na luz do Cristianismo
Onde reina o egoísmo
Alto lá, não passe perto
Pra não entrar no deserto
Do mundo do tentador
Onde mora o horror
O que tem é imperfeito
Faça um canteiro no peito
Plante a semente do amor.

Quando vir um sofrimento
Do seu deditoso irmão
Receba no coração
A metade do tormento
Porque cinquenta por cento
Na divisão do senhor
Felicita o sonhador
Na mágoa e no seu efeito
Faça um canteiro no peito
Plante a semente do amor.

Do pesadelo e do sonho
Despertei agoniado
Por conta do meu pecado
Que sofrimento medonho
Mas nisso um jovem risonho
Apareceu no setor
Transformou-se em pregador
Disse tudo a meu respeito
Faça um canteiro no peito
Plante a semente do amor.

Minha sombra em dois espelhos
Eu via fotografada
Numa tarefa pesada
De permanecer de joelhos
Para escutar os conselhos
De Jesus o Salvador
Dizendo ao pecador
O humilde será aceito
Faça um canteiro no peito
Plante a semente do amor.

Virtude teologais
Como fé, como esperança
E a caridade descansa
No santo reino da paz
Falando pelos mortais
E pedindo ao redentor
Pede com tanto fervor
Que o Salvador dá direito
Faça um canteiro no peito
Plante a semente do amor.

ANEXO C – ENRIQUECE O JUÍZO DO POETA O CAIR DE UMA NOITE NO SERTÃO

O poeta observa de um monte
O oeste ficando avermelhado
E o leste ficando acinzentado
Com mudança total no horizonte
Vê-se água serena numa fonte
Que chamamos também de cacimbão
E o aspecto de toda região Confundindo a ideia
do pateta
Enriquece o juízo do poeta
O cair de uma noite no sertão.

Quando o rosto do Sol desaparece
Escondido por trás da serrania
Bate o sino tocando Ave-Maria
E o pastor na igreja faz a prece
O poeta na hora reconhece
O poder do Autor da criação
Ergue o peito e contempla a amplidão
Infinita, mimosa e predileta
Enriquece o juízo do poeta
O cair de uma noite no sertão.

Sertanejo da roça vem chegando
Vê as cabras entrando no chiqueiro
As galinhas subindo no poleiro
E a mulher na cozinha trabalhando
Um vaqueiro no campo vem voltando
Aboiando ou cantando uma canção
Tranca as vacas de leite e dá ração
A paisagem da noite está completa
Enriquece o juízo do poeta
O cair de uma noite no sertão.

Vê-se logo a campina iluminada
Com as luzes de tantos pirilampos
Instalando energias pelos campos
Sem ter poste, sem fio, sem cobrar nada
Bacurau sobe e desce na estrada
Nos causando a maior assombração
Pia o mocho no meio da solidão
E o índio imortal atira a seta
Enriquece o juízo do poeta
O cair de uma noite no sertão.

Estão no pouso centenas de andorinhas
E os morcegos voando nos rochedos
Muitas cabras deitadas nos lajedos
Que serviram de mesa pra galinhas
Lagartixas dormindo nas brechinhas
Das paredes do velho casarão
Vê-se o galo, o peru e o pavão
Cada um em seu ponto é um atleta
Enriquece o juízo do poeta
O cair de uma noite no sertão.

E se for numa noite de luar
Aparecem centenas de imagens
São as réstias da Lua nas folhagens
Como filmes batido no pomar
Para o lado que o vate se virar
Tem vontade em pegá-las com a mão
É apenas o engano da visão
Quem não sente, nem vê, nem interpreta
Enriquece o juízo do poeta
O cair de uma noite no sertão.

Fica tudo parado no momento
As ladeiras parecem cavernosas
Aparecem estrelas luminosas
São lanternas de Deus no Firmamento
Sopra a brisa suave para o vento
Evitando qualquer destruição
Os rebanhos deitados pelo chão
A passarada dormindo bem quieta
Enriquece o juízo do poeta
O cair de uma noite no sertão.

A abelha se oculta na pousada
Fecha a porta da sua moradia
E só volta a voar no outro dia
Quando sente o romper da alvorada
Já a aranha de noite é ocupada
Nos tecidos da sua fiação
Vê-se a rede de tela sem cordão
Sem ensino improvisa o que projeta
Enriquece o juízo do poeta
O cair de uma noite no sertão.

**ANEXO D – CASA DE XÉXEU É NINHO
NÃO TEM BARRO E NEM CIMENTO**

Ninho é feito em arvoredos
Gancho de pau ou ramagem
A terra suja a plumagem
Por isso o pássaro tem medo
Se acostuma a dormir cedo
Que lá não tem movimento
Onde o chão é lamacento
Pássaro não voa baixinho
Casa de xexéu é ninho
Não tem barro e nem cimento.

Não precisa de telhado
Quarto, sala e nem cozinha
Prego, ripa, caibro e linha
Tudo isso é dispensado
Depois de terminado
Não teme chuva e nem vento
Fica no seu aposento
Sem perturbar o vizinho
Casa de xexéu é ninho
Não tem barro e nem cimento.

ANEXO E - SÃO SESENTA E SEIS ANOS DE VIOLA COMPLETANDO OS OITENTA DE IDADE

Dia sete de agosto em Boqueirão
Pertencente ao distrito de Pocinhos
Pelas seis da manhã os passarinhos
Procuravam sementes pelo chão
Já campina enfeitava a região
Com seu porte afagante de cidade
Vinte e dois me fez ver a humanidade
Inspirado por Deus, mas sem escola
São sessenta e seis anos de viola
Completando os oitenta de idade.

Sofri muito durante a minha infância
Sacrifício, doença e tudo mais
Sem dar trégua nenhuma aos meus pais
Suportando a horrível circunstância
Hospital nem se fala... Que distância!
Pra levar quem sofria ansiedade
E sair da pior localidade
Só se fosse de rede ou padiola
São sessenta e seis anos de viola
Completando os oitenta de idade.

Paraíba criou-me no seu colo
E mostrou-me o rumo dos meus passos
Pernambuco pra mim abriu os braços
E aceitou-me pisando no seu solo
Nele tive influência de Apolo
Para os versos a luz da divindade
Recebi no espírito a claridade
Mas não sei se foi prêmio ou foi esmola
São sessenta e seis anos de viola
Completando os oitenta de idade.

Inspirei-me no Rio Pajeú
Na bonita Chapada do Ambó
No flecheiro mergulho do socó
No apito estridente do inhambu
Na vereda da toca do tatu
Que do peba já foi propriedade
Construída por ele sem maldade
Pra servir de morada para o bola
São sessenta e seis anos de viola
Completando os oitenta de idade.

Já cantei com quinhentos cantadores
Aprendizes, famosos, veteranos
Nesta longa passagem dos meus anos
Conheci um montão de glosadores
Fui artista querido dos doutores
Preferido em qualquer sociedade
Em colégio, em clube ou faculdade
Hoje um pássaro calado na gaiola
São sessenta e seis anos de viola
Completando os oitenta de idade.

Mocidade, um conjunto de arcanos
Com planetas e signos reunidos
Pelo próprio Deus Pai, distribuídos
Com bilhões e bilhões de veteranos
Mergulhados no mar dos desenganos
Como eu na horrível na tempestade
O socorro que eu tive foi de um frade
Parecido com Inácio de Loyola
São sessenta e seis anos de viola
Completando os oitenta de idade.

Ninguém mais me convida pra cantar
Meus colegas antigos foram embora
Quem ficou neste mundo, hoje mora
Onde eu acho difícil de encontrar
Solitário, soluço no meu lar
Recordando quem fui, na mocidade
Me afogo no lago da saudade
Me despeço do pinho na sacola
São sessenta e seis anos de viola
Completando os oitenta de idade.

ANEXO F - NÃO HÁ REMÉDIO PRA DOR DE CORAÇÃO COM SAUDADE

Adeus infância querida
Tempo que não volta mais
Recordações de meus pais
Deixam minha alma ferida
Toda matéria abatida
Com choque da tempestade
Desaparece a metade
Da potência do amor
Não há remédio pra dor
De coração com saudade.

Recordo meu pai amado
E minha mãe carinhosa
Que além de ser bondosa
Pra mim não tinha pecado
Me vendo sacrificado
Tinha de mim piedade
Pai na eternidade
Já disse ao Salvador:
Não há remédio pra dor
De coração com saudade.

Mudanças e mais mudanças
Me deixam angustiado
Chorando pelo passado
Sem renovar esperanças
Recordo aquelas crianças
Quase todas de uma idade
Naquela localidade
Nenhuma mais no setor
Não há remédio pra dor
De coração com saudade.

Até mesmo os passarinhos
Que ali cantavam antes
Já estão muito distantes
Abandonaram seus ninhos
Se apagaram os caminhos
Da nossa propriedade
Quem ficou não tem vontade
De ser mais agricultor
Não há remédio pra dor
De coração com saudade.

Perdi a vitalidade
Os órgãos esmorecendo
Atualmente estão sendo
Cofres de guardar saudade
Choro pela mocidade
Que se foi não volta mais
Do meu tempo de rapaz
Perdi toda a energia
Sou motor sem bateria
Ou um botijão sem gás.

Eu nasci, creci, vivi
Disposto a trabalhar
Pra cantar, pra namorar
As negras do Cariri
Valente como Davi
Combatendo os filisteus
Mas nestes momentos meus
Dispenso qualquer pitéu
Só levanto as mãos pro Céu
Pedindo perdão a Deus.

ANEXO G - A MATA JÁ FOI ABAIXO, A TERRA COM PENA CHORA O QUE DEUS FEZ NO PASSADO, O HOMEM DESTRÓI AGORA

Está queixosa a natureza
Por ver seus campos vazios
Com seus paredões em seus rios
Desviando a correnteza
Pra deixarem a água presa
Onde foi solta em outrora
Sem poder mais ir embora
Que o curso está cortado
O que Deus fez no passado
O homem destrói agora.

Onde está a preservação
De todos os florestais?
Os núcleos industriais
Em tudo passando a mão
Madeira pra construção
Pra esteio, viga e escora
A serra mecânica tora
Tronco grosso enraizado
O que Deus fez no passado
O homem destrói agora.

Além do desmatamento
Das florestas preservadas
Penetrações nas camadas
Do vastíssimo Firmamento
Transformando o movimento
Da vespertina à aurora
O homem pensa na hora
O relógio está parado
O que Deus fez no passado
O homem destrói agora.

As grandes demolições
De serras, montes, rochedos
Derruba dos arvoredos
Tapagens de depressões
Mudanças de produções
Que o mecanismo aprimora
Puxa de dentro pra fora
E deixa o solo revirado,
O que Deus fez no passado
O homem destrói agora.

Explorações de canais
Rasgando o ventre da Terra
No lugar que teve serra
Nem serrote se vê mais
Na busca dos minerais
A floresta se devora
E a terra ainda chora
Pela culpa do pecado
O que Deus fez no passado
O homem destrói agora.

Por entre várias camadas
Da grande crosta terrestre
As obras do grande mestre
Estão sendo deturpadas
As minas são procuradas
Na devastação da flora
Eu penso que não demora
Ver nosso globo emborcado
O que Deus fez no passado
O homem destrói agora.

Quem já foi ao Paraná...
Tinha pinho em todo canto
Quem já foi ao Espírito Santo
Tão rico em jacarandá
Atualmente é o Pará
Que a grande indústria explora
E a situação piora
No século mais avançado
O que Deus fez no passado
O homem destrói agora.

Até mesmo o oceano
Já sofreu transformação
Porque a navegação
O explora ano a ano
Só mesmo Deus soberano
É que nada disso ignora
Porém onde a gente mora
O planeta está mudado
O que Deus fez no passado
O homem destrói agora.

As máquinas rasgando o chão
Com os operadores seus
Desfazendo o que fez Deus
Nas obras da criação
Há grande destruição
Pelo gás que se evapora
Sempre a terra se explora
Com trator e com arado
O que Deus fez no passado
O homem destrói agora.

Barragens e mais barragens
Cortando os cursos dos rios
Cobrindo d'água os baixios
Modificando as paisagens
Explorações de rodagens
Que o índio se apavora
E resolve dar o fora
Do lugar que foi criado
O que Deus fez no passado
O homem destrói agora.

Lá no Planalto Central
Era um deserto medonho
Mas realizou-se um sonho
Do Brasil Imperial
É Distrito Federal
E a data se comemora
Na Matriz a gente ora
Vendo um Santo pendurado
O que Deus fez no passado
O homem destrói agora.

No grande século da luz
Há grandes transformações
Por grandes evoluções
Que o progresso produz
Oh! Virgem Mãe de Jesus
Imaculada Senhora!
Rogai por nossa melhora
Neste mundo transviado
O que Deus fez no passado
O homem destrói agora.

ANEXO H - CASA VELHA DE SR. RUBENS EM ALTINHO

Já me disse um senhor que tem estudo
Que o tempo dá tempo e pede tempo
E depois desse tempo o passatempo
Diz o tempo, sou o tempo o “Dragão mudo”
Quando quero no mundo acabo tudo
Só respeito os caprichos divinais
Também deixo sequelas tão fatais
Que quem sonha comigo se intimida
Casa velha, teu dono está sem vida
Tu ficaste sem vida entre os mortais.

O teu dono daqui já foi embora
A pedido de Deus foi morar lá
Nem mandou endereço nem vem cá
Nem por sonho ele diz onde mora
O transtorno pra ti chegou agora
Quem foi dono de ti não volta mais
Nem o zelo do mesmo tu terás
O projeto é pra seres destruída
Casa velha, teu dono está sem vida
Tu ficaste sem vida entre os mortais.

Construída com toda segurança
Por Juvêncio, segundo o que soubemos
E o pai do extinto Rubens Lemos
Morou nela com muita confiança
Portas verdes, a cor da esperança
E paredes branquinhas cor da paz
Arrancados batentes e portais
Cada uma parede demolida
Casa velha, teu dono está sem vida
Tu ficaste sem vida entre os mortais.

Tinha quatro janelas pela frente
Um banquinho de espera no portão
Uma porta de entrada pra o salão
Um portão de garagem, uma corrente
Duas portas ao lado do poente
Um sótão com janelas laterais
E mais portas de acessos principais
O sótão, outra casa preferida
Casa velha, teu dono está sem vida
Tu ficaste sem vida entre os mortais.

As medalhas que Rubens conquistou-as
Eu não sei onde foram colocadas
Quatro quartos com camas bem forradas
E ornadas com roupas muito boas
O sótão hospedava dez pessoas
Com camas e colchões especiais
Cristaleiras antigas e cristais
Porcelana chinesa, conhecida
Casa velha, teu dono está sem vida
Tu ficaste sem vida entre os mortais.

Foste o centro maior de informações
Através do teu dono Rubens Lemos
E agora, meu povo, nós não temos
Quem nos dê as reais explicações
Muitas vezes me achei sem ter noções
Pelas coisas na vida tão banais
Até mesmo em artigos de jornais
Não deixava a noção interrompida
Casa velha, teu dono está sem vida
Tu ficaste sem vida entre os mortais.

ANEXO I – O ABORTO

O aborto é uma coisa – natural
Que já vem das primeiras gerações,
Mas agora surgiu entre as nações
Uma fórmula anticoncepcional
Vem causando o distúrbio mundial
Dando chance a pessoa sem pudor
Que pra ver se conserva seu valor
Mata o feto que o ventre recebeu
Uma mãe que assassina o filho seu
Não merece o perdão do Salvador.

Acredito demais na Salvação
No que disse o Messias Prometido
Mas eu noto que o mundo está perdido
Para o lado da vil da condenação
A mulher e o homem, todos são
Implicados na causa do horror
Antes era o reflexo do amor
E muito antes da luz escureceu
Uma mãe que assassina o filho seu
Não merece o perdão do Salvador.

Se quer ser bem justinha pra que quer
Ter encontro ou contato com o sexo
Pra depois conservar este complexo
Horroroso porque nasceu mulher
Se tomar uma cápsula e se lhe der
Um calafrio, uma tremura e uma dor
Logicamente é levada ao doutor
Vai contar como foi que aconteceu
Uma mãe que assassina o filho seu
Não merece o perdão do Salvador.

Não estou condenando a medicina
Para mim é Ciência valorosa
Eu condeno é a mãe impiedosa
Que o filho em embrião o assassina
De contato em contato se incrimina
Sem ter susto, sem medo e sem pavor
Enganando a alguém pra onde for
Sem pensar no anjinho que perdeu
Uma mãe que assassina o filho seu
Não merece o perdão do Salvador.

Está havendo por aí alguns casais
Que pra que a família não aumente
A mulher sempre toma mensalmente
O produto infecundo que desfaz
Sem sentir no momento o quanto faz
De contrário ao nosso Criador
E o homem, o culpado pecador
Nesse papo da mulher se convenceu
Uma mãe que assassina o filho seu
Não merece o perdão do Salvador.

Antigamente o aborto acontecia
Por motivo de raiva ou de desejo
Quando ela não tinha aquele ensejo
De gozar o que sempre preferia
Mas a coisa mudou e hoje em dia
Nem precisa parteiro-operador
Não pretendo falar do inventor
Nada digo também com quem vendeu
Uma mãe que assassina o filho seu
Não merece o perdão do Salvador.

**ANEXO J - PROCLAMADA A REPÚBLICA BRASILEIRA
O REGIME DA NOSSA LIBERDADE**

Foi no sétimo período da História
Que Manoel Deodoro da Fonseca
Fez D. Pedro sofrer de enxaqueca
Por perder no momento a sua glória
Em Petrópolis, esquentou tanto a memória
Só pensando na sua autoridade
Já deposto e a sua Majestade
Sem direito ao Símbolo da Bandeira
Proclamada a República brasileira
O regime da nossa liberdade.

A História é profunda e me comove
O que li no passado ainda lembro
Que a data foi 15 de novembro
E o ano dezoito, oitenta e nove
Quem tiver mais alcance, agora prove
Isto é, se achar realidade
Eu não posso escrever nem a metade
Dessa página real e alvissareira
Proclamada a República brasileira
O regime da nossa liberdade.

ANEXO K - SONHEI COM O GUAPORÉ QUERO VER RONDÔNIA AGORA!

Sou um filho do Nordeste
Pedaço do meu Brasil
Sonhos tenho mais de mil
Com coisas do Centro-Oeste
Se passar pelo Sudeste
Não ficarei meia hora
Só terei essa demora
Enquanto tomo um café
Sonhei com o Guaporé
Quero ver Rondônia agora!

Ver onde os aventureiros
Deram seus primeiros passos
Em diferentes espaços
Garimpos e garimpeiros
Famigerados guerreiros
Esperavam outros de fora
E também onde não mora
Nem cacique, nem pajé
Sonhei com o Guaporé
Quero ver Rondônia agora!

Falo dos dois marechais
Cada um tinha seu dom
Marechal Cândido Rondon
E Mascarenhas de Moraes
Um lutava pela paz
Que ainda se comemora
Todos dois já foram embora
Só têm os nomes de pé
Sonhei com o Guaporé
Quero ver Rondônia agora!

Quero chegar na fronteira
Por diferentes estradas
Banhar as faces enrugadas
Nas águas do Rio Madeira
Onde a selva brasileira
Constantemente vigora
E onde a onça devora
Quem chegar ali a pé
Sonhei com o Guaporé
Quero ver Rondônia agora!

Hoje não se escreve mais
Guaporé da Amazônia
Atualmente é Rondônia
Com documentos legais
Tem riquezas naturais
Mineral, garimpo explora
A produção se aprimora
Cana, milho, arroz, café
Sonhei com o Guaporé
Quero ver Rondônia agora!

Porto Velho, a capital
Por ser um dos mais antigos
Penso até que deu abrigos
A barcos de Portugal
E o nome original
Do grande Rondon de outrora
Eu quero cruzar a flora
Na Madeira-Mamuré
Sonhei com o Guaporé
Quero ver Rondônia agora!

ANEXO L - XAPURI FOI ENTERRADO DEBAIXO DO CAJUEIRO

Cabo Lúcio possuía
Um jumentinho estimado
Por ele mesmo criado
Bem zelado noite e dia
Lá na sua estrebaria
Do dono sentia o cheiro
A morte com desespero
Matou o jerico amado
Xapuri foi enterrado
Debaixo do cajueiro.

Era um jumento possante
Bem-disposto e corredor
Mimoso reprodutor
Bem adestrado e constante
Galopador importante
Esquipador e troteiro
Tão novo, foi tão ligeiro
Pela morte arrebatado
Xapuri foi enterrado
Debaixo do cajueiro.

O dono mandava, ia
Pra onde o dono mandava
Mandava parar, parava
Mandava seguir, seguia
Mandava rir, ele ria
Era valente e maneiro
Valia tanto dinheiro
Que por ninguém foi comprado
Xapuri foi enterrado
Debaixo do cajueiro.

Os pelos finos demais
Lustrosos como os da lontra
Outro igual ninguém encontra
Entre todos os animais
O que fez, outro não faz
Só se for no estrangeiro
Mas no solo brasileiro
Se nasceu não foi criado
Xapuri foi enterrado
Debaixo do cajueiro.

Cabo Lúcio ainda sente
Saudades do jumentinho
Às vezes fala baixinho
Sem dizer nada pra gente
Recorda presentemente
O seu destro companheiro
Vai perto do galinheiro
Solta um soluço abafado
Xapuri foi enterrado
Debaixo do cajueiro.

Quando Xapuri morreu
Seu dono ficou aflito
Levantou-se e deu um grito
Que a casa estremeceu
Chorando porque perdeu
Seu reprodutor campeiro
Só não botou luto inteiro
Com medo de ser pecado
Xapuri foi enterrado
Debaixo do cajueiro.

ANEXO M - SER DIGNO

Ser digno é ser constante
Capacitoso e decente
E sentir o quanto sente
Seu irmão, seu semelhante
E nunca ser arrogante
Nem falar mal de ninguém
Respeitar e tratar bem
Faz parte da disciplina
Dignidade é divina
Não se aprende com ninguém.

Já parte da formação
Por Deus o grande arquiteto
Sopro da vida no feto
Ou seja, o mesmo embrião
E nessa transformação
Da dimensão do Além
Daí o mistério vem
Não sei se é signo ou sina
Dignidade é divina
Não se aprende com ninguém.

ANEXO N - PERNAMBUCO É MINHA VIDA E ALTINHO MINHA RAZÃO

Sou nordestino de raça
Pernambucano de veras
Vivo sem temer as feras
Que venham de qualquer praça
No Brasil só acho graça
Neste pedaço de chão
Pernambuco por ser leão
A cidade por ser querida
Pernambuco é minha vida
E Altinho minha razão.

Penso em Glória do Goitá
Feira Nova e Apoti
Vitória não fico ali
Em Pombos não passo lá
Não demoro em Gravatá
Bezerros não dou atenção
Caruaru também não
Só Altinho me convida
Pernambuco é minha vida
E Altinho minha razão.

Quixabeira pequenina
Tão grande que foi teu nome
Tendo no meu sobrenome
A madeira nordestina
Quixabeira em Agrestina
Ainda é recordação
Só que em meu coração
Se acha aberta a ferida
Pernambuco é minha vida
E Altinho minha razão.

Vezeis estou em desatino
Coisas erradas pensando
Jane me pede chorando
Mudo logo o meu destino
Santo Deus. Oh! Pai divino
Me estende a santa mão
Fico na minha função
Na cidade preferida
Pernambuco é minha vida
E Altinho minha razão.

ANEXO O - SE EU PUDESSE EU DARIA CEM MILHÕES PARA NÃO VER MEU PLANETA EM OUTRO ESPAÇO

Eu não penso em Plutão e nem Urano
Nem em Vênus, Saturno e nem em Marte
O planeta que falo toma parte
Nesse espaço global do ser humano
Eu só posso revê-lo de ano em ano
Ao chegar, choro, rio e lhe abraço
Não reclamo a Jesus do meu fracasso
Mas medito as poucas condições
Se eu pudesse eu daria cem milhões
Pra não ver meu planeta em outro espaço.

Ao astro que faço referência
Ainda é luminoso como era
A mudança que tem é a esfera
Mas recebe de Deus a influência
Eu aqui agradeço à Providência
Por guiar seu destino passo a passo
Cada uma saudade forma um laço
São dois laços ligando os corações
Se eu pudesse eu daria cem milhões
Pra não ver meu planeta em outro espaço.

O destino levou pra tão distante
Quem eu tanto queria bem pertinho
Está escuro o Céu do Sobradinho
E o seu campo está repugnante
Quando o Sol aparece é escaldante
Queima as folhas das plantas no terraço
Quando aumenta a saudade aqui eu faço
Muitas preces em forma de orações
Se eu pudesse eu daria cem milhões
Pra não ver meu planeta em outro espaço.

A mudança do astro foi mistério
Que até hoje eu estranho a decisão
Sabe Deus se não foi uma visão
Que o Divino mandou do santo império
Pra mudar de lugar e de hemisfério
Para ter um futuro sem cansaço
E uma vida feliz em seu regaço
Para nunca lembrar humilhações
Se eu pudesse eu daria cem milhões
Pra não ver meu planeta em outro espaço.

Estou velho demais, não posso mais
Nem pensar na passagem de um cometa
Como é que eu peço a um planeta
O regresso, as auroras boreais
Só me resta pedir ao Pai dos pais
Que na minha existência dê um traço
Entre o pâncreas, o fígado e o baço
Para ver se ameniza as aflições
Se eu pudesse eu daria cem milhões
Pra não ver meu planeta em outro espaço.

Os distúrbios que eu sinto em profusão
Me jogando para o fundo do abismo
A tendência é parar meu organismo
Com abalo total na pulsação
E um prévio aviso ao coração
Que começa daí o embaraço
Eu não sei se precisa marca-passo
Para ter existência mais comprida
Eu só sei que daria até a vida
Pra deixar meu planeta em meu espaço.

ANEXO P - MEU PEITO NÃO CABE MAIS SAUDADES D'UM FILHO AUSENTE

Estou emocionado
Relendo os Poemas teus
Solitário peço a Deus
Bom destino reservado
Para meu filho adorado
Em lugar tão diferente
Desta região da gente
Onde cantam os sabiás
Meu peito não cabe mais
Saudade d'um filho ausente.

Penso em Vavá, penso em Josa
Mas moram perto de mim
César vai e volta assim
Pra nossa casa mimosa
Só tu na terra assombrosa
Passaste a ser residente
Eu já velho impaciente
Com o que a velhice traz
Meu peito não cabe mais
Saudade d'um filho ausente.

Mesmo assim muito distante
Permaneça trabalhando
Seu futuro preparando
Que é o mais importante
Que daqui para diante
Vou passar a decadente
Ancião soluça e sente
Recordações imortais
Meu peito não cabe mais
Saudade d'um filho ausente.

Pois foi Jesus quem lhe deu
Destino de viajar
Para viver num lugar
Bem diferente do seu
Eu também longe do meu
Sinto o que você não sente
Seu lamento é diferente
Porque tem seus velhos pais
Meu peito não cabe mais
Saudade d'um filho ausente.

ANEXO Q - PRA LEVAR O MEU FARDO NA VELHICE VOU PEDINDO UMA AJUDA À MOCIDADE

Vinte e dois foi o ano que eu nasci
E a data foi sete de agosto
Pra viver entre o gosto e o desgosto
Entre eles vivendo até aqui
Santas graças de Deus eu recebi
Como a paz, a saúde e a liberdade
Hoje sofro, o motivo é a idade
Nenhum velho tem nada de meiguice
Pra levar o meu fardo na velhice
Vou pedindo uma ajuda à mocidade.

Agradeço ao meu Deus porque me deu
Este dom de poeta, dom divino
Agradeço também ao meu destino
Porque chance também me ofereceu
Como velho na sala só tem eu
Implorando do povo a piedade
Que num gesto fiel de humanidade
Me ajuda rumo à caduquice
Pra levar o meu fardo na velhice
Vou pedindo uma ajuda à mocidade.

Já cantei em diversos festivais
Conquistei importantes amizades
Percorri mais ou menos mil cidades
Conheci dezessete capitais
Hoje eu quero cantar, não canto mais
A lembrança está menos da metade
Não sei mais o que é sonoridade
Vou dizer o melhor, digo tolice
Pra levar o meu fardo na velhice
Vou pedindo uma ajuda à mocidade.

Hoje em dia eu me acho colocado
Entre trinta milhões de diabéticos
Todos sonhos fantásticos e poéticos
Um por um está sendo descartado
Durmo e sonho com coisas do passado
E desperto pensando em ser verdade
Mas não tem a menor realidade
Foi engano do anjo que me disse
Pra levar o meu fardo na velhice
Vou pedindo uma ajuda à mocidade.

ANEXO R - DÊ UM PRESENTE A SEU PAI SEU AMIGO A QUALQUER HORA

Jovens sejam conscientes
Os seus papais não avisam
Mas saibam que eles precisam
De receberem presentes
Vocês enquanto inocentes
Deram trabalho em outrora
Não estão lembrando agora
Nem da palavra “Papai”
Dê um presente a seu pai
Seu amigo a qualquer hora.

Você ainda inocente
Quando no berço dormia
Na hora que adoecia
Sua mãe impaciente
Fazia a seu pai ciente
Antes de haver piora:
- Vamos para o posto agora
Pra vermos se a febre sai!
Dê um presente a seu pai
Seu amigo a qualquer hora.

O poeta resolveu
Prestigiar todos pais
Você é novo demais
Mas seu pai envelheceu
Então o presente seu
Você deve dar-lhe agora
Na hora que você chora
Pranto dele também cai
Dê um presente a seu pai
Seu amigo a qualquer hora.

O seu papai no passado
Já fez tudo por você
Pois agora você dê
O seu presente esperado
Que não seja o desejado
Mas qualquer um ele adora
Fica alegre aonde mora
Pra onde o presente vai
Dê um presente a seu pai
Seu amigo a qualquer hora.

ANEXO S - SOU FELIZ E VIVO BEM PORQUE SOU ILUMINADA

No ventre de mãe querida
A mãe de Deus me ajudou
Com certeza encaminhou
Os passos da minha vida
Numa vida bem vivida
Fui por ela encaminhada
Problema pra mim é nada
A solução logo vem
Sou feliz e vivo bem
Porque sou iluminada.

Sinto no meu coração
As dores dos mais sofridos
Onde esperam ser servidos
Em vez do sim, vem o não
Mas eu divido meu pão
Que Deus me fez obrigada
Não deixar desamparada
A pessoa que não tem
Sou feliz e vivo bem
Porque sou iluminada.

Só a Deus para não
Me faltar o que comer
E em minha mesa ter
Qualquer dia mais de um pão
Para dar ao meu irmão
Ou irmã necessitada
Riqueza não me agrada
Porque não salva ninguém
Sou feliz e vivo bem
Porque sou iluminada.

Eu nunca tive ambição
Por nenhuma coisa alheia
Quer seja bonita ou feia
De um centavo ou de um milhão
Não invejo a posição
Por mais que seja elevada
Não vivo preocupada
Com bem-estar de alguém
Sou feliz e vivo bem
Porque sou iluminada.

Meu pai veio com a missão
Com mamãe foi dividida
Me geraram, mas a vida
Me veio da santa mansão
Papai com obrigação
De dar o pão à filha amada
Mãe ficou encarregada
De me educar também
Sou feliz e vivo bem
Porque sou iluminada.

ANEXO T - EU NÃO SEI O QUE É CIDADANIA, MAS VOU VER SE CONSIGO LHE AJUDAR

Eu que tenho o desejo de fazer
É o bem pela coletividade
Não posso, fico só com a vontade
Estressando sem nada acontecer
Vejo alguém sem um pão para comer
Quem tem muitos, tem muitos, mas não dá
Segue o pobre a jornada sem parar
Anoitece e a fome não sacia
Eu não sei o que é cidadania
Mas vou ver se consigo lhe ajudar.

Eu também fui eleito cidadão
Sem poder fazer nada por ninguém
O meu lema é só pensar no bem
Para nunca ferir o meu irmão
O progresso nasceu da união
E unidos nós vamos trabalhar
Não sou nada, mas vou colaborar
Pra poder garantir que eu dizia
Eu não sei o que é cidadania
Mas vou ver se consigo lhe ajudar.

ANEXO U - ERA O CÂMARA CASCUDO DO AGRESTE FOTOCÓPIA FIEL DE ZÉ DA LUZ

Foi poeta de vasta inspiração
Expressão cultural de nossos dias
Com arranjos em várias melodias
Que abalavam a nossa região
Foi o braço direito do São João
Desta terra que tanto nos seduz
Soluçando por Lídio me dispus
A manda um recado pro Sudeste
Era o Câmara Cascudo do agreste
Fotocópia fiel de Zé da Luz.

Alegrava ao povo da lavoura
Declamando na Rádio Liberdade
Despertava o povo da cidade
Foi o poeta da classe produtora
Mensageiro leal da emissora
Fervoroso devoto de Jesus
Cristo foi para o Céu deixou a cruz
Com Jesus, Lídio foi sem fazer teste
Era o Câmara Cascudo do agreste
Fotocópia fiel de Zé da Luz.

Na Cultura, a Cultura Nordestina
Foi por ele tão bem representada
Difusora a primeira registrada
Informando à classe campestre
Liberdade serviu-lhe de rotina
O pequeno poeta assim deduz
Que o bardo em cinzas se reduz
Sob o pó fecundante no Nordeste
Era o Câmara Cascudo do agreste
Fotocópia fiel de Zé da Luz.

ANEXO V - PARABÉNS NESTA SUA TRAJETÓRIA E BEM-ESTAR NAS SEGUIDAS QUE VIRÃO

Está gozando o amor material
Da família tão bem estruturada
A meu ver não está falando nada
Nesta vida tranqüila do casal
E na sua trajetória conjugal
Acredito que reine a união
Uma etapa pra cada coração
Reservar o melhor pra Santa Glória
Parabéns nesta sua trajetória
E bem-estar nas seguidas que virão.

Uma vida tranqüila e bem vivida
É o conforto maior do ser humano
Por amor do Divino Soberano
Recebemos o bem em nossa vida
Até mesmo Maria Concebida
Intercede na vida do cristão
E para nossa maior satisfação
O seu nome compõe a nossa história
Parabéns nesta sua trajetória
E bem-estar nas seguidas que virão.

Eu imploro a Deus Pai que lhe dê fé
Neste mundo, esperança e caridade
Depois disso, lhe dê mentalidade
Superando a que deu a Maomé
A visão avançada de Noé
De fazer a eterna construção
De uma arca pra salvar a geração
Que seria pra ele a maior glória
Parabéns nesta sua trajetória
E bem-estar nas seguidas que virão.

Muita paz, muito amor e lealdade
Saúde em si próprio e na família
Santa força oculta na vigília
Da casa que tem tranqüilidade
Não precisa maior felicidade
Que não ter a menor perturbação
Colocado na sua posição
E na sua decisão obrigatória
Parabéns nesta sua trajetória
E bem-estar nas seguidas que virão.

Uma vida tranqüila e com doçura
Com prazer, alegria e bem-estar
Com estrelas brilhantes no seu lar
Num combate ferrenho à desventura
Para sempre fugir à amargura
Nunca mais perturbar o meu irmão
Sem tormento nenhum no coração
Conservando a visão e a memória
Parabéns nesta sua trajetória
E bem-estar nas seguidas que virão.

ANEXO W - UMA ESTRELA LUMINOSA ESTÁ GUIANDO A SUA VIDA

Nasceu numa madrugada
Em sessenta e cinco o ano
Dia que o Soberano
Estava de mão estirada
Para a Virgem Imaculada
Ou Maria Concebida
Abençoava em seguida
O filho de Ana Rosa
Uma estrela luminosa
Está guiando a sua vida.

Zero hora da manhã
Cinco minutos depois
O onipotente expôs
A criancinha louça
Houve um cheiro de maçã
E de incenso na guarida
Beijava a mãe querida
Sua criança mimosa
Uma estrela luminosa
Está guiando a sua vida.

Dezoito de julho o dia
Mais santo pra Ernestinho
Que beijava seu filhinho
Transpassado de alegria
Titico depressa ia
Na bodega conhecida
Comprar bolacha e bebida
Fogo do ar e gasosa
Uma estrela luminosa
Está guiando a sua vida.

Foguetão mais foguetão
Que iluminava a floresta
O povo grita é festa!
Na Praça Padre Leão
Juntou-se à população
Foi logo a casa invadida
Muita gente reunida
Na casa maravilhosa
Uma estrela luminosa
Está guiando a sua vida.

**ANEXO X - UM POR CENTO EM TODA HUMANIDADE COMEMORA ESTA DATA EM
QUALQUER DIA**

Fevereiro de quatro em quatro anos
De acordo com o sistema planetário
Mais um dia se lê no calendário
Na sequência dos signos e arcanos
Entre gregos, egípcios e troianos
Que apoiaram a maior sabedoria
O calendário romano nos trazia
Mais um dia no mês, a novidade
Um por cento em toda humanidade
Comemora esta data em qualquer dia.

Tenha muita saúde, amor e paz
Com sucesso total em seus desejos
Com afagos de todos e mil beijos
E grinaldas de flores naturais
Com mensagens, com filmes e postais
E Deus Pai visitando a moradia
A orquestra do Céu na melodia
Entoando a canção da divindade
Um por cento em toda humanidade
Comemora esta data em qualquer dia.

Parabéns do poeta nordestino
Que deseja o melhor pra sua vida
Estás no seio da família reunida
Como estrela brilhando em seu destino
Com os anjos do Céu canto um hino
Envolvido no manto de Maria
Com o astro maior na companhia
E em torno de si, a claridade
Um por cento em toda humanidade
Comemora esta data em qualquer dia.

Fevereiro, esta data aqui se nota
Que os nativos do mês não são vizinhos
No Recife nasceu Dr. Carlinhos
Bem ali Josafá da Silva Mota
Em Belém do Pará, Arlindo Tota
Nada sei da sua biografia
Diz assim quem já leu astrologia
Quem vem da remota antiguidade
Um por cento em toda humanidade
Comemora esta data em qualquer dia.

ANEXO Y - EU PERDI NO TRANSPORTE DA VELHICE A BAGAGEM DA MINHA MOCIDADE

Oito anos, doze anos, dezesseis
Fui perdendo os carinhos dos meus pais
E chegando à idade de rapaz
O afago paterno se desfez
O de mãe, como mãe, minha mãe fez
Que reinasse cem por cento da metade
Muito embora que aquela quantidade
O seu filho vaidoso nem sentisse
Eu perdi no transporte da velhice
A bagagem da minha mocidade.

No avanço da fase adolescente
Esperanças, desejos, aventuras
Conservei um celeiro de loucuras
Sem pensar no que vinha pela frente
Mas o tempo é veloz e velozmente
Foi embora com a minha puberdade
Juventude pra mim foi tempestade
Deus não quis que a mesma me atingisse
Eu perdi no transporte da velhice
A bagagem da minha mocidade.

E assim a idade foi crescendo
Com um passo pra frente, dois pra trás
Eu sentindo em mim que não sou mais
Por notar o meu corpo esmorecendo
O que fui no passado não estou sendo
Do que mais eu gostei, estou sem vontade
Só há mesmo no peito ansiedade
Se disser que sou forte é gabolice
Eu perdi no transporte da velhice
A bagagem da minha mocidade.

Foi um fã de forró e vaquejada
Fui de prado e de jogo de azar
Meu esporte maior foi namorar
Com qualquer uma “zinha” desprezada
Não paquero, não quero, estou sem nada
E somente a tristeza me invade
E a mulher abstrata “Soledade”
Que é velha, não teve meninice
Eu perdi no transporte da velhice
A bagagem da minha mocidade.

Estou vivendo meus dias de ancião
Só pensando na minha juventude
Destruída pela decrepitude
Arrastada por forte furacão
Sem ter prova real da conclusão
Se é comum ou se é fatal idade
Só na morte haverá realidade
Se houver noutro ser, ninguém me disse
Eu perdi no transporte da velhice
A bagagem da minha mocidade.

Tantas coisas gozei na minha vida
Não há mais esperanças de gozá-las
Cantorias rendosas, boas salas
Com viola bonita e sustentada
Estou velho, ninguém não me convida
Pra cantar em qualquer localidade
Estou vivendo isolado na cidade
Que me leva a pensar na caduquice
Eu perdi no transporte da velhice
A bagagem da minha mocidade.

ANEXO Z - MAS MEU DOM DE POETA VIVERÁ ATÉ O DIA FINAL DE MINHA VIDA

Estou vivendo o período de idoso
Ou de velho que é mesmo de ancião
Mas em moço eu zelei a profissão
Enfrentei um período rigoroso
Por que foi que tornei-me criminoso?
Sem pensar de ser nunca um homicida
Toda força que fiz foi esquecida
Está no dito comum deixa pra lá
Mas meu dom de poeta viverá
Até o dia final de minha vida.

Eu fui um sucessor dos sucessores
Que já vinham na longa caminhada
Defendendo uma classe quase nada
Conhecida em termos de valores
Pioneiros, poetas, cantadores
Enfrentaram a luta mais renhida
Mesmo assim minha luta foi perdida
E vitória pra mim não haverá
Mas meu dom de poeta viverá
Até o dia final de minha vida.

Minha voz não é mais a do passado
A lembrança está menos da metade
Já chegando aos 80 de idade
Me conformo em não ser solicitado
Pelo menos por outros, ser lembrado
Que não tenho uma vida bem vivida
A matéria doente e abatida
Nem conceito no coleguismo há
Mas meu dom de poeta viverá
Até o dia final de minha vida.

Diabetes me fez acabrunhado
Mas não sofro de câncer ou leucemia
Pra no campo florido da poesia
Ser em tudo e por todos rejeitado
Competir eu não posso está provado
Para outra função ninguém convida
Minha vida está sendo destruída
Sem apoio de ninguém nem lá nem cá
Mas meu dom de poeta viverá
Até o dia final de minha vida.

ANEXO AA - FAZENDA RIACHO ESCURO

Quem conheceu a fazenda
De nome Riacho Escuro
E comeu queijo de lá
Manteiga de leite puro
Nem sonhando pensaria
No seu regresso futuro.

O padre Torres Brasil
O legítimo dono dela
Com largas propriedades
Que pertenciam a ela
Sou testemunha ocular
Porque fui criado nela.

Animais de várias raças
Tinha esse fazendeiro
Bezerros ninguém contava
Muito mais gado leiteiro
E touros de pontas grossas
Que assombravam o vaqueiro.

Criados nas matas virgens
Como iguais, eu nunca vi
Como fosse o mororó
Fundo de pasto dali
Riacho Escuro já foi
Coração do Cariri.

Aqui, acolá, se viam
Lagoas em quantidade
O pasto cobria a terra
De não ver-se a qualidade
E o Rio Taperoá
Banhando a propriedade.

Oitenta, noventa ou cem
Vaqueiros do Cariri
Outros de Curimataú
Com outros de Sabugi
Todos em Riacho Escuro
Festa melhor nunca vi.

Depois que o dono morreu
Foi entregue aos herdeiros
Começaram a vender gado
Cavalos, bodes, carneiros
Hoje é só Riacho Escuro
Recordação dos vaqueiros.

Não há mais apartação
Porque gado não tem mais
Propriedades vendidas
E derribados os currais
As matas foram cortadas
Secaram os mananciais.

Derribaram a casa velha
Depois venderam a madeira
Linhas, caibros, portas, ripas
Portões, batentes, soleira
Até os torrões já foram
Reduzidos a poeira.

Vaqueiros daquele tempo
Não há mais nem a metade
Uns morreram, outros deixaram
Por não terem mocidade
Não é mais Riacho Escuro
É pavilhão da saudade.

ANEXO AB - VAQUEIRO POR VOCAÇÃO

Eu sou fã de vaquejada
Ou festa de apartação
Correr no mato encourado
De guarda-peito e gibão
Ferrar gado e vacinar
E puxar boi no mourão.

O gado do meu patrão
Eu trato, eu curo, eu ajeito
Quando adoece uma rês
Eu fico mal satisfeito
Só morre se Deus quiser
Porque não posso dar jeito.

Só me sinto satisfeito
Quando me vejo ocupado
Tirando leite de vaca
Vendo o bezerro ‘apeado’
E quando tomo café
Vendo o cavalo selado.

Correr no mato fechado
Para mim é diversão
Pegar um boi mandingueiro
Bater com ele no chão
Encaretá-lo e chinchá-lo
Pra mostrá-lo ao meu patrão.

Sei que a festa no mourão
É muito mais animada
Quando a rádio e a TV
Se encontram nessa parada
E queda de boi no mato
Não tem registro de nada.

É carreira disparada
Por cima do tabuleiro
Por entre paus e cipós
Rasga-beiço e marmeleiro
Mas se não trouxer o boi
Não prova ser bom vaqueiro.

É melhor gastar dinheiro
Mesmo sem a profissão
De pegar boi na caatinga
Rasgando o couro da mão
Que a imprensa só registra
Se tiver boi no mourão.

Mas eu disse ao meu patrão
Que me arrumou a morada
Que o meu esporte é gado
Sou louco por vaquejada
Tanto faz correr na pista
Como na mata fechada.

D’uma sangria apertada
Parte o boi como um *jatão*
Vaqueiro pega no rabo
Entrega para seu irmão
Tem boi que a maçaroca
Deixa enrolada na mão.

Quando eu morrer, meu patrão
Não quero choro nem nada
Convide todos vaqueiros
Que saibam cantar toada
Por caridade me enterrem
No parque de vaquejada.

ANEXO AC - DESTINO DE VAQUEIRO

Quem nasce pra ser vaqueiro
Só se acostuma no mato
Montando em cavalo bom
Correndo atrás do boiato
Levando rama no peito
E trabalhando barato.

Trabalha sem ter contrato
Sem direito a comissão
Mas quando o patrão é bom
Faz o gosto do patrão
Zelando o gado e tomando
Mais gosto na profissão.

De manhã veste gibão
Deixa o cavalo selado
Toma um cafezinho e sai
Bastante apressado
Pra manter um compromisso
Que ele tem com o gado.

Na separação do gado
Já dá diversas carreiras
Gado solteiro de um lado
Do outro, vacas leiteiras
Só o cachorro lhe ajuda
Nas labutas catingueiras.

Bezerros que têm bicheiras
Permanecem encurralados
Depois o vaqueiro volta
Com outros encarregados
E cura com “Larvicid”
Depois serão vacinados.

Entre mangas e cercados
O gado está dividido
Depois o vaqueiro aboia
Como quem faz um pedido
Com hora e meia, depois
O gado está devolvido.

O vaqueiro destemido
Com o cachorro de lado
São quatro horas da tarde
Quando o vaqueiro enfadado
De longe avista uma rês
Que se separou do gado.

Num galope acelerado
Se dirige ao local
Encosta o cavalo e grita
Perseguindo o animal
Até juntá-lo à boiada
Em direção do curral.

Eu fui um profissional
Gostei da vida campeira
No mato eu não corro mais
Só em mourão de porteira
Que não vou perder a vida
Enganchado em quixabeira.

Já quebrei muita madeira
Em carreira disparada
Enfrentei gado manhoso
Trabalhei por quase nada
No mato eu não entro mais
Só não deixo vaquejada.

ANEXO AD - TRIBUTO AO VAQUEIRO HELENO GINO

A vida de Heleno Gino
Por nós todos conhecida
Natural de Quebrangulo
Sua cidade querida
Em Batalha iniciou
Outra batalha na vida.

De Batalha fez saída
Não dava mais pra ficar
Dirigiu-se a Pernambuco
Garanhuns, este pomar
E a Fazenda Serra Branca
Lhe chamou pra trabalhar.

Logo assumiu o lugar
De vaqueiro zelador
Aos animais da fazenda
Tratava com tanto amor
Que o gado lhe conhecia
Pela voz e pela cor.

Tornou-se um aboiador
Famoso para cantar
Querido por muita gente
Mas resolveu se casar
E escolheu Dona Creusa
Para ser dona do lar.

Da convivência do lar
Nasceram frutos do amor
Tem Lenice e tem Lenira
Tanúbia mimosa flor
Gilmar e Givaldo Gino
Que é também aboiador.

Todos choraram de dor
Da partida dolorosa
Lembrando Heleno e Ivone
Que dupla maravilhosa
Ou *mesmo* com Ferreirinha
Poeta de Venturosa.

A família está chorosa
Vê-se o pranto em cada rosto
O calendário da dor
Mostrando o mês do desgosto
A morte em noventa e nove
A dezenove de agosto.

É pranto, é luto, é desgosto
Na família de Heleno
Porém Deus não lhe quis mais
Morando neste terreno
Chamou pra cantar toada
No Sítio do Nazareno.

ANEXO AE - A PRINCESINHA NOVILHA MISTERIOSA DA FAZENDA RONCADOR

Fui batizada com o nome
De Princesinha da Serra,
Corro muito e pulo mais
Vaqueiro que vem atrás
Não vê meu rastro na Terra.

Eu fui batizada
No mato criada
Não temo ramada
Nem unha-de-gato
Vaqueiro eu insulto
Não vê nem meu vulto
Porque me invulto
Na sombra do mato.

Eu sempre me afasto
Pro fundo do pasto
Fazendo meu rasto
Na ponta do casco
Vaqueiro afamado
Que vem contratado
O cavalo cansado
Fica no carrasco.

Cachorro famoso
Fica preguiçoso
Vaqueiro nervoso
Temendo as cavernas
Perdendo o preparo
Deixo sem amparo
O cachorro sem faro
O vaqueiro sem pernas.

Sou absoluta
Durmo numa gruta
Vaqueiro recruta
Não pode me achar
Não vê a malhada
Nem minha pousada
Só vê a entrada
E não pode passar.

É pouco meu sono
Não sabe meu dono
Que tenho o meu trono
Forrado de grama
Carreira comprida
Não me intimida
Que fico envolvida
No verde da rama.

Tem índios guerreiros
Valentes flecheiros
Antigos vaqueiros
Que estão no além
Se madrinha não der
Uma ordem qualquer
Se ela não quiser
Não entra ninguém.

Não sofro do cio
Meu corpo é sadio
Eu bebo no rio
Dos vaqueiros sem panos
Pulo do aterro
No longo desterro
Primeiro bezerro
Daqui a dez anos.

Senhor fazendeiro
Avise ao vaqueiro
Que venha primeiro
Falar com madrinha
No mato fechado
No reino do gado
Pra ser batizado
Na mesma igreja

ANEXO AF - VAQUEIRO DO MEU SERTÃO

Ser vaqueiro é ser herói
Precisa nascer dotado
Crescer montando a cavalo
Sonhar que anda encourado
Gostar de correr no mato
E sentir cheiro de gado.

Só gostar de conversar
Com alguém que foi vaqueiro
Ouvir história passada
De algum boi mandingueiro
Ter como esporte o gado
E um cavalo ligeiro.

Não gostar de paletó
Colete nem jaquetão
A roupa de preferência
É guarda-peito e gibão
Só usa chapéu de couro
Vaqueiro do meu sertão.

Cachorro e cavalo bom
É o que mais ele zela
Chocalho e corda de couro
Bem amarrada na sela
E o remédio que toma
É quixabeira e favela.

Cachorro corre no rastro
E o vaqueiro acompanha
Naquele *xoto* rasgado
Nem se fere e nem arranha
O cachorro acua o boi
Daí começa a façanha.

Se tiver outro vaqueiro
Correm os dois em disparada
Mas se o outro não chegar
No bebedouro ou malhada
Bota o cavalo no boi
Sem ter receio de nada.

O boi quebrando madeira
Que a poeira faz fumaça
Cachorro pega no beijo
Vaqueiro derruba e laça
Os quatro passam num canto
Que o vaqueiro a pé não passa.

O boi tremendo no chão
Mas já está enchocalho
O cachorro de uma banda
E o vaqueiro cansado
Tem que levá-lo à fazenda
Ou vai na frente ou chinchado.

Vaqueiro encareta o boi
Que é melhor pra levar
E o cachorro acompanha
Por ser amigo sem par
Que o cachorro de lado
Não pode mais se deitar.

Quando chega na fazenda
O patrão sente alegria
Chama todos fazendeiros
Que moram na freguesia
Para comerem o churrasco
Na manhã do outro dia.

ANEXO AG - NÃO POSSO MAIS SER VAQUEIRO

No tempo que eu era moço
Montava a cavalo em osso
Do lombo até o pescoço
Era uma coisa só
Derrubava atravessado
Laçava de qualquer lado
Dava queda em boi raçado
Que as pernas davam um nó.

Só gostava de carreira
Onde quebrava a madeira
No mourão, na capoeira
Achava fácil demais
Já hoje estou diferente
Cansado, velho, doente
Onde tem um boi valentei
Nem com reza eu pego mais.

Fui ligeiro como um gato
E nunca quebrei um trato
Sendo pra correr no mato
Eu era o mais animado
Hoje triste onde habito
Vendo os couros num cambito
Não pego nem um cabrito
Só se estiver amarrado.

Vendo o meu gibão mofado
Em um gancho pendurado
A sela pra outro lado
Guarda-peito e roladeira
A corda, a chinha eu nem falo
O chocalho sem badalo
Meu retrato no cavalo
No fim da última carreira.

Em qualquer luta com gado
Eu sempre fui afamado
O tirador consagrado
De leite na região
Hoje só tenho a vontade
Os nervos pela metade
Com o peso da idade
O caneco cai da mão.

Se uma rês adoecia
Até purgante eu fazia
Que de longe eu conhecia
Se era veneno ou rama
Hoje em dia nada faço
Com vista curta e cansaço
Sentindo dor no espinhaço
Sem poder sair da cama.

Adeus queridos vaqueiros
Colegas e companheiros
Fazendeiros, boiadeiros
E a quem me deu troféu
Morreu a minha esperança
Choro igualmente criança
Mas conservo na lembrança
Luvas, perneiras e chapéu.

Adeus mimosas campinas
Chapadas, serras, colinas
Bebedouros e salinas
Mourão, curral, tabuleiro
Estou sendo positivo
Estou vivo, mas não vivo
A velhice é o motivo
Não posso mais ser vaqueiro.

Ô! Boi manso
Ô! Êê... vaca mansinha,
Ô! Láá...
Ê! Boi valente, hei lá ôôô...

ANEXO AH - MINHA MÃE

Minha mãe, santa mulher
Que neste mundo viveu
Nove meses de espera
Guardou-me no ventre seu
Sempre foi compadecida
Hoje estou gozando a vida
Da vida que mãe me deu.

Fonte de amor e carinho
Afago e sinceridade
Beija, abraça, acaricia
Sem espírito de maldade
Soube a família zelar
Rainha santa do lar
No reino da humanidade.

O filho chora no berço
E a mamãe se levanta
Põe nos afagantes braços
E o soluço suplanta
É santa estrela que brilha
São felizes, filho e filha
Que têm a mãe como santa.

Mamãe, palavra sublime
Imagem santa e querida
Consolo do filho aflito
Sacrificado na vida
Esteja sadio ou doente
A dor que o filho sente
Com a mãe é dividida.

Seja filho ou seja filha
Os afagos são iguais
No sofrimento de ambos
Até o impossível faz
O que a filha sente, ela sente
E vendo o filho doente
Se preocupa demais.

Quando o filho está doente
Procura lhe socorrer
No posto ou no hospital
Se ninguém não a atender
Sai do posto soluçando
Volta pra casa pensando
Que seu filho vai morrer.

Escapa por um milagre
Do santo Deus verdadeiro
A sempre Virgem Maria
Tem dó do seu desespero
Da mãe reforça o carinho
Recupera o seu filhinho
Com um remédio caseiro.

Eu não censuro ninguém
Seja bom ou seja ruim
Que também fui filho ingrato
Por isso é que choro assim
Tanto que lhe fiz sofrer
Sem saber agradecer
O que mamãe fez por mim.

ANEXO AI - QUEM INVENTOU A SAUDADE?

Ainda estou sem saber
Se foi no sul ou no norte
Se foi o fraco ou o forte
No amor ou no prazer
Ninguém soube me dizer
Apenas suposição
Se é desejo ou paixão
A saudade sempre vem
Ou nunca amou a ninguém
Ou nasceu sem coração!

Consultei o dicionário
Mexi na história antiga
Mas não encontrei quem diga
Correto vocabulário
Se é ato imaginário
Não tive a realidade
Se é força da divindade
Eu não dou explicação
Se nasceu sem coração
Quem inventou a saudade!

Saudade boa é a flor
Porque é boa e enfeita
Outra saudade é suspeita
No ziguezague do amor
Veze mágoa, vezes dor
Tristeza, deslealdade
Ciúme, perversidade
Queixa, ódio, ingratidão
Só não tendo coração
Quem inventou a saudade!

Já houve até quem dissesse
Que só há no português
E querer ver outra vez
A pessoa que conhece
Se o tempo passa e esquece
Desaparece a vontade
Sendo assim não é verdade
O desejo de rever
Eu vou parar sem saber
Quem inventou a saudade!

ANEXO AJ - MÃE COM M GRANDE

É o Dia das Mães, o maior dia
Festejado por toda a humanidade
É em maio o mês da santidade
Das novenas da mãe sagrada em pia
Entre as mães do Universo tem Maria
Nossa mãe e a mãe do Salvador
Com doçura falando ao Senhor
E pedindo pra nós amor e paz
Todas mães carinhosas são iguais
No carinho, no afeto e no amor.

A mulher recebeu da mãe de Deus
A missão de ser mãe em sua vida
Só Maria Santíssima a Concebida
Pra ser mãe sem pecar, entre os judeus
As demais defendendo os filhos seus
Não tem medo, nem susto e nem pavor
Até a mãe de Judas traidor
Quando o filho morreu, chorou demais
Todas mães carinhosas são iguais
No carinho, no afeto e no amor.

Ser mãe é ser tudo sem temer
Consequência na sua gestação
Que no ventre o feto ou embrião
Já precisa da mãe lhe proteger
Nos exames que ela vai fazer
Já pergunta o sexo ao doutor
Eu não posso é aqui falar na cor
Que depende do sangue dos seus pais
Todas mães carinhosas são iguais
No carinho, no afeto e no amor.

Só três letras em mãe e mais um til
Deram vida à História mundial
É a sílaba maior, não tem igual
As carícias de mãe são mais de mil
Parabéns para as mães do meu Brasil
Parabéns para as mães do exterior
Podem ser das Américas ou Equador
Podem ser de Havana ou de La Paz
Todas mães carinhosas são iguais
No carinho, no afeto e no amor.

Uma mãe não é santa, mas parece
Na maneira que afaga o seu filhinho
No abraço, no beijo e no carinho
Abraçada com o mesmo permanece
Quando chora nos braços ela aquece
Ou abana se o filho tem calor
Se levanta e balança, passa a dor
Com a dose de amor não chora mais
Todas mães carinhosas são iguais
No carinho, no afeto e no amor.

Minha mãe me ensinou a caminhar
Minha mãe me ensinou a amar Jesus
Minha mãe me ensinou que numa cruz
Jesus Cristo morreu para nos salvar
Minha mãe me ensinou a acreditar
No que fez o Supremo criador
Amar sempre ao próximo e dar valor
Com respeito total a todos pais
Todas mães carinhosas são iguais
No carinho, no afeto e no amor.

ANEXO AK - A MINHA MÃE ADOTIVA

Em uma festa animada
Recebi uma missiva
Que minha mãe adotiva
Se achava sepultada
Perguntei ao camarada:
- Quem esta carta escreveu?
Respondeu: - Um mano seu
Escreveu e assinou
Várzea de Lima baixou,
Porque mamãe faleceu.

Minha mãe se decompôs
No ano cinquenta e sete
Tu mãe, foste ao Olivete
Com vinte anos depois
Seus filhos são mais de dois
E filhas são mais de três
Eu também por minha vez
Me considero um dos seus
Recebas da mão de Deus
Tudo o que por mim já fez.

Tantos favores prestados
Que não os pude pagar
Tenho que a Deus implorar
Com os meus joelhos curvados
Clemência por seus pecados
Que maiores são os meus
Das filhas, dos filhos seus
Neste tal mundo moderno
A tu, mãe, repouso eterno
No Santo Reino de Deus!

Parece que estou vendo
Aquela casa de arrasto
O campo com pouco pasto
Mas os animais comendo
Um rio por trás correndo
E ao lado um riachinho
O qual cortava o caminho
Com a correnteza rasa
De quem ia para casa
Do senhor Manoel Zezinho.

Seu Manoel, o ancião
De paletó e chapéu
Está com mamãe, no Céu
Enquanto José e João
Francisco e Sebastião
Choram por Maria e Ana
Carmem, Celeste, outra mana
E Olindina soluçando
E tu mãe, já repousando
Lá na Mansão Soberana.

Não vou perturbá-los mais
Meus adotivos irmãos
Unamos as nossas mãos
Com sentimentos iguais
Nós todos somos mortais
No mundo das ilusões
De crimes e opressões
Que os homens realizam
Mas eles lá só precisam
Preces, luz e orações.

ANEXO AL - A MORTE DA MINHA FLOR

Com muitas léguas eu soube
Da morte da Minha Flor
O meu coração não coube
Lamento, tristeza e dor
No impacto da saudade
Desgosto e ansiedade
Transformações de relance
Senti a mágoa fatal
Mostrar-me a página final
Do doloroso romance.

Adeus, adeus, Flor da Serra!
Foste num balão de véu
Enquanto eu luto na terra
Tu tens consolo no Céu,
Findou-se o teu sofrimento
E começou meu tormento
Além do que eu já sofria
Mas sofro resignado
E canto emocionado
A mágoa que me crucia.

Senti por estar distante
Nos teus momentos finais,
Na minha vida ambulante
Sem poder te rever mais
Olho para todos rindo
Finjo não estar sentindo
A morte da Minha Flor
Sinto os olhos rasos d'água
Nem o peito cabe a mágoa
Nem o coração a dor.

De chorar tenho razão
Por perder quem tanto quis
A Deus imploro perdão
Se ingratidão te fiz
Foste uma flor entre as flores
Depois soluços e dores
Carregaram a tua essência
Deixando apenas saudade
E a morte sem piedade
Roubou a tua existência.

Quando recordo os abraços
E afetos carinhosos
Sinto o calor dos teus braços
Doces beijos amorosos
Ligeiramente a doçura
Transforma-se em amargura
Queimando como uma chama
Carbonizando o meu peito
Soluço, mas não há jeito
Pra reviver nosso drama.

Tudo o que me resta agora
É pedir nos versos meus
À Santa Virgem e Senhora
Que rogue ao Supremo Deus
Que como Pai e Senhor
Possa levar Minha Flor
Ao santo mundo da luz
Onde o espírito é julgado
Para sair sem pecado
Do tribunal de Jesus.

ANEXO AM - FALSO JURAMENTO

Recordas do juramento
Perante o meu pai querido
Mamãe confiou em ti
Foi outro tempo perdido
Muito mais perdido o meu
Pois te tenho por marido.

Tudo que tenho sofrido
Tu és o único culpado
Me desprezas sem motivo
Poderás ser castigado
Fica no livro de Deus
A mancha do teu pecado.

O meu coração magoado
Pela tua ingratidão
Por falta do teu carinho
Meus filhos perderam o pão
Enquanto curtes com outras
Eu choro a separação.

Que homem sem coração
Espírito sem condolência
É grande meu desespero
Pensando na inocência
Dos meus filhos desnutridos
Que choram na tua ausência.

Já vivo sem paciência
Por sofrer tanto maltrato
Mas como sou educada
Não dou fim ao teu retrato
Em lágrimas eu beijo a foto
De quem me foi tão ingrato.

Também não te desacato
E seja o que Deus quiser
Quem despreza sem razão
Faz o mal, Jesus não quer
Sintas o fim do romance
Da desditosa mulher.